



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

LUZIENE DA SILVA FERREIRA MELO

**“ELE ENVIOU A SUA PALAVRA E OS LIVROU DA MORTE”:
AS PRÁTICAS DE CURA DAS REZADEIRAS EM LAVRAS DA MANGABEIRA-CE,
1960 - 2020**

CAJAZEIRAS-PB

MAIO- 2021

LUZIENE DA SILVA FERREIRA MELO

**“ELE ENVIOU A SUA PALAVRA E OS LIVROU DA MORTE”:
AS PRÁTICAS DE CURA DAS REZADEIRAS EM LAVRAS DA MANGABEIRA-CE,
1960 - 2020**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como requisito para a obtenção de nota na disciplina TCC.

Orientador: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa

CAJAZEIRAS – PB
2021

M528e Melo, Luziene da Silva Ferreira.
“Ele enviou a sua palavra e os livrou da morte”: as práticas de cura das rezadeiras em Lavras da Mangabeira-CE 1960-2020 / Luziene da Silva Ferreira Melo. - Cajazeiras, 2021.
119f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2021.

1. História local. 2. Oralidade. 3. Religiosidade popular. 4. Rezadeiras. 5. Lavras de Mangabeira-CE. 6. História cultural. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 2-853(813.1)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

LUZIENE DA SILVA FERREIRA MELO

**“ELE ENVIOU A SUA PALAVRA E OS LIVROU DA MORTE”:
AS PRÁTICAS DE CURA DAS REZADEIRAS EM LAVRAS DA MANGABEIRA-CE, 1960 -
2020**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em História da
Universidade Federal de Campina Grande,
Centro de Formação de Professores, como
requisito para a obtenção de nota na disciplina
TCC.

Aprovada em 24/05/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Silvana Vieira de Sousa
Orientadora UACS/CFP/UFCG

Prof.^a Dr. Israel Soares de Sousa
Examinador UACS/CFP/UFCG

Prof.^a Dra. Janaina Valeria Pinto Camilo
Examinador UACS/CFP/UFCG

Prof.^a Dra. Viviane Gomes de Ceballos
Suplente UACS/CFP/UFCG

CAJAZEIRAS – PB

2021

AGRADECIMENTOS

A minha base de tudo, Deus. Meu companheiro de ingresso e trajetória acadêmica. Ele que suportou minhas angústias e demoras. Meus choros e inúmeras promessas, algumas ainda nem cumpridas. A ti Senhor, que foi meu refúgio nos momentos de incertezas e espera. Minha eterna gratidão, meu Senhor, por todas as experiências que me permitiu viver antes e durante minha trajetória como estudante.

São Judas Tadeu, meu fiel intercessor. O Santo das causas impossíveis e desesperadoras. Quantas foram as vezes que me socorreu. Apenas quem tem fé sabe de onde vem o consolo, e assim, caminha com o coração grato. Obrigado, por tudo.

A minha família, em especial meus pais, Maria e Edival, que se tornaram motivação para mim.

Aos meus irmãos Francisco Erisvaldo, Edinaldo, Edileudo, Erisvando, e as minhas irmãs, Vilani, Valdecleide, Valdilene, Vanessa, Edileuda, Erisvalda e Aleuda.

A minha irmã Aleuda em especial, inspiração e a quem costumo chamar de menina das letras. Obrigado por todas as vezes que se fez presente para tirar minhas dúvidas.

Meu esposo, Vicente Ferrer, que acompanhou parte significativa da minha trajetória até o momento da conclusão. Obrigado por se dispensar dos fins de semana de diversão junto a mim para que eu pudesse escrever meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A Mariana da cantina universitária, pelas inúmeras noites que me fez sorrir e por ter me atendido sempre tão bem, principalmente quando o dinheiro do lanche precisava priorizar a Xerox. Obrigado pelas dispensas de pagamento dos lanches!

As minhas amigas Isabelly e Maria José, que tão pacientemente suportaram meus “chiliques” pré-avaliações e seminários. Quantas vezes vocês me fizeram sorrir quando estava tensa. Nunca esquecerei as risadas e as conversas maravilhosas que tivemos nos corredores do campus. Levarei vocês para sempre, minhas companheiras de cidade, viagem e aulas!

A meus professores do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande/ Cajazeiras, que foram verdadeiros exemplos. Vocês são incríveis! São inspiradores! Obrigada por cada conhecimento transmitido. Cada um de vocês contribuiu de forma significativa pra minha chegada até aqui.

A minha orientadora, professora Dra. Silvana Vieira de Sousa, por toda dedicação e empenho em me orientar. Obrigada por me mostrar que era possível o desenvolvimento e escrita deste trabalho.

A minha eterna gratidão ao senhor Eudes, rezador, e às rezadeiras que foram objetos desta pesquisa. Obrigado por abrirem as portas de seus lares e me permitir gravar as entrevistas. Sou muito grata por vocês terem me permitido fazer de seus relatos história.

A minha filha, Maria Cecília, que ainda está em meu ventre, mas que se tornou gás na escrita deste trabalho para conclusão do curso.

Enfim, a mim por ter me permitido ser forte e perder noites e mais noites de sono vasculhando meus escritos e textos para finalizar com êxito os créditos de cada disciplina e me aproximar do fim.

A escrita deste trabalho me mostrou que devemos lutar por nossos objetivos e não se deixar vencer pelo cansaço.

Dedico este trabalho a meu avô
Assis Alves Ferreira (*in memoriam*) cuja
existência foi sobrecarregada de muito
saber.

RESUMO

O presente trabalho pretende fazer um estudo sobre a permanência da atividade exercida pelas rezadeiras na cidade de Lavras da Mangabeira, CE entre os anos 1960-2020. Para dialogar o estudo com a historiografia da história cultural interagimos com os autores Barros (2003) e Certeau (1982). Como base para estudos específicos sobre enlutados tomamos como núcleos os estudos Araújo (2011) e Menezes (2016) e Santos (2019). Para a compreensão da história dessas rezadeiras utilizamos como metodologia de pesquisa, os procedimentos da história oral. Utilizando um roteiro de questionário semiestruturado, foram realizadas sessões de gravação com vivências orais do rezador Francisco Eudes de Oliveira e as rezadeiras Maria do Socorro Moura de Oliveira, Helena Vitoriana da Silva, Maria da Conceição Gonçalves Murici Chaves. Entrevistamos também a professora Maria do Socorro Almeida da Silva, para reportagens sobre a cidade. Por fim entrevistamos as oradas e fiéis da prática Edileuda Alves Ferreira. Com essa metodologia, pretendemos possibilitar a produção de uma historicidade sobre indivíduos comuns, que possibilitem a continuidade de determinadas práticas sociais. Assim, nos encontramos sob a perspectiva dos estudos da história cultural, da religiosidade popular, da história local e do imaginário.

PALAVRAS-CHAVES: História local, oralidade, Religiosidade popular, rezadeiras, Lavras da Mangabeira-CE.

ABSTRACT

The present work intends to make a study on the permanence of the activity performed by the mourners in the city of Lavras da Mangabeira, CE between the years 1960-2020. In order to dialogue the study with the historiography of cultural history, we interacted with the authors Barros (2003) and Certeau (1982). As a basis for specific studies on bereaved we take the studies Araújo (2011) and Menezes (2016) and Santos (2019) as nuclei. To understand the history of these prayers, we used the oral history procedures as a research methodology. Using a semi-structured questionnaire script, recording sessions were held with oral experiences by the prayer Francisco Eudes de Oliveira and the prayers Maria do Socorro Moura de Oliveira, Helena Vitoriana da Silva, Maria da Conceição Gonçalves Murici Chaves. We also interviewed Professor Maria do Socorro Almeida da Silva, for reports on the city. Finally, we interviewed the prayers and faithful of the practice Edileuda Alves Ferreira. With this methodology, we intend to enable the production of a historicity about ordinary individuals, which enable the continuity of certain social practices. Thus, we find ourselves from the perspective of studies of cultural history, popular religiosity, local history and the imaginary.

KEY WORDS: Local history, orality, popular religiosity, women mourners, Lavras da Mangabeira-CE.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I.....	13
AS REZADEIRAS E A ARTE DE CURA PELOS RAMOS: UM OBJETO DA CULTURA POPULAR RELIGIOSA.....	13
1.1 Crenças e orações de cura como objetos da história	13
1.2 Entre a tradição e a oralidade as rezadeiras de Lavras da Mangabeira, CE.....	15
CAPÍTULO II	23
LITERATURA, POLÍTICA E CULTURA: OS FILHOS ILUSTRES DE LAVRAS DAMANGABEIRA	23
2.1 Mangabeira, Lavras, São Vicente Férrer, São Gonçalo de Lavras, São VicenteFerrer da Mangabeira e Lavras da Mangabeira: Lavras ontem e hoje	23
2.2 Crenças e orações de cura como objetos da história.....	25
2.3 Historiografia, modernidade e cultura popular lavrense	27
CAPÍTULO III	33
NOS BASTIDORES DO PODER DA ORAÇÃO DOS REZADORES/REZADEIRS DE LAVRAS DA MANGABEIRA, CE: “A ORAÇÃO DO JUSTO É PODEROSA E EFICAZ”.....	33
3.1 Modernidade, cultura e rezadeiras lavrenses	33
3.2 Entre invernos e cheias: As curas e experiências dos rezadores em Lavras da Mangabeira, CE	39
3.3 Características e espaço das orações dos rezadores/rezadeiras lavrenses	43
3.4 Os objetos e recursos usados nas práticas de rezas de cura dos rezadores e rezadeiras lavrenses.....	47
3.5 A interação da prática de religiosidade popular das rezadeiras e a igreja católica lavrense	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
APÊNDICE	64
ANEXOS	96

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país formado por várias etnias e culturas que se originaram ainda no período da colonização. A sociedade brasileira é miscigenada! Indígenas, negros, portugueses e africanos se tornaram personagens centrais na colônia. Como consequência desta diversidade racial, dos costumes dialogados ou impostos, resultou a diversidade cultural que temos hoje. Um dos elementos fortes presentes na estrutura de ordem colonizadora de imposição cultural foi a *Companhia de Jesus*, cujos missionários chamados de *jesuítas*, católicos, buscavam catequizar os nativos a aderirem sua fé.

Não somente a Companhia de Jesus, mas muitos dos personagens que ocuparam o palco brasileiro encenaram para o quadro atual e tornaram possível a existência de personagens com crenças ramificadas do catolicismo encontrado na sociedade brasileira, destacamos aqui as rezadeiras. Elas que fazem parte do sincretismo religioso presente no território brasileiro desde a época de sua colonização. Praticam o exercício de rezar com ramos, uma prática ramificada do catolicismo oficial e das trocas entre indígenas e africanas.

As rezas são praticadas por homens e mulheres, que configuram no cotidiano uma religiosidade popular. Apesar de utilizadas em sua maioria no espaço rural a prática de reza na cidade de Lavras da Mangabeira, objeto de nosso estudo, conta com a atuação de muitos rezadores na zona urbana.

O espaço da pesquisa é um município localizado na microrregião metropolitana da região cariri no estado do Ceará, Lavras da Mangabeira. A mesma possui dois elementos cernes de destaque cultural: a festa do padroeiro, São Vicente Ferrer, comemorada anualmente no mês de abril, e a SEACE, Semana de Arte Cultura e Esportes, realizada em agosto.

O recorte temporal delimitado para o trabalho é de 1960 a 2020. A escolha do recorte foi feita a partir da data citada por rezadores, de quando tomaram conhecimento da prática, e se encerra no ano de 2020, data na qual foram efetuadas as entrevistas com as rezadeiras entrevistadas.

Almejamos com o presente estudo mostrar os elementos chaves de diálogo entre as rezadeiras e seus rezados, na cidade de Lavras da mangabeira, CE. Analisar como os

espaços de atuação dessas rezadeiras, suas orações e cura, exercida por meio da prática de reza é vista na cidade.

As fontes utilizadas para pesquisa são fontes orais, logo o método de pesquisa utilizado adentra o campo da história oral. Fazendo uso de entrevistas concretizamos, portanto, esses registros de depoimentos como história partir do conceito de Delgado (2006) e Guimarães (2000), que caracterizam esses registros do vivido história oral. Ademais, autores como Menezes (2016) e Santos, que trabalham em específico com temas relacionados às rezadeiras também contribuíram para o corpo do trabalho, assim como Sousa (1997) nos fazendo pensar as crenças religiosas e de oralidade como parte de umacultura de tradição que se estende a muitos lugares da região.

Dessa forma, a pesquisa se desenvolve a partir das entrevistas dadas por estes sujeitos que rezam. Foram feito questionários semiestruturados para o diálogo com os rezadores selecionados para o estudo. Destaco aqui o senhor Francisco Eudes de Oliveira, rezador. As senhoras Helena Vitoriana da Silva, Maria da Conceição Gonçalves Murici Chaves, Maria do Socorro Teles. A todos eles sou eternamente grata.

Para melhor estudo sobre as relações entre rezador e rezado foi entrevistada a senhora Edileuda Alves Ferreira. Para as questões características dos aspectos do ontem e hoje da cidade, foi entrevistada a Senhora Maria do Socorro Almeida da Silva.

No primeiro capítulo, intitulado as rezadeiras e a arte de cura pelos ramos: um objeto da cultura popular religiosa, apresentamos o objeto de estudo. São abordadas as práticas das rezadeiras como parte do chamado catolicismo popular ramificado da interação religiosa trazida pelos portugueses, a religiosidade praticada pelos indígenas que habitavam no Brasil antes da sua colonização e também a religiosidade praticada pelos negros africanos que foram trazidos para o Brasil.

O segundo capítulo tem como título, literatura, política e cultura: os filhos ilustres de Lavras da Mangabeira, no qual situamos questões referentes ao espaço da pesquisa, onde residem as rezadeiras e também apresentamos elementos que fazem parte do universo cultural da cidade lavrense, que são de grande valia para aprofundar os conhecimentos sobre os costumes, a prática das rezadeiras e sua interação com outros elementos da cultura local.

No terceiro capítulo intitulado: Nos bastidores do poder: “A oração do justo é poderosa e eficaz”, adentramos no universo da prática das rezadeiras. Contamos a história das rezadeiras e dos rezadores de Lavras da Mangabeira, CE. Através das falas

de cada rezador entrevistado, como seu Eudes, Dona Socorro, Conceição e dona Helena, trazemos questões que se referem ao lugar de atuação desses rezadores e rezadeiras. As motivações que levam os rezados a procurarem a prática e como ela acontece. Nesse capítulo discutimos e entendemos esse universo como espaço de tradição, de fé e que se repercute pela procura e acessibilidade que tem.

CAPÍTULO I:
AS REZADEIRAS E A ARTE DE CURA PELOS RAMOS: UM
OBJETO DA CULTURA POPULAR RELIGIOSA

1.1 Crenças e orações de cura como objetos da história

Airton Ortiz (2012) diz que somos resultados dos livros que lemos das viagens que fazemos e das pessoas que amamos. Concordo com a afirmação, e acrescento que também somos frutos dos desamores e das angústias que muitas vezes a sociedade nos permite viver. Resultado das permanências e rupturas estabelecidas entre os ciclos que vivemos. Momentos vicenciados por meio de nossas escolhas, necessidades e os esforços que temos que fazer para dar continuidade ao nosso dia a dia.

Mas, o que de fato dá sentido a nossa existência? A profissão que tão arduamente nos arrastamos para conseguir, a ânsia de deitar e relaxar sob os episódios inéditos da nossa série favorita? Ou será que estamos apenas existindo? Pensando segundo Ortiz, é possível afirmar que as motivações giram em torno dos mundos que criamos em nosso cotidiano.

Entre os pilares mais frequentados socialmente, destacamos nosso apreço pelos sentimentos e emoções que sentimos. Um estudo que fazemos, uma realidade que indagamos ou mesmo as crenças que vemos. O fato é que as subjetividades que vivemos diariamente ora se rompem e ora voltam a se cruzar. Seja pela ativação da lembrança ou mesmo pela necessidade que tivemos materialmente de estar lá.

Ingressei na universidade em 2015. Na maior das surpresas, no curso e universidade que sempre almejei. Antes da minha iniciação como graduanda em história, pela UFCG, meus dias eram preenchidos pela presença rotineira nos grupos da paróquia de São Vicente Ferrer, na cidade de Lavras da Mangabeira.

Recordo hoje com carinho, as tardes dos fins de semana resumidas em evangelização nos bairros distantes do centro paroquiano. Visitávamos as casas dos enfermos que estavam acamados e não podiam frequentar a igreja. Essas recordações me fazem reviver com euforia aqueles momentos, mas também me faz recordar as palavras dos professores do curso quando nos faziam entender que tudo tem uma história.

Pensar, discutir e escrever sobre um objeto de estudo nos coloca em um campo de variedades interpretativas. Remete dedicação e muito esforço iniciar e tentar mostrar uma relevância social para a temática de estudo. Para isto é preciso recordar Certeau (2002) que nos alerta para o entendimento sobre a importância da relação de quem escreve com o lugar. Também Certeau (2010) nos faz refletir e destacar que nossa produção não é uma escrita do real, mas sobre o real. O vivido não pode ser recuperado, mas é possível a construção historiográfica sobre este. Pensando nossos mundos primários, o que pede nosso presente e a própria evolução tida pela história é que nos permitimos escrever sob a perspectiva de operação histórica no diálogo entre escrita, práticas científicas e o nosso lugar social. (CERTEAU, 2010).

Aqui a história é uma atividade que não se desempenha somente como disciplina, mas como exercício prático da escrita (CERTEAU, 2000). Sendo o historiador o sujeito que dá vida ao fato tirando-o, a partir de sua escolha, do estado passivo para o estado ativo. Dentro de um contexto social aplica este fato a uma modalidade de estudo.

Analisando as várias modalidades historiográficas, que se consolidaram durante o século XX, vemos a diversidade que se abre aos historiadores e suas práticas. A história cultural enriquece-se ao abrigar possibilidades diversas às temáticas (BARROS, 2004).

Tendo a maioria dos historiadores do século XIX noções restritas sobre a história cultural, ignoravam que objetos produzidos pelo homem materialmente fazia parte da cultura, ou seja, o termo cultura era passado a pente largo. As manifestações culturais apresentadas na cultura popular, os fatos da vida cotidiana, das práticas culturais e das representações eram negligenciadas.

Diferente da história cultural elitizada do século XIX, a história cultural produzida a partir do século XX passa a ser avaliada também como elemento comunicativo, de representações e práticas e nas subjetividades realizadas pelos homens para si e nas interações sociais (BARROS, 2004).

A partir da diversidade dada pela chamada Nova História Cultural e suas dimensões, torna-se possível produzir sobre as representações, expressões e práticas comuns vivenciadas pelos indivíduos. Dentro desta perspectiva e tendo em vista a necessidade de escolha de uma nova temática, busquei fazer uma produção com paradigma local, com recorte temporal entre os anos de 1960 – 2020, período que

remete ao tempo de atuação dos rezadores para produzir uma escrita diferente dos escritos sociais já produzidos na cidade de Lavras da Mangabeira, CE.

Quando nos voltamos para a historiografia local vemos que constam fatos sobre personagens, geralmente homens de famílias de posse e da política local. Assim, em oposição a esse modelo elitista de escrita, essa pesquisa muda o foco para os indivíduos menos favorecidos, para o campo de uma cultura popular, tendo como base as reflexões feitas pela chamada terceira geração do *Annales*. É a partir do pensamento dos historiadores da chamada nova História, da década de 80, que outros personagens e objetos históricos vêm à tona. Destacamos nesse processo os experimentos, a fala, e também as práticas culturais. (HONNOR, 2005, P. 50).

1.2 Entre a tradição e a oralidade as rezadeiras de Lavras da Mangabeira, CE.

Incentivada pelo empenho em produzir uma escrita partir da história vista de baixo, recordei momentos da minha infância e pré-adolescência na minha cidade e dentro da minha casa. A forma como meus pais lidavam com a educação dos doze filhos que se criaram, dos quatorzes que colocaram no mundo. As dificuldades que passamos vão aos poucos se ausentando dos pensamentos mais atuais, mas as enfermidades, que caía sobre nós acabaram se tornando estopim para estudo. Os tempos eram difíceis. Somos doze filhos. Todos criados com muita rigidez sob o sistema tradicionalista. Não podíamos ir às festas. Sair somente acompanhados por um irmão mais velho, de preferência homem para locais exclusivos como a paróquia.

Pela quantidade de filhos e as poucas condições sustentadas apenas pelo cultivo da agricultura, nossas doenças costumavam ser tratadas com remédios caseiros. No caso de tosse, os lambedores de aroeira com limão e alho eram muito utilizados. A casca de aroeira também era utilizada para lavar os ferimentos que resultavam das nossas travessuras.

Havia também doenças outras como quebrante, Maria preta ou cabeça de prego, que era as orações feitas pelas rezadeiras quem nos curava. Motivo pelo qual me atentei às práticas de cura das rezadeiras como objeto de estudo na minha graduação. Lembrei-me das vezes que ouvi minha mãe citar as poderosas orações de sua querida mãe Cecília, como ela tão carinhosamente chamava sua madrinha de São João. E quem, segundo ela, muito rezou pelo matrimônio fracassado dos meus pais.

É fato, que apesar da cidade lavrense ter na atualidade um número significativo de farmácias e postos públicos de saúde que são utilizados como lugares de busca de cura das enfermidades, ainda assim as rezadeiras são muito procuradas.

A prática cultural de religiosidade exercida pelas senhoras rezadeiras e senhores rezadores é fruto das tradições e memórias repassadas de pai para filho, avó para neto e bisnetos por meio da oralidade, mas como bem citam os rezadores nos capítulos seguintes rezar é um dote¹ dado primeiramente por Deus. Conseqüentemente, e por meio dos resultados benéficos, a prática vem sendo passada de geração a geração continuando assim presentes no cotidiano dos indivíduos.

Fazendo uso da história oral² procuramos resgatar elementos sensíveis do cotidiano desses rezadores e rezadeiras. Os desfechos dados, os detalhes citados e as lembranças que não conseguem falar se tornam um privilégio para aquele que estar em campo para entrevistar, pois recupera o passado desses personagens, por meio da memória (SOUSA, 1997).

Foram, portanto, os avanços históricos ao longo dos anos, que também nos permite contemplar, por meio de metodologias e objetos novos, estudos para relacionar fontes inovadoras. Sendo as relações de convívio dos indivíduos, caminhos que nos possibilita refletir sobre as diversas práticas cotidianas.

Usando como metodologia a história oral, o recurso falado passa ser identificado como objeto de estudo e relaciona a construção de identidades sociais e individuais. As experiências diversas no mundo do trabalho, no mundo da cultura repassadas de geração a geração preservam tradições e passam a ser usadas na produção da história local dando significância a costumes plurais.

É, portanto, por meio de entrevistas, usadas como fontes que buscamos compreender o passado. Também documentos escritos e imagens dialogam para esta compreensão. Além disso, a história oral também nos apresenta como os indivíduos experimentam e interpretam acontecimentos e situações do cotidiano, o que facilita a compreensão do passado e das experiências que serão vividas pelas próximas gerações.

Estes costumes, para tanto, dialogam socialmente no cotidiano dos indivíduos, por meio das lembranças mentais ou pela ação de recontar ainda, que com lacunas, o fato acontecido tornando-se a memória fundamental neste processo. Como diz Le Goff, 2007, a memória torna-se um elemento essencial de identidade individual e coletiva.

¹ Termo usado pelos rezadores entrevistados para caracterizar o dom que têm de reza com em outras pessoas.

² Metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea.

Sendo também uma representação do passado possuinte de aspectos que dinamizam o cotidiano com ações reproduzidas ao longo dos anos e que são subjetivas a cada personagem envolvido em suas tramas.

Torna-se a oralidade lugar e forma de transmissão da tradição e assim o principal elo de interação entre os indivíduos. Ela também traz à tona manifestações diversas, que envolvem essencialmente o conjunto de emoções, crenças e particularidades encontradas na construção do que somos socialmente.

Na historiografia brasileira esses aspectos da vida comum emergidos com o avanço da história atuaram para amplificação do conceito de fonte. Como mencionado anteriormente é o século XX, que dá aos pesquisadores novos horizontes para pesquisa e construção histórica. A partir daí a história passa a proporcionar novos enfoques metodológicos tornando viável o uso dos mais diversos meios para o remanejamento de pesquisas.

O sujeito comum ganha espaço. O uso de documentos não oficiais amplia a ideia de fontes. Assim, o estudo qualitativo passou a ser usado para análise de comportamentos, rupturas e continuidades referentes à sociedade fazendo contato entre o velho e o novo. São enraizados elementos de estudo que são capazes de penetrar e avaliar o cotidiano dos indivíduos, dando suporte às informações e fatos outrora subterrados pela oficialidade escrita. A nova história cultural dinamiza o dito e nos permite sair dos casulos criados pelo comodismo, para enfim indagar novas questões e fazer surgir novas situações problemas. Como afirma Merrel em *Viver cruzando fronteiras do conhecimento*:

De qualquer modo, o mundo é complexo, extremamente engenhoso, e às vezes malandro e vigarista; e, visto que ninguém é infalível, esse mundo é capaz de enganar os próprios cientistas, e inclusive a todos nós repetidas vezes. Fenômenos que não esperávamos aparecem de repente, situações problemáticas que não concordam com o mundo que conhecemos brotam, e anomalias começam a proliferar e a comunidade científica começa a instabilidade do “paradigma”. (MERREL, 2008. P.116)

Partindo desta premissa e do surgimento dos novos sujeitos sociais ascendidos a partir das conquistas desta Nova História é que nos permitimos refletir assuntos mais comuns do nosso dia a dia. Citando Menezes, 2016, consideramos a oralidade como espaço de produção documental capaz de resgatar momentos e acontecimentos, que seriam levados ao esquecimento.

A interdisciplinaridade metodológica da fonte oral ascende a partir de 1970, mas tem como percussores os historiadores da antiguidade, Alberti, 2006. Enquanto

metodologia diversifica o conhecimento e interpretações por meio da prática desenvolvida tornando-se importante para estudo das experiências múltiplas e as memórias dos indivíduos. É, portanto, através do estudo da memória que podemos ver a essência da construção de identidades por meio do falado.

São usados como mecanismo de ação neste trabalho sobre as senhoras rezadeiras o falado e a memória, elementos cernes para pesquisa qualitativa sobre as rezadeiras, que são sujeitos pertencentes à prática da tradição de cultura oral. Suas práticas nos leva a usar como fonte a interdisciplinaridade metodológica obtida por meio da interação da história oral com outras disciplinas da ciência humana, como literatura, antropologia, psicologia e sociologia (Santos, 2019).

Este diálogo sobre a história cultural nos leva a pensar sobre a origem de práticas culturais existentes ainda hoje. Os violeiros, cantadores, emboladores, cordelista e também as rezadeiras dentre outras tradições que ganharam espaço e dimensões significativas, pois que fazem parte do cotidiano dos indivíduos de suas tradições de seus costumes e de suas relações sociais.

Na formação social brasileira a riqueza cultural é resultante da miscigenação característica do povo brasileiro, obtida através do convívio entre negros, indígenas e europeus, que proporcionou um misticismo popular no nosso território.

[...] o misticismo popular vem desde o Brasil colonial, quando o povo se valia das crendices e fórmulas naturais em busca de melhorias na luta contra as enfermidades, diante da precária assistência à saúde. Assim, de acordo com os costumes e levado pelo limitado conhecimento científico disponível na época, o homem une os recursos da natureza à própria fé, dando início a uma variada farmacopéia composta de mezinhas, garrafadas, infusões, chás, amuletos e oferendas aos santos para tratamento médico.

A essas crendices se misturaram os traços culturais e religiosos das três raças que formaram a etnia brasileira, resultando em receitas, habilidades e saberes que se perpetuaram oralmente, passando de pai para filhos de geração a geração. (ANDRADE, 2013. n.p)

Como cita Andrade, o misticismo é resultado deste encontro conflituoso, ocorrido pela interação entre os personagens habitados na nova estrutura social brasileira, característico das fusões e experiências sociais ligadas à ordem econômica, política e cultural. Também a atividade missionária e educação religiosa exercida pelos jesuítas contribuíram neste legado constituindo influências sociais e culturais significativas para o surgimento dessas práticas culturais.

As manifestações do que alguns entendem como crendices e costumes religiosos informais são resultados das vivências religiosas vivenciadas fora dos lugares tidos como oficiais para práticas de rezas, como as igrejas e templos. Elas, no entanto,

penetraram o cotidiano social, por meio de experiências de crenças passadas de geração em geração.

As fascinações do vivido tornaram-se permanentes e concretas por meio de experiências que se multiplicam pela ação da oralidade pelo boca a boca como chamamos popularmente.

O uso de entrevistas, como fonte, por exemplo, são capazes de nos proporcionar a reconstrução mental de um momento pela emoção de quem diz, e pela fertilidade do pensar de quem ouve. Sendo as experiências, ferramenta de estudo e também geradora de emoção entre entrevistado e entrevistador.

Por meio das lembranças faladas pelos entrevistados deste trabalho, os rezadores, é possível imaginarmos as ações corriqueiras do cotidiano do passado do narrador, o que nos permite estudar as socializações, registros e trajetórias desses indivíduos e suas necessidades básicas. Assim, a ativação dessas lembranças por meio do recurso metodológico da história oral, como entrevistas, relatos de vida e memórias contribuem em fontes para nosso tema de estudo sobre as rezadeiras.

No livro *Ceará Mestiço*, 2019, Barroso diz que os rezadores e rezadeiras são conhecidos nos 180 municípios cearenses, seja na sede urbana ou na zona rural. São segundo o autor pessoas que usam métodos simples para o alívio dos males que portam. Seja como elemento de resistência ou somente consequência positiva do sincretismo ocorrido no Brasil, é o território brasileiro rico destas crenças e religiosidades informais.

Vemos, ao longo da história que os indígenas, negros ou mesmo os pobres sempre tiveram seus métodos de cura. Os saberes científicos e os médicos, no entanto, eram mais escassos e isto deu origem à busca constante de métodos mais acessíveis à realidade de cada sujeito. Ainda hoje vemos os indivíduos se acomodando como podem para lidar com suas necessidades. Como citado no exemplo pessoal da minha família outras pessoas, que tenham ou não poucas condições ou famílias grandes se apropriam da busca de rezadores como finalidade para solucionar suas enfermidades.

Isto torna essas personagens tão vivas na nossa cultura, principalmente quando nos deparamos com enfermidades, que os médicos não conseguem curar. Estes sujeitos sociais portadores de histórias usam espaços característicos, minimamente trabalhados em detalhes para realização de suas práticas de rezas. No entanto, uma característica é comum entre eles, quase todos se apresentam como católicos.

Vivem diariamente orando, benzendo, curando e alimentando a esperança daqueles que procuram seus dons de curar por meio da fé. Usam suas residências como local para realizar suas orações e tornam possível um feixe de relações que funciona por meio do processo de conhecimento e busca.

Esta manifestação religiosa caracterizada pelo uso de ramos torna possível a relação constante entre o rezador e Deus, que segundo eles é o responsável pelo dom de cura, que logo contribui para o vínculo constante entre rezador e rezado. Foi por meio do poder concentrado nessas orações, que notoriamente tornaram as rezadeiras conhecidas tanto na sede como nas zonas rurais do município e propiciou meu interesse de em contar a história desses indivíduos tão singulares, que são católicos praticantes da religião oficial, institucionalizada, mas que praticam uma religiosidade que lhes é própria.

Por outro lado e pelo próprio caráter que se dá o exercício de rezar sobre os enfermos, percebemos que há uma ramificação religiosa fruto do chamado catolicismo popular narrado por Araújo (2011):

No Brasil colonial, a religiosidade católica pode ser considerada como uma espécie de continuidade sincrética ampliada do catolicismo europeu, porém, composto de manifestações religiosas que aqui existiam de negros, índios e portugueses práticas que se mesclaram e formaram um perfeito caleidoscópio cristão, difundido de maneira constante na cultura e no sentimento de religiosidade do povo. [...] nessa religiosidade colonial, a multiplicidade de manifestações pode ser explicada através do exemplo dos escravos que já possuíam uma variação de costumes religiosos oriundos das diversas etnias, que juntas formavam outra manifestação dotada de heterogeneidades e que, entrelaçadas, ajudavam a formar o sincretismo religioso colonial. (ARAÚJO, 2011, p. 131)

A intenção primeira do estudo é analisar como ocorre a permanência dessas rezadeiras na cidade lavrese e se as ações de benção³, como descreve Araújo (2011) sobre os exercícios praticados pelos rezadores, são aprovados pela igreja ou se existem questionamentos da prática por parte do pároco local. Quanto aos indivíduos que procuram a crença como método de cura, trata-se um público diverso de jovens aos mais velhos. E isto é da propaganda feita por meio do boca a boca.

Outras vezes o costume dos pais em levar seus filhos pequenos para as rezadeiras enraíza o legado de querer bem a essas senhoras. Destaco, portanto, que não são somente senhoras algumas de meia idade e maioria já na terceira idade que praticam

³ Benção, termo utilizado por Araújo (2011) para se referir a prática exercida pelas senhoras rezadeiras.

o ato de rezar. Homens também são portadores deste dom. citar isto me faz recordar meus avós paternos, Maria Cecília e Assis, sujeitos crentes demais a Deus e portadores do dom de rezar com as famosas folhas de pião.

Nas vezes que fui levada para ser rezada na casa do meu avô, conhecido como Boró, tentei ouvir as orações que ele suavemente e silenciosamente proferia entre os lábios. Todas tentativas de escuta foram em vão. Não se dava pra escutar nada. A oração parecia ser uma coisa apenas dele com Deus. Um retorno da herança que Ele deu ao meu avô, que contribuía curando as doenças as quais lhe eram trazidas para curar.

Embora nenhum dos doze filhos do meu pai tenha herdado este dom, fomos desde muito cedo apresentados ao costume de se livrar de doenças por meio da oração com ramos. Outras vezes via meu avô usar folhas de pião roxo para nos rezar. Tais lembranças estavam adormecidas no meu subconsciente, mas nunca deixei de perceber no meio que convivo o poder que tem a crença na prática dessas rezadeiras, que há décadas estão inseridas em nosso contexto.

Como cita Santos, 2019:

As práticas de reza do catolicismo popular surgem no Brasil no período da colônia, período em que a medicina aqui existente não conseguia abranger todos os espaços territoriais naquele período. Eram períodos em que as doenças eram muitas e os meios para alcançar a cura eram escassos, com isso a população passava a buscar através do conhecimento popular, unido a fé e religiosidade, meios de obter a cura de determinadas doenças. Essa situação se manteve ao longo dos séculos agravadas pelas dificuldades sociais e problemas estruturais a exemplo da miséria e pobreza crescente.

Como descreve o autor existe um emaranhado nas práticas que une a fé e a religiosidade. Não há mais tanta escassez de médicos e nem distância que não possa ser alcançada com os meios de locomoção existentes atualmente, neste a tradição enraizou-se na sociedade atual não por dificuldades sociais, mas pela própria construção de poder que a prática tem principalmente no sertão nordestino.

Dentro do nosso universo social, estas rezadeiras trazem em suas jornadas virtudes importantes que vão se redefinindo, destaca-se a caridade em usar o dom que recebeu para o bem. Como relata Araújo:

[...] Refazer os atos de Cristo assim como quando ele andou pelo mundo curando os doentes, é uma motivação do ofício na vida das senhoras. Portanto, rezar nas pessoas para curá-las de seus males é ritualizar as curas de

Cristo é ao mesmo tempo também saber que se possui o dom e que é preciso reparti-lo com outras pessoas. (ARAÚJO, 2011, p. 100)

Repartem com os enfermos a sabedoria que lhes foi dada, por meio da arte da oração. E fazem da aflição do rezado um momento de comunhão com Deus, que lhes dera o dom de curar por meio da oração. No entanto, a prece precisa ser feita com fé para que não só rezador, mas também Deus seja exaltado pela cura recebida.

Segundo a Bíblia Sagrada, o poder da oração está justificado em mais de 63 versículos e aqui destacamos o livro de Salmos 66: 17, onde cita que quem clama com sua própria boca exalta a Deus pela língua. Na religiosidade praticada pelas rezadeiras elas também justificam o poder da oração, aprendida pelos seus e que interagem com as orações institucionalizadas pela igreja católica.

Cascudo diz que as orações para curar enfermidades são:

São os ensalmos ou mais propriamente Rezas. A reza, arma da rezadeira, é um elemento indispensável no complexo popular brasileiro, herdeiro do povo português. A rezadeira, mulher de virtude, feiticeira, etc., é figura imutável no cenário psicológico, inseparável e fatal em todos os momentos de dor mais teimosos ou de mágoa mais resistente. (CASCUDO, 1997, p. 641)

Percebemos também, que para o autor estas senhoras rezadeiras são indivíduos religiosos virtuosos, que exercem papel sagrado quando procuradas pelos moradores de sua comunidade ou de outras comunidades para curar as enfermidades. Exercem, portanto, um poder de curar sobre doenças conhecidas por não serem tratadas por cuidados médicos. Para Santos (2019) os que recorrem a esse tipo de prática buscam a cura de doenças específicas. O quebrante, a espinhela caída, dentre outros males são consideradas pelos rezadores, como sendo males da alma, e que normalmente não são tratadas pela medicina tradicional.

Situar o nosso objeto de estudo no campo dos estudos culturais e da historiografia da nova história foi o nosso propósito nesse capítulo, assim como anunciar o contexto temporal e espacial da nossa abordagem. Mencionando como lugar de fala a cidade de Lavras da Mangabeira, CE.

O capítulo seguinte retomará mais precisamente questões referentes ao espaço da pesquisa, lugar das rezadeiras. Nele apresentamos elementos outros que fazem parte do universo cultural da cidade de Lavras da Mangabeira, CE, que são de grande valia para aprofundar os conhecimentos sobre os seus costumes e sobre as práticas das rezadeiras e sua interação com outros elementos da cultura local.

CAPÍTULO II

LITERATURA, POLÍTICA E CULTURA: OS FILHOS ILUSTRES DE LAVRAS DA MANGABEIRA.

2.1 Mangabeira, Lavras, São Vicente Férrer, São Gonçalo de Lavras, São Vicente Ferrer da Mangabeira e Lavras da Mangabeira: Lavras ontem e hoje.

Tendo definido o que estudar como objeto de investigação para o Trabalho de Conclusão do Curso, as rezadeiras de Lavras da Mangabeira, CE, me vi diante de outra escolha, definir a amplitude de espaços que poderia abordar meu tema. Se tratando de aspectos culturais e principalmente religiosos o estado do Ceará, lugar de onde parto tem muito que se discutir e mostrar, todavia, pensei que muito significaria apresentar parte de nossa cultura sob a perspectiva de um estudo local, ou seja, do espaço geográfico compreendido pelo município de Lavras da Mangabeira, CE, lugar onde nasci e habito. Deste modo, decidi tomar como ponto de partida para recorte de pesquisa a minha cidade natal, Lavras da Mangabeira localizada a cerca de 340 mil km da capital cearense.

As informações sobre sua formação social se remete ao tempo da mineração no vale do cariri, ainda no século XVIII. Foi por meio do interesse pelo precioso metal, que por volta de 1712 mineradores vieram para mangabeira, como era conhecida, procurar ouro. A partir daí tem início um movimento de pessoas em um novo episódio histórico no cariri cearense. As falácias sobre a existência do ouro deu origem e atraiu pessoas para a localidade que logo se transforma em um movimentado arraial, que se levantava com casas de taipas em forma de arruado. (CORREIA, 1998)

Em *na terra do boqueirão* a escritora lavrense, narra ainda que as notícias da cata ao ouro correu a região.

A notícia da cata ao ouro correu o mundo e, aos milhares afluiram ao local homens e mulheres''. Frases como 'na Mangabeira há ouro pra peste' foi o estopim para o povoamento lavrense. Muitos, que ouviram sobre a riqueza do novo arraial, assim também como mineradores vieram fazer residência em casas de taipa em forma de arruado nos arredores da região.

Foram tempos se não de prosperidade, de muita esperança, mas segundo, Correia, (1998) em 1758 chega a notícia de supressão das minas do cariri ocasionada

pela insatisfação da corte de Lisboa, pelo não pagamento dos altos impostos e tributos que eram cobrados. Deste modo, a corte se volta contra o comércio de ouro. Ainda que não tivesse sido encontrado o minério no arraial lavrense, a falácia de sua existência alegrou aos moradores. Tendo se estendido em 1767, a supressão para o restante do país, os mineradores se voltaram para prática da agricultura e pecuária. Apesar disto, Lavras carrega, ainda hoje, título de rica em ouro. Seus arroios e rios foram muito usados no período de mineração do arraial.

Nomes como Mangabeira, Lavras, São Vicente Férrer, São Gonçalo de Lavras e São Vicente Ferrer da Mangabeira foram dados ao longo dos anos ao antigo lugarejo. Tendo tomado ares de povoado progressista recebe em 1816, por resolução régia, a denominação de município tendo como sede São Vicente das Lavras da Mangabeira.

Em 1818, o município já contava com 208 fazendas. Foi instalada aos 08 de janeiro de 1818 e elevada à categoria de cidade pela Lei 2.075 de 20 de agosto de 1884, no governo do presidente da província Carlos Honório Benedito Otoni. (CORREIA, 1998, n.p)

Apenas em 1911 o município passa a ser chamado, Lavras. Hoje constituído por cinco distritos, Arrojado, Iborepi, Mangabeira, Ouro Branco e Quitáius.

Apesar de possuir filhos bem engajados na política nacional, como o ex senador Eunício Oliveira e o deputado Daniel Oliveira, e um número significativo de habitantes soma-se que a população estimada da cidade seja 31. 097, 00, a cidade não possui estrutura de comércio muito desenvolvida. Muitos lavrenses residem nas cidades do sul buscando uma vida melhor.

Em Braga Neto, 2012, vemos que os movimentos de emigrações no Ceará tem seu apogeu por com o advento da república, 1889. A partir daí surge uma nova dinâmica de trabalho, onde parte da população do norte se ver obrigada a migrar para o sul brasileiro. A seca e as poucas oportunidades existentes nas cidades pequenas contribuem para migração do homem do campo para as grandes cidades.

Ainda hoje continua a agricultura sendo fonte de renda principal da cidade. Segundo Correia (1998) o intercambio comercial girava em torno da exportação de produtos como rapadura, alimentos como milho, feijão, cana de açúcar e arroz, provenientes da agricultura. No entanto, esta passou a interagir com outras atividades que foram sendo desenvolvidas ao longo dos anos na cidade e que impulsionou aos indivíduos novas experiências de trabalho, como produções artesanais de produtos de

madeira e cerâmica, crochê, ponto cruz, redes e etc. Havia também a inauguração de boutiques e casas de tecidos, feiras aos domingos.

Nos tempos atuais já é possível encontrar no município atividades uma grande variedade de farmácias do comércio droguista, lojas de vestuários e bijuterias, setor de serviços públicos ou servidores públicos, aposentadorias, escolas públicas e particulares, academias, rádios, bares e etc.

2.2 Crenças e orações de cura como objetos da história

Lavras da Mangabeira se apresenta semelhante a outras cidades de pequeno porte da região, todavia carrega em sua história personagens e fatos marcantes que a fazem mais conhecida. Esse seu relativo conhecimento está fincado na política e são registrados nos feitos literários e culturais da cidade.

Nomes como o de Fideralina Augusto, e seus descendentes são muito citados nas obras locais, documentários e monografias de estudantes da região do cariri cearense.

O jornalista Jurani Clementino no Paraíba Online, cita Fideralina como figura lendária, que habitou em Lavras e que foi capaz de manter o poder político e econômico na região do cariri entre o final do século XIX e início do século XX.

A produção da historiadora Sá (2016) intitulada *Entre a saia e o bacamarte: memórias de Fideralina augusto lima (1832-1919)* problematiza o coronelismo como prática política exercida por Fideralina na cidade lavrense. Conceituada pela autora como *coronela do sertão* Fideralina tornou-se expressão de força e poder. Uma mulher macho, na história lavrense. Por se tratar de um período de domínio exclusivo de homens, Fideralina tornou-se objeto de curiosidade e falação.

Segundo Clementino, 2020, Fideralina inspirou Rachel de Queiroz no romance Memorial de Maria Moura, 1992. De fato, tal como a personagem Fideralina era destemida, líder muito influente e de grande capacidade administrativa durante a república velha e nos tempos dos coronéis.

Como era a primogênita, assumiu o comando da família e ao longo dos anos seguintes, sob seu domínio, o espólio familiar dobrou em bens, o que mostra sua capacidade administrativa. (Diário do Nordeste 23.12.2008)

Foi caracterizada ainda por Rachel de Queiroz com posições, que eram determinantemente, segundo a época pertencente, primordialmente ao universo

masculino e patriarcal. Felizmente Fideralina possuía tais posições, devido às peculiaridades de sua vida. Isto inclui o posicionamento que precisou tomar muito cedo nos negócios da família.

Uma senhora de muitas terras, de muito gado, de muito moradores, prontos para matar e morrer na defesa de sua ama. Exerceu poderes de alta e baixa justiça, cuja investidura o seu tempo e sua condição lhe conferia. (QUEIROZ, 1959, n.p).

Para além destas colocações sobre Fideralina também devemos destacar que possuía não só dotes de terras, mas traços femininos dedicados ao tricô e principalmente à oração. Como cita Vieira em seu trabalho *Fideralina Augusto Lima: uma mulher, uma líder, um mito*.

Outra característica da matrona dos Augustos era sua religiosidade. Sua fé era cristã, católica. A representação dela como uma mulher religiosa tem por base a existência de uma capela, construída no Sítio Tatu, local de sua segunda residência, pois a mesma além de manter uma casa da cidade, mantinha essa, que segundo familiares era sua preferida, pois bem, seus familiares relatam que ela mandava quinzenalmente celebrar uma missa na referida capela. Outro fato relatado é que a velha Fidera do Tatu, tinha o hábito de rezar diariamente o Ofício de Nossa Senhora e para isso não dispensava a companhia da família e sua criadagem. (VIEIRA, 2016, n.p)

Para além da pessoa de Fideralina, e os feitos dos Augustos, Lavras também possui aspectos outros que a destaca nacionalmente. Como é o caso dos nomes ilustres envolvidos na política brasileira. Citamos aqui, os já citados anteriormente, o ex-senador do Ceará (2011-2019) Eunício Oliveira; Daniel Oliveira (deputado estadual) e acrescentamos o deputado Heitor Ferrer, filho de família tradicional que dominou a cidade de sua origem até 1972, bisneto de Fideralina.

Segundo o mesmo em entrevista a revista *entrevista*, este privilégio de ser filho de uma família, que pertencia à oligarquia tradicional muito influenciou muito em seus primeiros anos de vida.

Nasci de uma família tradicional que teve domínio político mesmo desde a origem da cidade, então era muito bom você estar numa cidade em que podia sair pra onde saísse, brincar com quem brincasse, voltasse tranquilo, saber que nada poderia lhe ocorrer. Pela própria época, que era muito bom porque não tinha violência, e pela deferência que as pessoas tinham aos que eram da família da gente. Ou seja, eu nasci num ambiente de muito carinho, tanto das pessoas que moravam na cidade, de deferência, e no seio da família, família tradicional do interior.

Como cita o deputado sua família possuía grandes regalias, com as deferências das autoridades locais aos seus familiares, que eram figuras públicas. Estas regalias também se manifestavam quando das chegadas dos circos à cidade, quando ganhavam

ingressos especiais para assistir as apresentações. Contudo, ao mudar-se para capital cearense Heitor se definiu como mais um no meio da multidão e aos poucos se engajou na política. Filiou-se ao PDT em 1987. Em 1988 elegeu-se vereador de Fortaleza e assim desencadeou feitos que beneficiaram muitos seus conterrâneos E assegurariam sua escolha de vida no mundo da política.

Nos registros sobre a cidade, como de costume, vemos narrativas que exaltam mais as famílias tradicionais e que ocuparam desde sempre os espaços de poder. Ainda hoje em meio às campanhas políticas são poucos do povão, que sobem ao patamar para compor o palanque.

Outros personagens também encenaram novos episódios históricos na cidade. A literatura lavrense se enriqueceu por meio dos escritores locais. Alguns até já conhecidos a nível nacional. Destacamos Rejane Augusto, Dimas Macêdo, Joaryvar Macêdo, a professora Luiza Correia Lima, entre outros que atribuem à cidade o apelido de berço de escritores ilustres, como destaca o escritor Dimas Macêdo, 2017, em sua obra *literatura lavrense*.

Na obra o autor traz uma discussão sobre os ilustres nomes lavrenses que integraram e integram a academia Cearense das Letras. Também destaca religiosas, romancistas e poetisas, além de escritores outros que dão ênfase à memória e historiografiada sua cidade natal.

2.3 Historiografia, modernidade e cultura popular lavrense.

Além da literatura, a cultura lavrense também é dotada de sabedores natos, que enriquecem o cotidiano da população com a poesia popular. A cidade se torna um rico ambiente para novos escritores se debruçarem sobre a cultura da local. São geralmente atividades exercidas no campo da oralidade como as rodas de cantorias, serestas ao vivo ou mesmo as apresentadas nos programas noturnos transmitidos pela rádio local, que destacam diariamente aspectos característicos da nossa cultura.

A historiografia oficial da cidade data a origem civilizatória e da cultura lavrense o ano de 1816, Macêdo (2016) apesar disto é possível perceber que a cultura lavrense possui elementos que ainda não foram destacados em sua historiografia.

A historiografia geral da cidade fala superficialmente da cultura popular e se constitui ainda como muito elitista. Seja pelo sobrenome que carregam os escritores

locais ou mesmo pela falta de interesse em está estudando mais de perto aspectos outros da nossa cultura. Contudo, essa situação tem sido modificada quando vemos em toda região do cariri cearense o destaque de estudos e pesquisas dos elementos culturais do campo da religiosidade e cultura local a exemplo das festas, cultos e peregrinações religiosas nas cidades de Juazeiro do Norte, CE.

Os novos pesquisadores se colocam cada vez mais inspirados nesse modo de fazer e contar história tornado os espaços do cariri e a cultura popular cearense cada vez mais conhecidos dentro da historiografia brasileira. Temas como cordéis, romarias religiosas, destacamos a romaria de padre Cicero na cidade Juazeiro do Norte, crenças místicas sobre a cruz dos falecidos e personagens outros, como também vaqueiros tem cada vez mais ganhado espaço de estudo na cultura nordestina. É dentro desta perspectiva que também se insere este estudo sobre as rezadeiras de lavras da mangabeira, CE. Essa cidade que já falamos acima de seus primeiros tempos e que na atualidade é uma cidade como outras cidades do interior.

As senhoras rezadeiras, assim como os homens que rezam em Lavras da Mangabeira sempre foram personagens participantes da vida e do cotidiano lavrense, todavia, quando buscamos registros desses sujeitos históricos são poucos. Os dados sobre a cidade disponível no IBGE são poucos e nos remetem à informações de dados da sua história mais recente. Nos falta informações sobre as experiências de tempos anteriores e da cultura popular. É, portanto, por meio a oralidade onde conhecemos melhor sobre o cotidiano mais remoto dos lavrenses.

Se voltarmos nosso olhar para algumas décadas, os anos de infância e adolescência de nossos pais e principalmente nossos avós nos relatos da oralidade podemos encontrar um pouco de suas experiências cotidianas. No acervo documentário lavrense, 2016, escrito por Rejane Augusto na ocasião dos festejos de duzentos anos da cidade a autora apresenta uma série de fotos e documentos com marcos importantes para o município lavrense.

Chamo atenção para o início da instalação da energia elétrica iniciada a partir de 1923, quando na ocasião era prefeito o Cel. João Augusto Lima. No ofício do gabinete do ministro da aviação o correspondente relata, segundo o acervo documental da escritora lavrense, Rejane Augusto, a autorização dada pelo senhor Francisco Sá ao

prefeito municipal de Lavras da Mangabeira, CE, cedendo, pela autorização dada, sessenta trilhos destinados à iluminação pública da cidade (GONÇALVES, 2016).

Em entrevista dada para este estudo a professora entrevistada Socorro Almeida relata:

Não tinha energia elétrica lá em casa [em Ingazeira, Aurora], era lamparina. Tinha luz elétrica, quando vim aqui pra Lavras com doze anos. Não era em todas as casas. Papai fez uma casa e foi preciso pedir a doutor Edmilson, o prefeito, para colocar e ele me deu dois, por que tinha que atravessar a pista.

Isto marca um avanço na cidade de Lavras da Mangabeira, CE, pois vemos na fala da entrevistada, que a cidade lavrense possuía características de um espaço e residências pouco iluminado por lamparinas, como era costume da época. Segundo a mesma no distrito de ingazeira- Aurora na época de seus avós viu luz elétrica em poucas casas. Quando aos doze anos veio morar com seus pais em Lavras da Mangabeira, CE, a realidade era diferente.

Os novos relatos mostram as mudanças nos aspectos econômicos e culturais. Marcam os avanços tidos na estrutura e comércio da cidade e nos demais aspectos que fazem parte do dia a dia dos indivíduos. As modas de vestimentas através das lojas e do comércio de calçados modernizaram os momentos e o comportamento das pessoas. As festas se apresentam mais modernas às citadas por Correia (1998), onde se destacavam os festejos religiosos, serestas e festas dos namorados realizadas no clube lavrense nas décadas de 1970.

Também nos diz essas falas sobre a forma na qual as famílias se reuniam. A cultura de mando masculino em que se respeitavam as regras do pai chefe da família e da santa igreja católica. Costumes como se reunir na praça para assistir a apresentação da banda de música local era feito sob os olhos dos pais.

Como cita a professora Luiza Correia, 1998, havia na antiga praça jardim Gustavo Augusto Lima, hoje Praça Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, reconstruída em 1935 e nesta era costume às 18hrs ter serestas com banda de música, que tocava bonitos dobrados e músicas da época, em que a população saía às ruas para assistir com respeito e educação. Apesar de pequena a pracinha, segunda Correia, possui um coreto, onde aconteciam as quermesses, leilões, tertúlias, recepções, festinhas da escola e também da igreja.

Era o ponto de encontro dos jovens de Lavras. Hoje no local está edificada uma grande praça que recebeu o nome de Praça Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e numa parte dela, foi construído os bancos do Brasil e do nordeste. Recordamos com muita saudade a antiga Praça de Lavras da Mangabeira.

É comum vermos ainda hoje os idosos sentados nas calçadas. Um costume antigo, que aos poucos está sendo substituído por conversas online por meio dos telefones móveis, que facilitam a entrega de informações. Nos tempos de outrora um empreendimento apenas trazia as informações oficiais para a população, a rádio vale do salgado.

Presente até hoje na cidade, a rádio foi fundada em 1979. O nome foi em homenagem ao tradicional Rio Salgado. Já a rádio comunitária Boqueirão FM, também ativa até hoje no município, foi oficialmente instalada em 1996 e somada a FVS eram responsáveis por levar aos lares lavrenses cultura, informação, músicas e notícias.

Ainda hoje há um horário na programação da rádio boqueirão destinado aos cantadores de viola, todos os dias de segunda a sábado às 17hrs. São muitos os idosos que fãs dessa arte ligam seus rádios para apreciar as cantorias e quem sabe até recordar os momentos bons que já viveram nas cantorias presenciais. O poeta Dimas diz que Lavras tinha um ponto tradicional de encontro de poetas populares, versejadores e cantadores de viola. Este era o botequim da velha Chica localizado ao lado esquerdo da praça separada pelos trilhos da antiga rede de aviação cearense, em Lavras. (MACÊDO, 2017).

Vemos que muitos traços da cultura de nossos avós se perderam no tempo. Como cita Correia, Lavras possuía uma praça chamada de *Jardim Gustavo Augusto Lima*, construída em 1935 onde,

Era costume sempre as 18h00min h nesta pracinha, haver retretas ao redor do coreto ou muitas vezes no final da praça em frente à igreja, com a banda de música, está tocava bonitos dobrados e músicas da época. A população saía às ruas para assistir com muito respeito e educação áquele acontecimento. possuía um coreto, onde acontecia as festinhas, quermesses, leilões, tertúlias, recepções, festinhas das escolas e da igreja, tudo ao redor do mesmo. (CORREIA, 1998, p. 30.)

Conversando com a professora aposentada Socorro Almeida vemos que os costumes religiosos, como as quermesses citadas por Correia dentre outros momentos religiosos de novenas e renovações sempre foram presentes na vida dos jovens de antigamente. Relata em entrevista com emoção seu tempo de criança e como era

voltada sua educação aos costumes católicos. Menciona a figura da avó materna, que a criou e que tinha apelido de santa, por rezar costumeiramente o santo rosário. Da criação que recebeu destaca que era baseada entre aquilo que fosse sagrado e profano.

Acreditava assim no pecado. Acreditava-se nos dogmas religiosos. Acreditava na santidade, minha avó principalmente, minha avó materna ela á tinha o apelido de santa, por que ela rezava demais. Ela tirava o terço, ornamentava altares.

Em outro momento assimila a devoção e credibilidade que a senhora sua avó tinha para com padre Cicero Romão Batista e como isto influenciou naquilo que lhe foi passado.

Eu aprendi rezar a rezar foi com minha avó. Ela era dessas que acreditava na credence popular do cristianismo. E ela tinha como autor principal da fé a figura do Padre Cicero. Padre Cicero entra muito na minha família, tá entendendo? Ai, o que acontece tinha muita devoção, participava das romarias.

Narra ainda que era notável a presença de mulheres e homens que se dedicavam ao ofício de rezar e frequentar a igreja, principalmente aos domingos e datas que cobravam ainda mais a presença dos fiéis. Entre esses momentos destacam-se as quermesses, novenários do padroeiro e novenas de natal, onde a mesma cita ter os reizados e também a lapinha, que reunia crianças, nessa última, para fazerem parte do nicho natalino posto na época de natal.

Alguns destes costumes ainda movimentam a comunidade da paróquia de São Vicente Ferrer e movimenta fiéis dos mais variados costumes. As novenas de natal são hoje tiradas nos bairros, em casas selecionadas para receber o menino Jesus. Outro momento que também reúne os fiéis de São Vicente Ferrer para partilhar a boa nova é na festa do padroeiro. Ocasão em que a comunidade urbana e rural é convidada a estar mais presentes na casa paroquial partilhando momentos de bênçãos. Há devotos que só frequentam a igreja nesses festejos, outros, porém são frequentadores fervorosos de todos os festejos da paróquia de São Vicente.

Enquadram-se dentro desse meio religioso católico e são tradicionalmente conhecidas, rezadores. Esses rezadores, no entanto, são homens e mulheres comuns sabedores do costume de rezar também fora das igrejas e rezar em pessoas através do

uso de ramos de muçambé, ou galhos de árvores, quando não fazem uso das próprias mãos.

Sendo, pois, mais um personagem desta vasta rede social e cultural da cidade e podemos dizer da região nordeste, os rezadores se tornam essenciais para muitos que tem fé nas rezas. Como veremos no capítulo seguinte estes personagens, no qual nos propomos a estudar, são mulheres e homens que carregam consigo uma grande carga de conhecimento deixado pela herança cultural de seus pais e avós. Veremos, portanto que é um exercício que se ramificou do catolicismo oficial e repercute características próprias de uma prática de catolicismo popular.

CAPÍTULO III

NOS BASTIDORES DO PODER DA ORAÇÃO DOS REZADORES/REZADEIRAS DE LAVRAS DA MANGABEIRA, CE: “A ORAÇÃO DO JUSTO É PODEROSA E EFICAZ”.

3.1 Modernidade, cultura e rezadeiras lavrenses.

Temas como cordéis, romarias religiosas, e aqui destacamos a romaria de padre Cícero na cidade Juazeiro do Norte, crenças místicas sobre a cruz dos falecidos e personagens outros, como também vaqueiros tem cada vez mais ganhado espaço de estudo na cultura nordestina. É dentro desta perspectiva que também se insere este estudo sobre as rezadeiras de Lavras da Mangabeira, CE.

Existem hoje na cidade seis farmácias, que trabalham com tele entrega e contém farmacêuticos de plantão. Além destas existe o CAF (Central de abastecimento farmacêutico) que é responsável por atender na entrega dos medicamentos prescritos nas receitas médicas, mas este se encontra carente de medicamentos o que leva o paciente a opção de comprar. Apesar destas opções, as rezadeiras ainda são procuradas como alternativas, pois ter onde comprar, ter entrega ou receitar não garante acesso a maioria das pessoas. Contudo, medicamentos aí tem alto custo benefício, nem todos dispõem de dinheiro suficiente para comprar.

Estas dificuldades torna mais frequentes a busca da prática de cura pelos ramos, somada também a crença dos fiéis, de que há doenças que somente a reza por meio dos ramos que cura, e com isto darem continuidade a presença da prática no cotidiano lavrense.

Deste modo, os rezadores adquirem fama no tempo de hoje por meio da tradição, ou seja, por meio das relações e trocas de conhecimentos estabelecidos entre os familiares ao levar os seus para serem rezados e repassar suas experiências por meio da oralidade para outras pessoas. A entrevistada senhora Edileuda, dona de casa, 36 anos, ensino médio incompleto, mãe de dois filhos, afirma que procura os rezadores devido à tradição que acompanhou desde criança, quando sua mãe procurava os rezadores para resolver algum tipo de enfermidade que acometia as suas crianças.

Porque assim é tradição, desde o tempo de criança, minha mãe sempre procurava rezador quando as crianças estavam com vento caído, mal olhado, essas coisas, ai é tradição e até hoje eu sei essa tradição.

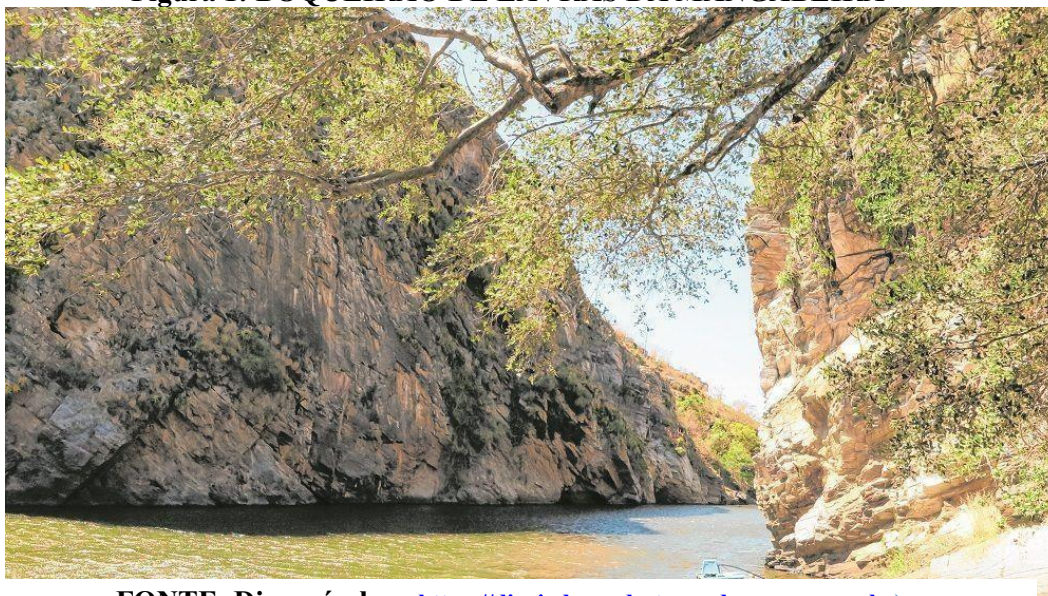
A partir da fala da entrevistada, percebemos que de início a busca dessas tradições são motivadas a partir de um conhecimento primário dos rezados, muitas

vezes aprendido no seio familiar. É costumeiro em cidades pequenas e também nos sítios, onde o acesso a hospitais são escassos, que os pais de crianças acometidas por doenças próprias de cura com ramos, busquem rezadores para tratar de seus filhos doentes.

Quando buscamos informações sobre o universo da cultura e da religiosidade de Lavras da Mangabeira, vemos que apenas dois eventos culturais são citados pelo site da cidade (www.lavrasdamangabeira.ce.gov.br), a festa do padroeiro lavrense, São Vicente Ferrer, comemorada em cinco de abril e SEACE (Semana de Arte Cultura e Esportes) comemorada todo ano na semana de aniversário da cidade no mês de agosto. Como ponto turista o boqueirão da cidade é destaque. Apesar de ainda não ser muito conhecido no Sul do estado cearense e não possuir estrutura física adequada para receber os turistas, a beleza natural do local tem cada vez mais atraído visitante.

Uma "garganta aberta" com 109 metros de altura em relação ao espelho d'água, constituindo uma das paisagens mais bonitas do Cariri. O Cânion do Rio Salgado ou Boqueirão, em Lavras da Mangabeira, na região do Cariri, tem despertado, nos últimos anos, a curiosidade de amantes do turismo de aventura e atraído visitantes. (Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br>)

Figura 1: BOQUEIRÃO DE LAVRAS DA MANGABEIRA



FONTE: Disponível em <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br>

Para além do turismo ficando no boqueirão não há um espaço no site da cidade lavrense dedicado a expor ou mencionar a cultura e prática religiosa das rezadeiras, como indivíduos que contribuem no cotidiano lavrense com suas manifestações

religiosas. No entanto é possível vermos esses rezadores atuantes no decorrer do dia a dia na cidade. Na ocasião da festa do padroeiro local, São Vicente Ferrer elas são presentes como verdadeiras devotas do padroeiro.

Os festejos do padroeiro acontecem no mês de abril e é possível perceber nesta ocasião, que muitos dos fiéis de São Vicente são os rezadores que no dia a dia são conhecidos e procurados ou quebrante, feridas na pele como erisipela e Maria preta são rezadas com frequência pelos rezadores na população. Suas crenças estão enraizadas na mentalidade daqueles que veem na prática uma oportunidade de cura.

Como afirmado pela entrevistada Edileuda, há casos que medicamentos passados pelos médicos não resolveram, e a reza resolveu, a exemplo do caso citado, das verrugas. Além desta tem também a reza para o mal olhado,

Verruga, mal olhado. Também já fui para ferimento. Às vezes tem uma ferida, no pé um esporão de galo, essas coisas os rezadores são muito bons. [...] eu levei um menino que estava com umas verrugas um tempo, com três dias as verrugas caíram.

No caso das verrugas, a entrevistada Edileuda afirma que já havia levado para os médicos avaliar e prescrever medicamentos, a entrevistada afirma:

Já tinha levado no médico, ele já tinha passado a medicação, não resolveu, ai eu levei no rezador, e graças a Deus! Com três dias caíram todas as verrugas. (E não apareceu mais?) Não, não apareceu mais.

Para melhor caracterizar essas doenças o mal olhado é tido pelos rezadores, como uma enfermidade causada por admiração ou inveja por alguém que tem o olho gordo⁴.

A origem da crença de cura desses rezadores está relacionada diretamente ao sincretismo existente na população brasileira no período de sua colonização e permanecem presente devido os problemas que enfrentam os indivíduos no dia a dia. Causada pela falta de dinheiro para consultas médicas e compra de medicamentos há uma busca das pessoas em buscar possibilidades outras para lidar com os desafios de está doente. É dentro dessas circunstâncias que se torna o rezador uma figura sagrada, acessível e presente nas comunidades. Sobre isto diz o sociólogo Antônio Quadros:

⁴ Olhar de inveja que, segundo a crença popular, pode causar malefícios ou tem o intuito de prejudicar outra pessoa. Disponível em <https://www.dicio.com.br>. Acessado em 15/05/2021.

“o sagrado vivo e presente; o sopro do Divino, invocado ali por todos, num participado teatro de arquétipos e símbolos” (Quadros, 1987, p. 76)

Se nos voltarmos para o próprio cenário do nosso país nos anos 1960-1970, década de onde os entrevistados de hoje vivenciaram essa tradição familiar, principalmente os rezadores, percebemos que as ações, práticas e manifestações de rezas se dão em um cenário de carência social, fome e proliferação de muitas doenças no campo econômico. Em 1970, principalmente no cenário nacional nordestino, essas carências se agravaram pela política de repressão, censura e medo do regime ditatorial em vigência.

Foi um período muito difícil para o Brasil. Como diz Menezes (2016):

Nesse período houve grandes enfrentamentos a estiagens, altos índices de desnutrição, fome, e doenças que aumentaram a mortalidade infantil e contribuíram para o adoecimento de muitos indivíduos. Nos grandes centros urbanos os indivíduos temiam as repressões. No nordeste o inimigo tinha vários nomes, seca, doenças e pouca assistência médica.

Esse sofrimento, o drama do povo nordestino conceitua Cunha (1982) o sertanejo como forte.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. (...) É o homem permanentemente fatigado. (CUNHA, 1982, p. 47)

Como descreve Euclides, o sertanejo é um homem forte, e se analisarmos as carências que o sertanejo passa ele precisa ser forte. A vida difícil o obriga a ser fatigado, pois lida constantemente com os desafios do dia a dia. Cuidar do roçado, quando tem, mesmo não havendo inverno. Planta, mesmo quando os tempos não trazem promessas de chuva, é o famoso atirar no escuro. Economiza o pouco que tem e supre a família sem luxos, mas não os deixa passar fome.

Em casos de doença, sempre foi costumeiro, digo isso pelos relatos familiares, os que tinham alguma posse levavam seus familiares para assistência médica, mas para maioria das famílias que conhecia e tinha fé nas crenças populares à tradição das rezas como cura, virava a assistência médica, pois esta não existia com a capacidade que tem hoje, principalmente na zona rural.

Na cidade de Lavras, no ano de 1971, apenas duas entidades eram responsáveis pela saúde da população; o hospital Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, cuja data de inauguração não consegui acesso, e o Hospital São Vicente criado inicialmente em torno de 1955 pelo Pe. Alzir Sampaio para ser usado como ambulatório e central de distribuição de leite para as crianças desnutridas. Além deste serviço, o ambulatório provia remédios e alimentos às crianças carentes, CORREIA (1998). Este por vez funcionava na casa paroquial. Em seguida passou para o velho prédio, que hoje funciona a rádio vale do salgado.

No entanto, suas verbas eram de fundo alemão, conseguidas pelo então pároco Pe. Alzir Sampaio e cidadãos que exerciam a medicina no município. Como por exemplo, o cirurgião geral Mauro Sampaio e os dentistas Luís Sousa e mais tarde Dr. Francisco Dias de Lima. Depois da morte do Pe. ALzir, em 1971, o ambulatório já funcionava como Associação e Proteção a Maternidade e a Infância passando a ser administrado pelo pároco sucessor Pe. Aduato, no qual teve que se ausentar por motivos de saúde passando administração do H.S.V.F para o Dr. Mirialdo Linhares Garcia, atual administrador juntamente com sua esposa Dra. Rosália Belchior Garcia.

Apesar de existirem os ambulatórios, a maioria da população na década de 70 e início de 80, principalmente aqueles que habitavam nas zonas rurais tinha pouco acesso à zona urbana e buscavam resolver as doenças com as rezadeiras das comunidades. Ainda que muitas doenças precisassem do auxílio de medicamentos para obter melhores resultados à distância, a falta de acesso a transporte e principalmente a pobreza e falta de dinheiro para comprar medicamentos contribuía para que os indivíduos procurarem os rezadores.

Usado como método de cura que para o povo nordestino, que é cheio de crenças, essa prática de cura pelos ramos vem se perpetuando assim há séculos. Houve um maior crescimento em meados do século XVIII. Logo, os traços dos horizontes tomados por essas novas manifestações de religiosidade tornou-se própria do catolicismo popular. Nesta manifestação, homens e mulheres buscam por meio de sua fé e apego aos santos de devoção aplacar os males que se acometem sobre si.

Uma consequência natural da intimidade que o sertanejo tem com o santo da sua predileção e a fé que nele deposita são os ensalmos, que, praticados obedecendo a certa ritualística, dão-lhes a certeza de serem atendidos e obterem as curas e o amparo espiritual que buscam. De fato, o ensalmo é uma oração acompanhada de benzedura pronunciada de maneira, mais ou menos,

ritualística com o objetivo de curar, aliviar os efeitos de males ou evitá-los. Às vezes são essas orações pronunciadas, enquanto se asperge água sobre a pessoa, outras vezes são usados ramos de alguma planta ou erva com que se benze a pessoa que sofre. (BATISTA; GUIMARÃES, 2020, n.p)

Seja como cita os autores, Batista e Guimarães, por consequência natural da intimidade desses homens com seus santos de devoção ou pelo dom, que afirmam ter recebido de Deus, o fato é que a busca por rezadores sempre foi muito constante. A tradição perpetuada de forma oral ainda continua a ser procurada para tratar das doenças que drogas medicamentosas não curam. Em sua maior intensidade nas cidades do interior, onde quase sempre os serviços médicos não são suficientes.

Segundo Batista e Guimarães, os indivíduos perceberam ao longo dos anos que as rezas invocando a ajuda divina também traziam efeitos. É especificamente dentro deste cenário, que surgiu a figura do rezador. Estes por vez são também divulgadores de boas novas e possuem vínculo com a igreja católica, pois são frequentadores das missas dominicais, participam das festas dos padroeiros e de outros rituais. São em sua maioria mães de famílias, avós, parteiras, homens comuns, que vivem no meio do povão. Em sua maioria são analfabetos, que tomaram conhecimento da reza por meio da oralidade com seus antepassados e da mesma forma a exercem nos rezados. Outros, assim como os rezadores desta pesquisa tinham conhecimento por meio dos seus, mas afirmam terem recebido o dote de Deus para rezar. De um modo ou de outro as práticas das rezadeiras acabaram por se tornar cada vez mais presentes no cotidiano lavrense, como patrimônio imaterial.

Como bem diz Zumthor (1993) essas tradições se difundem culturalmente por meio da oralidade. Percebemos, portanto, que a cultura popular lavrenses se enriquece pelos conhecimentos, que tem as pessoas mais velhas, no qual se propaga no nosso dia a dia, como diz a rezadeira entrevistada dona Socorro:

Minha filha, eu acho, que seja assim... Por que eu rezo/benzo uma criança. Ai dali vai espalhando aquele entendimento delas, e a fê e a cura do bêbê dalguma (de alguma) coisa que eu faço, né? Ai dali já vai... Pronto, quando eu penso que não... Propaganda positiva. Não é coisa de mal. É coisa positiva. E daí, quando eu penso que não a casa tá cheia de criança. Tá cheia de gente pra eu rezar, e tudo. Ai eu faço. . [sic]⁵

⁵ Narrativa de Maria do Socorro Moura de oliveira, 58 anos. Entrevista realizada fevereiro de 2020, em sua residência, rua Manoel Pinheiro Torres, em Lavras da Mangabeira, CE.

Para a entrevistada a propaganda positiva atrai novos fiéis e a torna muito procurada para rezas em crianças.

3.2 Entre invernos e cheias: As curas e experiências dos rezadores em Lavras da Mangabeira, CE.

As rezas para a cura e seus bons efeitos, segundo os depoentes, são elementos que ajudam a espalhar o conhecimento e fama da reza e do rezador ou rezadeira. Segundo a senhora rezadeira dona Socorro, hoje aposentada por idade, durante muitos anos cita que se sustentou do pouco que a reza trazia. Embora afirme que não cobra pelas orações, os rezados, ou seus pais costumam dar com frequência pagamentos em legumes. O que fica claro que nem sempre a questão econômica é problema, mas a tradição de cura pelos ramos fala mais alto.

Não, eu não quero nada. Me dão, deixa aqui. Às vezes traz alguma coisinha. Às vezes umas comprinhas. Um café, um açúcar, mas pedi eu não peço nem cobro. Ai foi um dom que Deus me deu, ninguém me ensinou.

Também o rezador Eudes, 63 anos, afirma, quando indagado se cobra pelas orações, que pelas orações não cobra nada:

Não. Mas tem gente que é assim, quando a pessoa chega aqui em casa que eu rezo. Seu Eudes mete a mão no bolso ai me dar vinte conto. Até cinquenta conto. Falo não é nada não. Não, mas o senhor não recebe não, eu jogo ai. Ai tá no envelope, né.

Os rezadores vão aos poucos estabelecendo relações de amizade e confiança com seus rezados, fazendo deste conhecimento popular, a prática de rezas, um acúmulo de experiências que vão desde o início dos anos em que o rezador iniciou o exercício de rezar e através das lembranças, que por ventura estão interligadas a estes acontecimentos.

Muitos relatam que a fome, as doenças e as dificuldades que cercavam seus cotidianos tornaram necessário o domínio da prática de rezar para curar e o apego a fé tornava mais fácil um cura, assim como ainda hoje faz da mãe que leva a criança ou mesmo os jovens que procuram por si só as orações fiéis da cura por meio da utilização de ramos.

Para afirmação trazemos a fala da entrevistada dona Socorro, quando relata sobre sua primeira experiência como rezadeira. Conta que o inverno é uma época de muita procura. Narra que foi numa época de inverno que rezou em seu sobrinho, sem que ninguém ensinasse como fazer.

Foi só! Sozinha. Eu comecei. Eu, eu tinha um sobrinho meu que estava muito doente, assim com diarreia. E nesse tempo tinha tido um inverno muito grande e quando acabar eu peguei, minha casa ficava distante assim, pouquinho da casa minha casa pra casa de papai. Quando eu fiz minhas coisas eu fui lá olhar o menino. Mãe disse “Socorro vai olhar aquele menino lá, mulher.” Eu nunca tinha rezado em ninguém, nunca! Ai quando eu cheguei lá tava o bichinho se queimando de febre. Bem gordo. Nunca tinha rezado em ninguém, né. Ai fui pra casa do meu irmão, Vicente. Finado Vicente, que hoje é falecido. Quando cheguei lá ai eu vi o bichinho deitada na sala, se queimando de febre, o côco escorrendo (e a senhora era bem novinha) era, eu acho que tinha dezoito anos.

O chamado para reza, o dom, o local, que é a zona rural são percebidas neste primeiro momento da experiência de dona Socorro, mas em particular o inverno é destacado como elemento cerne, pois relata que no inverno é uma época que tem muita procura das rezas. Isto porque como sabemos em períodos chuvosos aumenta as enfermidades. Segundo o portal cuidados pela vida (2019) é no inverno que há uma maior propagação de vírus e bactérias. Podendo essas bactérias e parasitas causar diarreia em crianças.

Dona Socorro segue dizendo:

Ai meu coração dizia assim “reza nele Socorro”, reza nele. Eu disse Cuma (como é) que eu vou rezar. Eu nunca... Ninguém me ensinou. Mas sempre eupedia a uma pessoa pra me ensinar. Ai eu fui peguei e disse “neném , a mãe dele chama neném, tu tem fé se eu rezar no teu menino? Ela disse “mulher se ele ficar bom eu tenho, pode rezar! Eu digo, pois não fique aqui não. Pode sair. Ai ela foi buscar três gainhos de muçambé. Ai eu fui tirei ele da rede se queimando de febre. O bichinho bem gordinho a coisa mais linda. Ai eu fui peguei ele, até um que tem um sinal no rosto. Não sei se tu conhece...Coloquei o menino e comecei a rezar. Minha filha, quando eu rezei nesse menino. Eu era rezando e espiando pro Santo. [sic]⁶

A euforia da cura é narrada nos trechos seguintes:

E eu pedindo a Deus que curasse aquele menino, por que o pai desceu pra pegar um animal e vir aqui pra rua. Meu Deus, talvez quando esse pai chegar o bichinho tenha morrido com tanta diarreia e vomitando. Quando eu comecei rezar ele foi abrindo a boca e foi despertando. E ia se acordando, quando eu dei fé o menino sentou em meu colo, antes deu terminar a reza. Eudisse vem aqui Neném. Olha o milagre. O teu menino aqui sentado. Ela disse “Eu não acredito não, Socorro.”

Outro elemento que podemos perceber na fala da entrevista é a dificuldade de locomoção para aqueles que moravam nos sítios. Os animais eram usados com frequência não só para trazer as pessoas à sede da cidade, mas também ajudar com os

⁶ Narrativa de Maria do Socorro Moura de oliveira, 58 anos. Entrevista realizada fevereiro de 2020, em sua residência, rua Manoel Pinheiro Torres, em Lavras da Mangabeira, CE.

serviços de abastecimento de água. A água para os afazeres era pega nos cacimbão com auxílio de jumentos e cangaias.

Quando meu irmão chegou com o animal ele já estava atrás de querer comer, o bichinho. Pois é, aí ele veio pra rua por que eu disse “não mais, por que o doutor vai passar um remédio pra diarreia, né”. Aí foi que começou. Que eu comecei a rezar!

Vemos que nas falas transcritas as rezadeiras narram que pedia a Deus que curasse o menino, seu sobrinho. A partir daí é possível percebermos que a prática das rezadeiras tem base na fé e apego a religião que professam. Como bem cita BRANDÃO (1980, p. 15)

Talvez a melhor maneira de se compreender a cultura popular seja estudar a religião. Ali ela aparece viva e multiforme e, mais do que em outros setores de produção de modos sociais da vida e dos seus símbolos, ela existe em franco estado de luta acesa, ora por sobrevivência, ora por autonomia, em meio a enfrentamentos profanos e sagrados entre o domínio erudito dos dominantes e o domínio popular dos subalternos.

Deste modo vemos que, a cultura popular expressa muito bem o campo religioso. Na verdade ela norteia parte do que vivemos e como vivemos. Ainda seguindo as entrelinhas de Brandão existe em franco estado de luta acesa. No caso do município lavrense as rezas surgiram primeiro como opção de sobreviver às doenças que assolam os anos de 1970, acompanhadas das epidemias que se alastraram com as secas, ou mesmo invernos acompanhados de grandes cheias. Também a carência de assistência à saúde por meio de postos públicos próximos as localidades rurais.

Também assistem os rezadores à enfermidades em animais. Como narra dona Socorro, a experiência tida através da cura em um animal de sua estima, que estava sangrando. Observemos a fala dada pela entrevistada:

A maior vontade na minha vida era eu curar. Ataiar fogo e sangue. Até sangue eu já ataei, por que eu tinha um cachorrinho chamava “bracinho”, desse tamanho. Aí o cachorrinho, com licença da palavra, mas tem nada não, ele era... Acho que ele era virgem. Aí ele foi usar a cachorrinha aí o bichinho estuprou, né. Aí aquela pelezinha rasgou, quando rasgou ele ficou sangrando. Aí meu sogro falou por que coisou (aconteceu) isso. Fez isso, essa farra e andando no mato. Aí acho que cortou alguma coisa. Onde ele deitava ficava apoça de sangue. Aí fui pra casa da minha sogra pisar um arroz.

Continua contando:

Quando eu voltei, aí meu coração disse assim “reza nele mulher deixa isso demão, reza nele.” Aí meu sogro disse assim “olhe ele está em suas mãos o cachorro seu. Um cachorro desses pra deixar morrer.” “Está em suas mãos”. Eu disse o que é que eu posso fazer? Ele disse “você sabe”. Aí quando fui pilar eu vi. Aí me deu aquela coisa, vontade. Aí o bichinho deitado e a poça de sangue, chega tava a tora de sangue. Eu disse meu Deus o que é que eu faço meu Senhor são Lázaro, com meu cachorrinho? Tanto que eu quero bemo meu cachorrinho vai morrer, mas tem nada não. Eu com a menina na escanchada aqui (aponta para os quadris) e a bacia de arroz na cabeça. Aí eu fui deixar lá dentro o arroz botei a menina no braço da outra. Sei que fui digo “não venha ninguém pra cá, não.” Comecei a rezar. Minha filha do céu, quando eu dei fé bichinha, oh, tuff! O peniszinho dele entrou e ele se esticou assim, pronto! Curei meu cachorrinho. [sic]⁷

A experiência narrada por dona Socorro tem características que definem bem como se dá a experiência do rezador pra com a reza. A precisão da cura e principalmente o apego a Deus e ao santo de devoção, São Lázaro, são elementos cernes na ação seja ela em animais ou em indivíduos. Nos indivíduos as rezas servem para curar doenças que os rezadores dizem ser causadas por olhos ruins, como o mal olhado ou doenças outras que surgem principalmente na ocasião de tempos chuvoso, como dito pela rezadeira aposentada, dona Socorro, sobre sua primeira oração ter sido em seu sobrinho que estava acamado e com diarreia. Em um tempo em que apesar de não lembrar o ano, recorda que foi no período de inverno.

Hoje a reza não tem procura apenas em períodos chuvosos, já que há doenças diversas que se manifestam em qualquer período do ano. Dentre as enfermidades rezadas, mencionamos as denominadas popularmente como espinhela caída, erisipele, engasgamento, atrofiamento das carnes, cobreiros e etc.

Para Almeida, 2013:

Segundo a medicina popular, a espinhela é um osso pequeno, flexível, “parecendo um nervo”, que se encontra no meio do peito, entre o coração e o estômago, e que pode envergar para dentro. Em Portugal diz-se que “a espinhela é um ossinho, como o rabo de uma lebre, na boca do estômago”. Quando o indivíduo faz um grande esforço e sente dor no local, significa que está sofrendo de espinhela caída. A doença seria decorrente de esforço repetitivo, como erguer ou carregar objetos excessivamente pesados.

⁷ Narrativa de Maria do Socorro Moura de oliveira, 58 anos. Entrevista realizada fevereiro de 2020, em sua residência, Rua Manoel Pinheiro Torres, em Lavras da Mangabeira, CE.

O indivíduo que se acomete deste mal se torna incapacitante, ou seja, não pode trabalhar nem fazer nada. Mesmo que seja examinado por um médico, apenas um benzedor ou rezadeira pode curar o indivíduo deste mal (ALMEIDA, 2013). No pensamento dos rezadores o atrofiamento das carnes acontece semelhante ao quebrante. E pode se manifestar não só em crianças, mas também nos adultos. É quando alguém coloca um mal olhado.

Como narra seu Eudes:

A importância de quem sabe uma oração, pra rezar, pra pessoa com uma criança que tem... Existe tem tudo. Tudo no mundo existe. Existe as coisas, né. Então tem esse problema da pessoa está com uma criança com olhado. Você pode está até com olho grande, que o povo tem inveja de você. Ter aquela inveja, que você é trabalhadeira, batalhadora. É estudosa (estudiosa). Estudiosa, né entendeu? Mas aí em muitos existe essas coisas assim. A pessoa está com um esmorecimento do corpo. Já está sabendo que mais ou menos por aí assim seja uma pessoa que está com olho grande em cima de você. Por seu estudo, por seu trabalho. Por seu esfoçoamento (esforço), que você se esforça demais. Mas aí quem é que sabe problema de rezar é o dote que Deus lhe deu. É o mesmo dote que Deus lhe deu pra você estudar. Só que na minha época não existia escolha como existe hoje. [sic]⁸

Alguns desses males, como bem relatam os rezadores, o rezador só conseguirá cura com a oração constante, como é o caso cobreiro e o mau olhado, ou quebranto. Nestes dois casos é preciso o acompanhamento de mais de um rezador para desfazer o mal.

3.3 Características e espaço das orações dos rezadores/rezadeiras lavrenses.

As orações são praticadas dentro dos cômodos de suas casas e em outras vezes no hospital, onde os enfermos o chamam pra rezar. Buscam os rezadores dentro de suas regras exercer respeito a fé em Deus e na religião, que se fundamenta seus princípios de cristãos e rezador. Muitos deles aprenderam desde muito cedo a rezar terço e tirar novenas com os costumes que tinha seus pais. Como cita dona Socorro:

Nunca fiz primeira comunhão. Por que antigamente era as coisas diferente das de hoje. Mas meu pai ensinava nós rezar os dez mandamentos. Meu pai ensinou nós tirar o terço. Na casa da minha mãe nós tinha devoção de rezar a novena de nossa senhora do Perpetuo Socorro. Nove noite de novena nós rezava.

⁸ Francisco Eudes de Oliveira, 63 anos. Entrevistado em Fevereiro, 2020, em sua residência. Em Lavras da Mangabeira.

Apesar de não ter tido uma iniciação cristã através dos rituais de primeira comunhão ou mesmo ter recebido o crisma, há um aprendizado por parte do rezador que é fundamental para sua prática, ele tem respeito à igreja que foi batizado, ao senhor Deus e ao santo no qual é devoto.

Todos os rezadores entrevistados tem um altar num cômodo específico da casa. São montados com mais frequência nas salas de entrada ou quartos. Possuem características bem coloridas e ao redor dos santos são usados flores para exaltar um carinho especial aos santos postos no altar. Entre os santos escolhidos se destacam o coração de Jesus e Maria e o santo de devoção. Para dona Socorro tem, São Lázaro ⁹.

Dona Helena é devota da família sagrada e diz:

Eu não tenho nada de imagem. Eu só tenho eu mesmo (mesmo. Quem vim pra cá só tem eu. Eu só tenho, por que as imagens o vento derrubou, eu só tenho a imagem do Senhor ali. (um crucifixo, né?) É. Por que é assim, nossa Senhora tá (está) no céu. Como o povo tirou a foto dela? Se você acredita nela. Acredite que ela existe, acredite! Que ela existe. Acredite no divino pai eterno, Ele existe. Se você ao menos uma vez na semana, olhar pro céu e arribar a sua mão e pedi o que você está precisando eu garanto a você que a bença (benção) que você pede, você a recebe. A recebe. Agora que foto de nossa senhora, de Jesus Cristo e do pai eterno merece todo respeito. Assim como a gente respeita a foto do pai e da mãe, merece todo respeito. eu ainda não pedi pra não alcançar pra mim e para as pessoas (pessoas) que me procura. [sic]¹⁰

Para a rezadeira dona Helena, 58 anos, não há um santo específico para devoção. Acredita no Divino Pai Eterno e em Nossa Senhora, não fazendo assim uso de imagens e nem prepara um altar nas paredes de casa.

Apesar das diferenças entre os demais rezadores e dona Helena, vemos que o exercício de rezar possui costumes que foram passados de rezador para rezador. As regras se fundamentam essencialmente em uma oração específica para tipo de doença. No entanto essas orações não puderam ser relatadas, pois os rezadores fazem destas orações algo de sua estima e que não pode ser dito, exceto no ato de rezar. Para, além disto, há também os que têm apreço por dias que são melhores para oração.

Como narra dona Socorro, rezadeira de 58 anos:

⁹ Chamado de São Lázaro, o Leproso, sendo o protetor dos leprosos e dos mendigos. Disponível em cruzterrasanta.com.br.

¹⁰ Helena Vitoriana da Silva, 58 anos. Residente no sítio Mangabeira, Zona Rural de Lavras da Mangabeira. Entrevistada em fevereiro de 2020.

Eu tenho o dia. É segunda quarta e sexta. Pra mim, né. E acho os melhores dias pra minha vida. Pra rezar. Fazer uma cura. É na segunda, quarta e sexta. (os horários) tanto faz ser pela manhã como á tarde. De noite também eu rezava, mas Deus tampe as ouças de comadre Laura. Ela dizia a mim que rezar a noite não servia. “Mas às vezes chega gente aqui: “Oh, mulher pelo amor de Deus, não sei o quê””. “Eu digo “mas mulher no teve o dia todinho”.” “Não é que eu não tive tempo”. Ai Deus diz “fica calada, Mariafaz tua obrigação.” Eu fico escutando a voz dele. (reza de noite, mas não é bom não?) É, eu não sabia, né. Mas essa rezadeira era curadeira. Era parteira. Aí ela me disse essa dica, que não era bom rezar de noite não. Mas não disse por que não. [sic]¹¹

Dona Socorro comenta que prefere rezar em crianças, mas também não se recusa rezar em adultos, caso precise.

Às vezes eu rezo em gente adulta, mas é mais difícil por que eu não me sinto bem, mas eu gosto de rezar. Por que isso é vontade minha mesmo, de que Deus me deu. O dom que Deus!

É possível perceber pela fala narrada que não existe distinção de oração para adulto ou criança. O dom que Deus lhe deu e que se manifesta por meio da oração feita serve para ambos, mesmo assim ela tem preferência por um público mais jovem.

Nos espaços de rezas existem também horários que alguns rezadores preferem seguir. De preferência antes do anoitecer, no entanto, há aqueles que praticam o exercício de rezar segundo o tempo que possuem. Ou seja, nem todos os rezadores seguem um turno específico.

Para os rezadores que exercem outras atividades durante o dia, pois são também agricultores que vivem no roçado, ou cuidando de afazeres outros, o horário a partir das 17hrs são os mais propícios para as orações. Como é o caso de seu Eudes. Segundo o entrevistado, os dias que mais o procuram são nas segundas e domingos e ele não tem horário estimado para atender, depende muito do tempo que ele tem disponível.

Aqui em casa depois de cinco horas, por que eu trabalho na limpeza, tem noite aqui que o povo me acorda minha filha. Meu pai era um profissional. Cinco horas ele não rezava né. Mas eu, a reza é importante é por isso. Se você tá sentindo uma dor, uma comparação, de noite, ai não vou atender? Não vou rezar por que está de noite. Ai vou esperar chegar o outro dia, quando o sol sair? Ai você vai morrer, gente, com tanta dor, né. Ai se você tiver fé aqui tanto faz. Chega nove horas, dez horas da noite chegou bater na minha porta.

¹¹ Narrativa de Maria do Socorro Moura de oliveira, 58 anos. Entrevista realizada fevereiro de 2020, em sua residência, rua Manoel Pinheiro Torres, em Lavras da Mangabeira, CE.

Para seu Eudes seu pai, Zé miúdo, também rezador não rezava à noite, mas não sabe o porquê. Dona Socorro narra quando indagada sobre os dias e horários para orações que:

É segunda quarta e sexta. Pra mim, né. E acho os melhores dias pra minha vida. Pra rezar. Fazer uma cura. É na segunda, quarta e sexta. (**os horários**) tanto faz ser pela manhã como à tarde. De noite também eu rezava, mas Deus tampe as ouças de comadre Laura (rezadeira). Ela dizia a mim que rezara noite não servia. “Mas às vezes chega gente aqui: “Oh, mulher pelo amor de Deus, não sei o quê”“. “Eu digo “mas mulher no teve o dia todinho”.” “Não é que eu não tive tempo”. Ai Deus diz “fica calada, Maria faz tua obrigação.” Eu fico escutando a voz dele. (reza de noite, mas não é bom não?) É, eu não sabia, né. Mas essa rezadeira era curadeira. Era parteira. Ai ela me disse essa dica, que não era bom rezar de noite não. Mas não disse porque não.[sic]¹²

Mesmo tendo essas ponderações sobre o ato de rezar à noite, tanto seu Eudes como dona Socorro dizem rezar à noite em caso de precisão. Para o rezador nem sempre a dor ou doença pode esperar. Ai é que está a importância da rezar, servir sem horário. O domingo, especificamente para seu Eudes, que trabalhava na limpeza pública como gari durante a semana, o tempo era curto e o domingo mais vago para atender seus rezados.

Fica perceptível, que segundo o conhecimento de boa parte dos rezadores entrevistados, existe pouco costume dos seus em rezar à noite. Seu Eudes cita seu pai, muito conhecido na cidade de Lavras da Mangabeira, CE, a quem ele tem como um profissional em rezas. Este mesmo não rezava a noite.

Para dona Socorro:

Tinha seu Zé Miúdo, acho que tu já ouviu falar nele. Gente muito boa. Sabido, curava tanta coisa. Eu cansei de pedir a ele pra me ensinar eu curar. Eu tinha muita vontade. A maior vontade na minha vida era eu curar. Ataiar fogo e sangue. [sic]¹³

Apesar da estima e costumes passados pelos rezadores de sua época, os dois rezadores citados rezam à noite, quando preciso, mas que é costumeiro não rezar.

¹²Narrativa de Maria do Socorro Moura de oliveira, 58 anos. Entrevista realizada fevereiro de 2020, em sua residência, rua Manoel Pinheiro Torres, em Lavras da Mangabeira, CE.

¹³Narrativa de Maria do Socorro Moura de oliveira, 58 anos. Entrevista realizada fevereiro de 2020, em sua residência, rua Manoel Pinheiro Torres, em Lavras da Mangabeira, CE.

Eliana Matthos ¹⁴no seu canal no youtube benza *comigo*, publicou em 2018, que os rezadores/rezadeiras usam ramos para benzer e à noite as plantas dormem. A natureza repousa e os pássaros dormem e que também o corpo das pessoas desacelera o ritmo. Por isto não atrapalham o ritmo da natureza, coletando os ramos, enquanto dormem. Diz ainda que é preciso respeitar o ciclo da natureza, pois é ela quem nos dar alimento e também nos abençoa, por isto evita-se benzer durante a noite.

É notável que em Lavras da Mangabeira, CE, os rezadores/ rezadeiras entrevistados possuem respeito às orações dos outros e a filosofia popular que aprenderam, mas se ajustam à necessidade dos seus rezados. Costumam indicar uns aos outros, principalmente se o rezado precise ser benzido por mais outros rezadores, como é o caso dos indivíduos acometidos por quebrante.

3.4 Os objetos e recursos usados nas práticas de rezas de cura dos rezadores e rezadeiraslavrenses.

Os ramos e dom recebido de Deus são os dois elementos básicos neste processo de cura pelos rezadores. Não há especificidade sobre a natureza dos ramos ou das folhas utilizadas. Folha de pinhão roxo, ou mesmo de árvores comuns são muito usados pelos rezadores. Em alguns casos, quando se trata de familiares se reza até mesmo com a mão, como cita dona Socorro:

Os ramos. (tem o específico) não. A primeira vez que eu comecei foi com o muçambé. Aqueles “muçambezinho”, as folhinhas. Mas como aqui não tem, pego dos pés de pau. Ai eu gosto de rezar. Meus netinhos quando precisa e não tem o raminho, eu rezo com minha mão mesmo.

Para rezas em crianças as folhas de pinhão roxo são muito utilizadas, mas não tendo qualquer outra folha servirá como raminho. Na verdade se observarmos a colocação de dona Socorro seja pela pureza do inocente ou mesmo pela força oração, não tendo ramo a mão faz jus a sua ausência. No entanto, os ramos quando murchados no final da oração indica que a criança estava com muito ou pouco olhado.

O uso desses ramos pode ser justificado pelo poder que as plantas tem de ajudar a retirar as coisas ruins, possui o poder de atraí-las (MARTINS; JOSEFINA, 2015, online; SANTOS, 2007).

¹⁴ Terapeuta Holística e Coaching Emocional, dona do canal benza comigo. (www.elianamatthos.com.br)

Em outros casos, como de infecção de pele causada pelo cobreiro, o ritual de reza é feito segundo seu Eudes, rezador é feito marcando os pontos com um pincel ou caneta,

Quando é um cobreiro eu não rezo com ramo, é com pincel, né. Passo um pincel umas três vezes. Usa ramo também. Não tendo outra maneira pode ser uma lapiseira dessas. [sic]¹⁵

No entanto, outros rezadores fazem uso de outros métodos para cura do cobreiro.

Uns fazem cruces com tição de fogo por cima do cobreiro, outros passam um ferro quente num pano que, por sua vez, é colocado quente no cobreiro, outros cozem ritualmente com agulha e pano. Todos fazem alguma benção com suas rezas e *orações* que, embora variadas, trazem sempre alguns traços de semelhança. Muitas delas falam da cabeça e do rabo das manchas de bolhas. (NERY, 2006)

Para seu Eudes marcar a enfermidade de cobreiro com pincel é importante para destacar a área que precisa de reza e cura. Para os rezadores o cobreiro se manifesta pelo contato do indivíduo com animais peçonhentos, como aranha, cobra ou sapo e moente o rezador pode curar. Seu Eudes duvida que médico cure um cobreiro quando diz:

Eu duvida (duvido) um médico, Mirialdo (Dr. Mirialdo) qual quer médico daqui de Lavras, ele curar um cobreiro. Eu duvida ele curar, só Deus, e a pessoa que reza, por que só mata com reza. Um cobreiro só mata com reza.

Cientificamente o cobreiro é conhecido como *Hepers-zóster*. Segundo o canal bem estar, 2018, a doença é causada pelo vírus *Hepers-zóster* e sua manifestação se dá durante os picos de estresse do paciente ou mesmo imunidade baixa e sua transmissão ocorre por meio do contato direto, e a cura acontece de forma espontânea.

A condição se manifesta em forma de bolhas na pele, acompanhada de dor aguda e febre. As erupções podem aparecer em qualquer parte do corpo. As regiões mais comuns incluem da coluna até a área frontal da barriga ou do tórax, mas as bolhas também podem aparecer no rosto e nas mãos.

No entanto, no depoimento colhido pela médica Helenita Monte de Hollanda, na Bahia, 2017, o cobreiro é apresentado, segundo a fala do rezador Santinho como uma lagarta, um bichinho, um cobre que surge no rosto e viaja da testa para a boca, voltando para o lugar de origem. Ou seja, cada conhecedor da doença a classifica do seu modo, científica ou popular.

¹⁵ Francisco Eudes de Oliveira, 63 anos. Entrevistado em Fevereiro, 2020, em sua residência. Em Lavras da Mangabeira.

Embora o entrevistado Eudes não tenha nos passado a oração que usa para curar o cobreiro, no site www.meussertoes.com.br a médica baiana de nome Helenita disponibiliza a seguinte oração, proferida por seu Pedro Santinho¹⁶

Bicha maldita

Que tanto comestes

E a Deus não louvastes

É de sair dessa cristã

Além da enfermidade denominada cobreiro, os rezadores também rezam, como mencionado anteriormente em erisipela, vômitos, diarreia, vento caído, doença na qual a criança defeca fezes na cor verde e está diretamente relacionada, segundo a crença, a uma altura que foi colocada ou susto que obteve enquanto dormia segundo dicionário informal. Na mesma plataforma de pesquisa, o conceito de quebrante é caracterizado por um mal olhado e afeta principalmente as crianças. As crianças, quando rezada precisa ser levantada algumas vezes. Há caso em que os adultos também procuram os rezadores para rezar contra o quebrante. Como narra a senhora rezadeira Helena residente na zona rural de Lavras da Mangabeira:

(Reza em adultos para quebrante?) Não, não agente só reza em criança, pela primeira vez na minha vida rezei nele. Ele ia passando, perguntou se eu rezava, disse que rezava ai ele disse, “é porque eu tô (estou) sentindo me assustando”. Tá certo meu filho eu rezo. Fui e rezei porque oração de vento caído, agente pega a criança aqui pelos pezinhos da criança e aqui é a cabeça, a gente põe assim na mão e segura bem firme aqui no pezinho e dá uma derriadinha (derribadinha) e reza na criança. Quando ele saiu eu ri que fiquei com meu estomago doendo de rir, porque daquele tamanho já pensou se eu fosse arriar ele, mas ele disse por inocência. [sic]¹⁷

A fala de rezadeira Helena afirma que só é costumeiro rezar para vento caído em crianças, contudo não deixa de praticar a boa ação de rezar em adultos, se estes assim tem a inocência de achar quem podem ser rezados e curados. Riu, segundo ela, pela inocência do rapaz que ouviu boatos de ser namorado, e também por se imaginar tendo que levantar o rapaz para fazer o ritual de oração de vento caído.

¹⁶ Rezador entrevistado pela médica e pesquisadora Helenita Monte de Hollanda, feito em Tucano (BA). Disponível em www.meussertoes.com.br. Acesso em Maio de 2021.

¹⁷ Helena Vitoriana da Silva, 58 anos. Residente no sítio Mangabeira, Zona Rural de Lavras da Mangabeira. Entrevistada em fevereiro de 2020.

Percebemos que o ofício de rezar ultrapassa o saber de curar apenas pelos ramos. Outras formas de conduzir a cura se tornam possível, pois é também a solidariedade de mulheres e homens, ainda que em minoria, que rezam para fazer o bem. Seja rezando em crianças, adultos, ou com expulsão de cobras ¹⁸em terrenos, cura de aliança ¹⁹, como é o caso de seu Zé Miúdo.

Assim, é a partir da fé e o dote que Deus deu ao rezador, que ele se torna um homem solidário e procurado pelos feitos que faz. Quando indagados sobre as razões da procura pelas rezas, muitos rezadores acabam afirmando que no primeiro momento essas procuras se dão pela necessidade que as pessoas têm de obterem uma cura, mas que são movidos pela fé. Fé na oração, mas principalmente no rezador que a faz. A propagação da reza e da cura é feita oralmente.

Muitos desses rezadores são vistos ou apontados pelos indivíduos que os procuram como sacramentados de Deus. Embora o rezador mencione que tomou conhecimento da prática com os seus pais ou avós. Pelo ensinamento ou mesmo observando (dote). É em função do dote dado por Deus, que aprenderam a rezar e curar as enfermidades.

Essa informação divulgada em cada benzedura reforça sua posição de sacramentado perante os seus frequentadores. Essa questão também é constatada por MONTEIRO, 2020:

Rezar em outras pessoas e conhecer as propriedades das plantas são práticas ancestrais que se originam pela experiência dos grupos sociais presentes em um meio, em certa cultura, com certas sociabilidades, sendo comunicadas em redes variadas nas relações desse meio. Essa comunicação pode ser a partir da transmissão oral desses saberes de geração a geração, pela observação da prática de tais ofícios, pelo dom divino que “Deus dá” ou o “chamado” para os ofícios.

A região do cariri cearense é marcada, segundo Monteiro, 2020, pelos registros de povos, como os *Kariris*, que inspiram manifestações culturais, saberes de ervas e da arte de rezar. Assim, o fio tecedor desta prática de rezar com ramos em Lavras da Mangabeira, CE, se manifesta na nossa cultura pelas mãos, olhos, palavras e gestos de homens e mulheres, em sua maioria agricultores. Indivíduos que consideram-se ser

¹⁸ Segundo seu Eudes, seu pai rezava para expulsão de cobras em terrenos, mas não adentrou mais no assunto com mais detalhes. Narra somente que se um terreno estivesse alastrado por cobras, seu pai rezava e elas iam embora.

¹⁹ Termo falado em entrevista por seu Eudes, no qual não deu mais detalhes do que se trata.

humildes, pobres de benefícios financeiros, cuja tradição de curar-se dos infortúnios e males vem desde os ancestrais de ocupação primeira da região.

Conhecida no município lavrense, como expressão de religiosidade popular a prática de reza por meio dos ramos é comum não só município lavrense, mas também em cidades outras da região do nordeste do cariri cearense, como mostra Emrich e Leite (2013)

É perceptível em Juazeiro do Norte a prática da religiosidade popular ao lado do catolicismo oficial. Um dos fenômenos mais expressivos disto é o ofício das rezadeiras: mulheres que conhecem as folhas e ervas e usam orações e gestos para curar mazelas do corpo e da alma. Um trabalho importante em comunidades rurais e em áreas carentes, pois as rezadeiras oferecem uma alternativa gratuita ao serviço médico, que muitas vezes não chega até essas pessoas.

Segundo os autores o ofício de rezar e curar com ramos continuam vivo nas comunidades, pois mesmo tendo alternativas de atendimento para cura da doença, nem sempre há nos postos a medicação prescrita. Quando para comprar os medicamentos falta dinheiro.

3.5 A interação da prática de religiosidade popular das rezadeiras e a igreja católica lavrense.

Em Lavras da Mangabeira a prática das rezadeiras interage de boa forma com outros costumes católicos e são também aprovados pelo pároco, como prática de boa fé. Apesar de parte dos rezadores serem frequentadores das festividades da paróquia, os que não o são também possuem oração forte. Isto nos recorda e justifica o que está escrito no livro de Tiago 5²⁰, sobre o fervor e a fé para oração ter poder de curar.

Deste modo, percebemos que assim como Tiago descreve o poder da oração de Elias, que ele era um sujeito comum. Não precisou ser muito espiritual, mas ainda assim Deus considerou sua oração justa, porque ele orava com fé. Assim também acontece com os rezadores são respondidos pela fé no qual exercem a prática.

A cura pela oração se documenta pela experiência oral dos rezados que a constroem em suas práticas de cura diárias e se faz presente na memória na cidade. E assim, a história ainda que não esteja narrada nos livros literários dos escritores lavrenses, essa cultura de religiosidade popular existe e tem assistido espaços cada vez

²⁰ A oração feita com fé curará o doente e o Senhor o levantará. [...]A oração feita por um justo alcançará resultados muito grandes. ¹⁷ Elias, por exemplo, era um homem com a mesma natureza que nós e, orando, pediu com fervor que não chovesse. E durante três anos e meio não choveu sobre a terra. Disponível em www.biblegateway.com. Acessado em 16/05/2021.

mais amplos. Dissemina-se por meio do boca a boca, como agentes religiosas não só do meio urbano, mas também rural.

E como cita Santos, 2019,

Rezam o teço, fazem novena, participam da missa, mas ao que diz respeito assuas práticas, o lugar no qual elas se inserem, é a sua própria casa, mesmo estando ligadas e sendo praticantes de uma religião oficial, suas práticas não se subordinam a um espaço religioso oficial, como uma igreja, por exemplo. Elas fazem uso daquilo que conhecem e da forma como conhecem o catolicismo.

Apesar de exercerem uma pratica de fé católica, as rezadeiras não aspergem água benta e não saem em missões de porta em porta como um grupo ou em missões. Em Lavras da Mangabeira-CE, destacam-se para estas ações as consagradas e alguns jovens membros do Encontro de Jovens com Cristo e membros da Renovação Carismática Católica. Esses grupos reúnem-se para está mais próximo à população carente de Lavras, principalmente em datas festivas, como a festa do padroeiro para levar a pregação do santo evangelho. Em datas como o Natal, dia das crianças e na ocasião da Semana Santa costumam levar alimentos ou brinquedos para as crianças.

Os rezadores e rezadeiras de que falamos se misturam na comunidade, pois é parte desse povo carente de Lavras. Para aqueles que não são aposentados ou vivem de uma agricultura rudimentar são bem vindos os alimentos levados pelos rezados em agradecimento a reza. Contudo, o que lhe falta de alimento corporal, lhe sobra de alimento espiritual. Vivem dando graças a Deus e tem o Espírito Santo pela vida que tem.

Praticam o bem por meio de suas orações onde quer que sejam convidados a estar, mas usam exclusivamente os cômodos de suas residências para atender os rezados. Como diz dona Socorro, 58 anos, rezadeira desde os 17 anos,

Quando o bebezinho é pequenininho e as vezes a pessoa está com uma enfermidade, me chama. Vem me buscar aqui. Já rezei muitas vezes no hospital. Dentro do hospital. Eu levo o raminho escondido lá eu pego. Mais é em apartamento, que o povo está.

Na fala da entrevistada vemos que os hospitais também se torna espaço para rezadeira estar, assim seja convocada pelos pais da criança. O hospital São Vicente Ferrer é o único hospital na cidade que possui ala de internamento. Apesar de ser um hospital particular possui área pública, que se destina consultar e internar pessoas enfermas que não tem condições de pagar os apartamentos. Os cômodos entre ala

particular e pública são parecidos, no entanto, nos apartamentos são encontrados objetos que trazem mais conforto aos pacientes, como armadores para redes, geladeiras e espaço de alimentação. Cada quarto deve possuir apenas um paciente, diferente dos demais quartos públicos, que suportam quatro leitos por quarto, sem direito a acompanhantes para maiores de 14 anos.

A diferença principal está neste permitir acesso direto aos visitantes, sendo que na ala do SUS há horários correspondentes as visitas, que ocorrem no fim da manhã e fins de tarde. Nos apartamentos não há restrições de horários para visitas e os acompanhantes podem ser mais de uma pessoa. É dentro desse espaço, que descreve dona Socorro que vai para rezar, pois são espaços que lhes dar privacidade.

Através da fala de dona Socorro também vemos que os rezadores em alguns momentos, a pedido de familiares, entram nos hospitais para exercerem as rezas. Um encontro da cura da ciência com a cura religiosa de base na fé. Neste caso a fé geralmente, quando tratada de crianças, vem dos próprios pais, que conhecem os rezadores e confiam em suas rezas. Estes por vez vão ao encontro de seus fiéis e evitam rezar no meio da rua.

Apesar de não ter um lugar ou cômodo da casa próprio para rezar e irem onde seus rezados necessitam, ainda assim fazem seus altares nas salas de casa e ornamentam como verdadeiros espaços sagrados. São característicos destes espaços mesinhas de madeiras, acompanhadas por toalhas floridas, vasos simples e flores de plásticos. Também usam com frequência flores naturais para ornamentar o espaço, que têm como sagrado. As paredes forradas com papel de presente são usadas para enfeitar o espaço que pertence ao santo de devoção e ao coração de Jesus e Maria. Alguns desses altares são montados na entrada da sala. Outras vezes eles estão nos recônditos dos quartos que pertencem à intimidade do casal, como mostrado nas imagens fotográficas anexada.

Para os rezadores que moram nos sítios as árvores, a sala ou mesmo os terreiros são usados para rezar. Não fazem cerimônia com o local da reza, mas, no entanto uma coisa é destacada pela aposentada e rezadeira Helena Vitoriana, é preciso que o rezador após suas orações se recolha em um local calmo para espairecer e se limpar das impurezas, ou peso deixados pelo benefício feito ao outro.

Para dona Helena o contato com a natureza é fundamental e é seguindo esta lógica que usa os ramos como escudo para se proteger dos males no qual está rezando. Em fala afirma que tem gente que reza, mas quando a pessoa sai não se sente bem, por isso usa os ramos. Outras vezes usa uma árvore para espairecer.

O ramo faz parte da natureza. Em tudo que a gente pegar o ramo e benzer a pessoa, aquelas coisas negativas que a pessoa tiver, pega no ramo, não pega na gente. [...] Ali no oitão tem um pé de árvore, eu coloquei uma cadeira pra quando me dá essas coisas eu ir me sentar lá fora na cadeira.

Percebemos ao longo do estudo que cada rezador entrevistado possui características próprias de reza. Dona Socorro prefere rezar em crianças e tem dias que se sente mais fortalecida a rezar, como nas segundas, quartas e sextas. Também afirma que reza à noite, quando precisa, mas prefere rezar durante o dia. Seu Eudes, filho do profissional Zé Miúdo muito conhecido na cidade, não tem horário nem dia específico. Reza em crianças, mas confessa que seu público maior é adulto.

Dentre as demais entrevistadas, como D. Helena e Conceição, que moram na zona rural não tem um público alvo rezam de acordo com a procura e para questões diversas.

Para dona Helena em particular, a oração que usa não tem segredos. Para ela a oração mais eficaz é a deixada em por Deus para nós, por meio do seu filho em Mateus 6, 7-15.

A oração mais poderosa que existe no mundo é o pai nosso que o Senhor nos ensinou. Com o pai nosso eu rezo em todo mundo. Agora quando a pessoa chega aqui, como já teve gente, quando eu comecei a rezar caiu no chão e saiu engatinhando, eu vou e rezo o creio em Deus padre, o ato de contrição, a salva rainha. [...] aparece gente aqui de todo jeito, com pulseira no pé. Por que aí quando vem é por que está sendo perseguido.

Como sendo de uma tradição e costumes antigos, dona Helena afirma que tem tipos de pessoas que procuram oração e a mesma reza por que não pode negar a reza. Segundo ela já recebeu até sapatão²¹ procurando suas rezas para voltar à companheira. E afirma que:

Tem tipo de gente que vem pra eu rezar, que eu rezo, por que meu direito é rezar. Não vou negar. Por que já tem vindo, mulher sapatão. As muiêr que é junta com outra pra mim rezar pra aquela muiêr voltar. Eu acho ai muito pesado pra mim. (É a favor da família tradicional?) Exatamente. Pra eu rezar

²¹ Termo usado por dona Helena Vitoriana pra se referir a relação amorosa entre duas mulheres lésbicas.

pra aquela pessoa se unir, mulher com mulher é pesado pra mim. Pesado demais.

Faz a oração em voz alta na frente da pessoa, mas para si pede a Deus que a converta. Que encontre um rapaz, se apaixone e se case. Em qualquer uma das orações é costume para dona Helena rezar com ramo ou com a mão, como os demais rezadores mencionados. No entanto, dona Helena destaca que não coloca a mão sobre a cabeça do rezado e explica o porquê:

Eu rezo com raminho. Eu rezo só pondo a mão assim de um lado e de outro. Agora errado é colocar a mão por cima da cabeça. A gente colocar a mão por cima da cabeça da pessoa está acumulando problema pra pessoa que está ali pra receber a reza. Tá acumulando problema por que tudo da gente entra pela cabeça. A cabeça da gente é como essa blusa sua. Você no veste ela não é pela cabeça? Então, se é bom entra pela cabeça e se é ruim também. A mediunidade²², que Deus dá a gente, a gente já nasce com ela. A gente tem uma baixinha no meio da cabeça [...] tanto faz ser homem como mulher ninguém pode colocar a mão por cima, não. A gente coloca de um lado e de outro e pode rezar.

Vemos, portanto, que cada rezador tem um santo de estimação e todos afirmam ter recebido este dom de Deus. Para dona Helena esta baixinha no meio da cabeça é a responsável por esta sensibilidade de rezar e que também é dada por Deus.

Mesmo que nem todos sejam frequentadores dos costumes praticados rotineiramente na igreja, como é o caso de seu Eudes o dote²³ vem. Mesmo não sendo um católico praticante, seu Eudes afirma não ter recebido críticas do padre, ou qualquer membro da igreja. Não se intitula frequentador constante da santa igreja católica, como costumam ser seus familiares. Ainda assim afirma ser justo e merecedor de méritos, pois suas orações fazem efeito em seus rezados. Como diz seu Eudes, rezador,

“Eudes tu não vai pra missa”. Não eu já rezo demais mulher, né. Mas a minha profissão, o meu dote que meu pai me deu foi pra eu ir pra igreja. Eu nasci na igreja católica, fui batizado lá, fui me casado lá. Então eu vou, mas eu vou assim pra uma missa de uma pessoa que morre. Eu não sou de estar todo domingo na igreja, entendeu, mas quando eu tiro pra ir pra minha igreja, eu vou.

Para cada um dos rezadores entrevistados acima, deles está em primeiro lugar o Deus, quem lhe dera o dote ou dom, em segundo lugar a força das orações e por fim a fé de seus rezados nas orações. Alguns rezadores até são indicados pelos médicos, mas

²² Mediunidade é o nome atribuído à capacidade humana que permite a comunicação entre encarnados e desencarnados. Essa faculdade se manifesta em todos os indivíduos de forma mais ou menos intensa, independente de religião, raça ou sexo. Disponível em <https://legiaopublicacoes.com.br>. Acessado em 11/02/21.

²³ Termo usado pela maioria dos rezadores entrevistados para caracterizar o dom que tem, que segundo eles foi recebido de Deus.

deixam claro que para cura é preciso que o rezado tenha fé, caso contrário nem se recomendam a procura do rezador, com diz seu Eudes:

Ter fé também. Precisa ter fé. Por que se não tiver fé não mande eu rezar.

Ai tem o cobreiro, tem o... A arisipele (erisipele). Tem o problema que a criança tá provocando, com licença da palavra, tá (está) provocando, sabe. Ai Mirialdo mesmo diz assim "oh, eu não tenho o que fazer com esse menino mais não". ele mesmo diz, "vá lá pra casa de um rezador, que tem lá no Além Rio". Eles indicam o rezador. Ai toda vida que tem um meninozinho vomitando e ele dá remédio e não fica bom ele manda leva lá pro (para o) rapaz lá e tal. Então às vezes o pessoal vem me buscar aqui, eu vou pro hospital.

Como vimos na fala do depoente, nem sempre os pequenos rezados recebem a oração por fé própria. Quando não são crianças levadas pelos pais, são pais levados pelo testemunho oral de algum indivíduo que recebeu a graça da cura por meio de um rezador. Como citamos anteriormente na fala da entrevistada Edileuda, que afirma ter lutado com as verrugas do filho mais novo, por quase um ano nos hospitais e tendo sido somente após a reza de um rezador da sua comunidade que o adolescente recebeu a cura das verrugas após três dias, onde as mesmas caíram sem aparecer mais.

Foi, portanto, por meio da orientação dos vizinhos do sítio que tomou conhecimento do rezador. A mesma afirma que ver na cura um complemento formado por três elementos, que coincidem com os citados pelos rezadores,

Eu acho que é um complemento. Primeiramente deus, a fé do rezador e minha fé também. São pessoas escolhidas por deus. Por que eu já fui muitas vezes com a criança passando mal mesmo, vomitando muito e quando o rezador começa a rezar o ramo mucha. Pra mim é a fé de Deus mesmo. Dom de Deus.

Deus, dom e fé são confirmados pelos rezados para descrever a cura. E apesar de usarem o ramo em sua maioria neste caso das verrugas apenas o nome do adolescente foi citado e a oração fez efeito. Não precisou de um retorno e tem resultado quase que imediato.

Não para mal olhado, sempre quando chega em casa a criança já está esperta, já está bem de imediato, num tem, mais assim tipo eu levei um menino que estava com umas verrugas um tempo, com três dias as verrugas caíram. [sic]²⁴

²⁴ Relato da entrevistada Edileuda Alves Ferreira. Residente no sítio Taveira, zona rural lavrense.

Deste modo, vemos a euforia ao narrar o fato e a preocupação em enaltecer a figura do rezador, que é conhecido na comunidade como sujeito calado, mas de oração forte, Dódó²⁵. No mais é perceptível a razão pela qual os rezadores ainda são tão procurados, como a entrevistada cita, é tradição e há males que drogas medicamentosas quando usam, ou a falta delas não resolve. Neste caso, o rezador se torna essencial na comunidade, seja ela urbana ou rural.

Como podemos perceber ao longo desse Estudo, as rezas praticadas pelas (os) rezadeiras (dores) são parte do catolicismo popular. Tem ramificação também nas práticas indígenas, e nas crenças africanas usadas desde o Brasil colonial.

Como afirma Araújo:

“Os curandeiros ou curandeiras eram procurados para resolver problemas da vida dos indivíduos, isso os caracterizava como agentes religiosos importantes no cotidiano da Colônia, ou então benevolentes divinos que possuíam todo o conhecimento empírico religioso adquirido de seus ancestrais.” (ARAÚJO, 2011, p. 99)

Em Araújo vemos a importância desses curandeiros e curandeiras tem em suas comunidades. Não só antigamente, mas também hoje eles são contribuintes da cultura popular. Apesar de ter origem num período comum a ter a fé como refúgio de cura, pela ausência de médicos, a prática permanece atuante nos dias atuais. (SANTOS, 2019)

Em Lavras da Mangabeira, a partir do estudo feito podemos perceber que atualmente muitos indivíduos procuram as rezadeiras para doenças comuns, citadas ao longo dos capítulos, que se manifestam em adultos e crianças. A oralidade como base dessa rede de troca torna cada vez mais o rezador conhecido embora não apareça nos escritos oficiais da cidade. São personagens portadores de uma sabedoria que perpassa ambientes informais e se tornam elemento cerne da tradição que resiste e convive com a medicina em alguns casos na comunidade lavrense. E são essas questões sobre permanência, que se faz importante.

Ela é sobrecarregada por elementos outros do cotidiano dos indivíduos, como suas condições financeiras de se deslocar dos seus espaços, para aqueles que residem sem sítios, para enfrentar filas esperando para ser atendido; a pouca condição financeira e as prioridades que pedem o uso deste são, portanto, contribuintes para busca da prática.

²⁵ Citado pela entrevistada Edileuda Alves Ferreira, 36 anos. Dona de casa, residente no sítio Taveira, Zona rural de Lavras da Mangabeira. Entrevista realizada em março de 2020.

Além das necessidades econômicas também a tradição de procura desses rezadores, que vem sendo passada de geração em geração contribui para sua permanência no cotidiano lavrense.

Com este estudo pretendemos contribuir para historiografia cultural religiosa lavrense e assim trazer para esta, novos personagens que fazem a história. Tendo em vista que não é uma temática abordada na cidade, já que a maioria dos escritos sobre a mesma discorre sobre famílias e poderes políticos da aristocracia local. Assim esperamos com o estudo contribuir não só com a história cultural, mas ao alargamento da historiografia local da cidade. Destacar a importância desses sujeitos rezadores, que no contexto específico lavrense e do estudo podem ser caracterizadas como representantes de um patrimônio, nos estão presentes no dia a dia dos lavrenses. Por meio do conhecimento religioso que possuem.

Podemos perceber a partir do estudo, que as rezas por meio dos ramos são úteis no cotidiano lavrense, pois por meio delas doenças podem ser curadas. Principalmente aquelas que foram destacadas ao longo do estudo, como mau-olhado, espinhela caída, dor de cabeça, cobreiro, vermelhão na pele, ou erisipele, para apagar fogo e desintéria.

Com este estudo a historiografia cultural religiosa lavrense ganha novos enfoques, trazendo para esta, novos personagens, que fazem a história. Tendo em vista que não é uma temática abordada na cidade, já que a maioria dos escritos sobre a mesma discorre sobre famílias e poderes políticos da aristocracia local, esperamos com o estudo contribuir não só à história cultural, mas ao alargamento da historiografia local da cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou as rezadeiras/rezadores e suas práticas de reza e cura na cidade de Lavras da Mangabeira, CE, buscando entender como esta permanece ainda hoje presente no município lavrense, além de analisar suas principais características. De início trabalhamos no primeiro capítulo apresentando o objeto de estudo dialogando com autores da História Cultural. A partir de conceitos usados por Barros (2000) e Burke (2003) percebemos que o estudo de práticas culturais, tendo como base metodológica a oralidade, tornou-se possível a partir da História cultural. Para maior entendimento do estudo da oralidade dialogamos com estudiosos da história oral e da memória a exemplo de Delgado (2006), Guimarães (2006) e Halbwachs (2007) e Sousa (1997). Sobre a temática em particular sobre as rezadeiras tomamos para leituras os trabalhos dos autores Santos (2019) e Menezes (2016), que muito contribuíram para minha pesquisa.

Diante disto e das características que pudemos observar da prática de cura das rezadeiras, é perceptível a semelhança com rituais não só católicos, mas também com elementos outros que destacam uma interação com os costumes de indígenas e africanos. O que nos leva a pensar que o processo de catequização almejado na colônia não foi apenas de submissão. Houve resistência que foram sendo introduzidas nos costumes diários e que até hoje se encontram em nós se manifestando por meio do catolicismo popular.

Foi, portanto, as ramificações deste catolicismo oficial encontrado nas práticas de religiosidades popular das rezadeiras de Lavras da Mangabeira, que se tornaram objeto de estudo deste trabalho. A prática popular de cura por meio de rezadeiras é advinda da colonização e está presente ainda hoje em comunidades rurais e urbanas atuando quando as pessoas adoecem e os meios de cura se tornam escassos, principalmente quando a medicina não alcança os lugares ou a condição social dessas pessoas. Além disto, também a tradição passada de geração para geração, da cura pelos ramos é fator cerne para busca da prática exercida pelas rezadeiras e rezadores.

Sendo o indivíduo da zona urbana o que o leva a procurar as rezadeiras são especificamente o custeio das consultas e medicamentos prescritos pelos médicos. Na zona rural além desses fatores os modos de se locomover até a sede urbana da cidade

lavrense para muitos ainda são precárias. É dentro deste cenário que as rezadeiras se tornam opções de cura, acabando por se tornar parte de uma tradição que se propaga oralmente pelos seus rezados.

No segundo momento da pesquisa, fizemos um apanhado sobre o território espacial dessas rezadeiras. Nele abordamos o ontem e o hoje de aspectos que foram tornados importantes para o estudo, como a origem da cidade lavrense, os sujeitos que são cernes na política e também literatura da cidade. São citados autores que contribuíram para o enriquecimento da historiografia local. Questões também sobre os costumes, sustento, e os avanços ocorridos ao longo dos anos nos rituais da igreja e em aspectos sociais da cidade são colocados em pauta. Neste capítulo, trabalhamos apontando aspectos de modernidade e de cultura popular presentes no cotidiano lavrense.

No terceiro capítulo, abordamos com mais detalhes a história dessas rezadeiras de Lavras da Mangabeira, CE. Por meio das entrevistas colhemos um conjunto de narrativas usadas como fonte, e em nossa análise pudemos observar que o despertar para a prática se deu principalmente a partir de momentos de aflição e precisão de socorro por que passaram as pessoas envolvidas na busca ou na própria ação de reza. No entanto, para as rezadeiras o seu talento com a reza se deu por meio do dom, que lhe foi dado por Deus. Também o contato com pessoas que rezavam e eram admiradores da prática despertou o interesse pela prática. O senhor Francisco Eudes de Oliveira e Maria da Conceição Gonçalves Murici Chaves tinham pais rezadores. As demais entrevistadas como, dona Helena Vitoriana da Silva e dona Maria do Socorro Moura Oliveira, conheciam pessoas que rezavam, mas aprenderam a reza sozinha. Segundo elas os momentos de precisão contribuíram para o afloramento do dom.

Os parágrafos deste último capítulo fazem análise detalhada dos horários, rezas e males que são curados por estas rezadeiras. Além de mostrar a partir das narrativas dos depoentes o capricho pelo espaço que consideram sagrados, os altares onde colocam seus santos de devoção. Neste capítulo também mostramos o que dizem sobre alguns rezadores a respeito do fato de não gostarem de rezar a noite. Também destacamos suas falas sobre as formas de pagamento ou não que recebem de seus rezados. Há um espaço também que se dedica a discutir um pouco com a experiência de um fiel sobre uma

doença, que não se via curar por métodos medicamentos da medicina científica, verrugas, mas que pode ser curado pela oração de um rezador.

Nas falas de parte rezadeiras entrevistadas pudemos observar que são praticantes da fé católica, admiradoras e fiéis do padroeiro da cidade, São Vicente Ferrer. E que apesar de possuírem dom e espaço próprio para curarem, reconhecem que é somente por intermédio de Deus que suas orações fazem efeito. O que revela que são católicos praticantes também dos momentos e rituais exercidos na igreja católica, como novenários, missas e confissões.

Uma das principais questões deve ser colocada aqui, sobre estes rezadores é o fato de serem não só rezadores, mas também pessoas comuns com outras atividades diárias. Temos seu Francisco Eudes de Oliveira, que trabalha como gari e fala que os melhores horários pra ele é depois das 17hrs e aos domingos. As outras rezadeiras são donas de casa e lidam também com o campo, no caso das que residem na zona rural. O que os tornam sujeitos ocupados e minha tenra gratidão, por terem disponibilizado parte de seus tempos para contribuir para realização deste trabalho.

Um trabalho que assim como outros feitos sobre a temática revela que em regiões pequenas, principalmente em espaços rurais como vemos em Santos (2019), essas práticas estão presentes no cotidiano das pessoas. Sendo este trabalho uma versão sobre o estudo das rezadeiras de Lavras da Mangabeira, CE, o trabalho pode servir de referência para outros estudiosos da temática. Deste modo, contar a história dessas rezadeiras lavrense é importante, pois contribui não só para história cultural, mas a própria historiografia local de Lavras da Mangabeira, CE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE Jr, Durval Muniz de. as dobras do dizer: da (im)possibilidade da história oral. in:_____. história: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da história. Bauru, SP: edusc, 2007. p. 229-234.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 8.ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Medicina rústica** (Brasiliana v.300). SP, Ed. Nacional, 1979.
- ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. **Espinhela caída: referências históricas e práticas de cura populares**. – Recife: EDUFRPE, 2013.
- BARROS, José D'Assunção. “**História Cultural –um panorama teórico e historiográfico**”in Textos de História (Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UNB). dezembro de 2003, volume 11, n.º 1/2. p.145-171
- CARDOSO, C. Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Dominios da historia : ensaios de teoria e metodologia**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 474-507
- CASCUDO, Luís Da Câmara. **Religião no povo**. In **CASCUDO, Luís Da Câmara. Superstição no Brasil**. 1. Ed digital. São Paulo: ed. Global, 2015.
- CASCUDO, Luiz Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. -10ª ed. – Rio de Janeiro: Ediouro.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas** (Brasiliana v.284). SP, Ed. Nacional, INL, 1976.

GONZÁLEZ-QUEVEDO, Oscar. **Curandeirismo: um Mal Ou um Bem?** SP, Edições Loyola, 1976.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração: memória e práticas culturais. Mato Grosso na primeira metade do século XX.** Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EdUFMT, 2006. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004. MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Contexto, 2007.

LE GOFF, J. NORA, P. História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976. Cap. A religião: antropologia religiosa. p. 83.

MENEZES, Yslany Moreira de. **Rezadores de Umari - CE: entre a tradição e a fé (1970 - 2015).** 2016. Curso de licenciatura plena em história – Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras.

WILKER, Nikelen A. **Curandeirismo: Um outro olhar sobre as práticas de cura no Brasil do Século XIX.** Vidya. Vol 19 nº34, 2000.

WITTER, Nikelen Acosta. **Curar como Arte e Ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura.** Tempo, Rio de Janeiro, 2014.

NERY, Vanda Cunha Albieri. **Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé.** In: VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006, Uberlândia/MG. Anais. Uberlândia/MG: 2006. 15 p.

PIMENTA, Tânia Salgado. **Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos.** Hist. cienc. saude-Manguinhos [online], 2004.

São Paulo: Editora UNESP, 1992. CAMARGO, C. F. **Cadernos de Folclore, nº 49. Medicina Popular(1976).**

SANTOS, Lucas Roza dos. **“Em meio a tantos agravos vezava-se, e muito”:** as rezadeiras e suas práticas de reza e curas na comunidade rural de Caldeirão, São Jose de Piranhas - PB de 1984 a 2018 / Lucas Roza dos Santos. - Cajazeiras, 2019.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Cultura de falas e de gestos: história de memória.** SP: 1997.

APÊNDICE

Apêndice A: Entrevista com Maria do Socorro Moura de oliveira (58 anos), aposentada. (20/02/2020)

Referência do entrevistador / pesquisador: L

Referência da entrevistada: MS

L- Principais elementos entre o rezador e os fiéis das rezas?

MS- Minha filha, eu acho, que seja assim... Por que eu rezo/benzo uma criança. Ai dali vai espalhando aquele entendimento delas, e a fé e a cura do bebê dalguma coisa que eu faço, né? Ai dali já vai... Pronto, quando eu penso que não... Propaganda positiva. Não é coisa de mal. É coisa positiva. E daí, quando eu penso que não a casa tá cheia de criança. Tá cheia de gente pra eu rezar, e tudo. Ai eu faço.

L- Reza só em criança?

MS- Criança. As vezes eu rezo em gente adulto, mas é mais difícil por que eu não me sinto bem, mas eu gosto de rezar. Por que isso é vontade minha mesmo, de que Deus me deu. O dom que Deus!

L- Como aprendeu a oração. Sozinha ou alguém ensinou a rezar?

MS- Foi só! Sozinha. Eu comecei. Eu, eu tinha um sobrinho meu que estava muito doente, assim com diarreia. E nesse tempo tinha tido um inverno muito grande e quando acabar eu peguei, minha casa ficava distante assim, pouquinho da casa minha casa pra casa de papai. Quando eu fiz minhas coisas eu fui lá olhar o menino. Mãe disse “Socorro vai olhar aquele menino lá, mulher.” Eu nunca tinha rezado em ninguém, nunca! Ai quando eu cheguei lá tava o bichinho se queimando de febre. Bem gordo.

Nunca tinha rezado em ninguém, né. Ai fui pra casa do meu irmão, Vicente. Finado Vicente, que hoje é falecido. Quando cheguei lá ai eu vi o bichinho deitado na sala, se queimando de febre, o côco escorrendo (e a senhora era bem novinha) era, eu acho que tinha dezoito anos. Ai meu coração dizia assim “reza nele Socorro”, reza nele. Eu disse Cuma que eu vou rezar. Eu nunca... ninguém me ensinou. Mas sempre eu pedia a uma pessoa pra me ensinar.

L- A senhora já tinha feito primeira comunhão?

MS- Não, eu nunca fiz primeira comunhão. Por que antigamente era as coisas diferente das de hoje. Mas meu pai ensinava nós rezar os dez mandamentos. Meu pai ensinou nós tirar o terço. Na casa da minha mãe nós tinha devoção de rezar a novena de nossa senhora do Perpetuo Socorro. Nove noite de novena nós rezava.

L- Então a senhora era católica vivente?

MS- Sou católica vivente. (voltando a primeira experiência de oração) Ai eu fui peguei e disse “neném , a mãe dele chama neném, tu tem fé se eu rezar no teu menino? Ela disse “mulher se ele ficar bom eu tenho, pode rezar! Eu digo, pois não fique aqui não. Pode sair. Ai ela foi buscar três gainhos de muçambé. Ai eu fui tirei ele da rede se queimando de febre. O bichinho bem gordinho a coisa mais linda. Ai eu fui peguei ele, até um que tem um sinal no rosto. Não sei se tu conhece...Coloquei o menino e comecei a rezar. Minha filha, quando eu rezei nesse menino. Eu era rezando e espiando pro Santo. (Tem um santo de devoção?) Não eu só espiava, não sei nem te dizer, qual era o mês. Não sei se era o mês de São José. Eu só sei que o inverno era forte demais. E eu pedindo a Deus que curasse aquele menino, por que o pai desceu pra pegar um animal e vir aqui pra rua. Meu Deus, talvez quando esse pai chegar o bichinho tenha morrido com tanta diarreia e vomitando. Quando eu comecei rezar ele foi abrindo a boca e foi despertando. E ia se acordando, quando eu dei fé o menino sentou em meu colo, antes deu terminar a reza. Eu disse vem aqui Neném. Olha o milagre. O teu menino aqui sentado. Ela disse “ Eu não acredito não, Socorro.”

Quando meu irmão chegou com o animal ele já estava atrás de querer comer, o bichinho. Pois é, ai ele veio pra rua por que eu disse “não mais, por que o doutor vai passar um remédio pra diarreia, né”. Ai foi que começou. Que eu comecei a rezar!

L- Os tempos de mais procura de reza?

MS- Sim, no inverno.

L- Antigamente lá tinha mais rezadores?

MS- Tinha seu Zé Miúdo , acho que tu já ouviu falar nele. Gente muito boa. Sabido, curava tanta coisa. Eu cansei de pedir a ele pra me ensinar eu curar. Eu tinha muita vontade. A maior vontade na minha vida era eu curar. Ataiar fogo e sangue. Até sangue

eu já ataei, por que eu tinha um cachorrinho chamava “bracinho”, desse tamanho. Ai o cachorrinho, com licença da palavra, mas tem nada não, ele era... Acho que ele era virgem. Ai ele foi usar a cachorrinha ai o bichinho estuprou, né. Ai aquela pelezinha rasgou, quando rasgou ele ficou sangrando. Ai meu sogro falou por que coisou isso. Fez isso, essa farra e andando no mato. Aí acho que cortou alguma coisa. Onde ele deitava ficava a poça de sangue. Aí fui pra casa da minha sogra pisar um arroz. Quando eu voltei, aí meu coração disse assim “reza nele mulher deixa isso de mão, reza nele.” Aí meu sogro disse assim “olhe ele está em suas mãos o cachorro seu. Um cachorro desses pra deixar morrer.” “Está em suas mãos”. Eu disse o que é que eu posso fazer? Ele disse “você sabe”. Aí quando fui pilar eu vi. Aí me deu aquela coisa, vontade. Aí o bichinho deitado e a poça de sangue, chega tava a tora de sangue. Eu disse meu Deus o que é que eu faço meu Senhor são Lázaro, com meu cachorrinho? Tanto que eu quero bem o meu cachorrinho vai morrer, mas tem nada não. Eu com a menina na escanchada aqui (aponta para os quadris) e a bacia de arroz na cabeça. Aí eu fui deixar lá dentro o arroz botei a menina no braço da outra. Sei que fui digo “não venha ninguém pra cá, não.” Comecei a rezar. Minha filha do céu, quando eu dei fé bichinha, oh, tuff! O peniszinho dele entrou e ele se esticou assim, pronto! Curei meu cachorrinho.

L- Reza em animal? Usa a mesma oração?

MS- É nesse foi pra ataiar o sangue, né. Mas às vezes aparece gente aqui com o cachorro pra me rezar. Eu não acho muito bom não, mas rezo. Que as vezes eu não quero, mas meu coração diz assim “ reze sua boca está sadia”.

L- Cobra pelas orações?

MS- Não, eu não quero nada. Mim dão, deixa aqui. Às vezes traz alguma coisinha. Às vezes umas comprinhas. Um café, um açúcar, mas pedi eu não peço nem cobro. Ai foi um dom que Deus me deu, ninguém me ensinou. Foi Deus. (Faz benzimento também?) benzimento Cuma? (Em nome do Pai, do filho e do Espirito Santo?) Faço. Faço também.

L- Como essa cura é vista pela igreja, recebe crítica?

MS- Vou pra igreja. Me confesso todos os anos na semana santa. Eu acho bom me confessar na confissão comunitária. Não, nunca recebi nenhuma crítica. Só teve uma vez que eu fui tirar um terço ai um... Foi assim, uma pessoa que não era padre não, mas

ele andava aqui nas casas rezando. Ai ele disse “Tu tem coragem de subir no altar, de qual quer igreja e rezar esse terço ai”? Eu digo “rezo, se for pra mim fazer, eu rezo. Eu não vou dizer que sei ler uma palavra de Deus dizer um pouco do evangelho. Ai não vou dizer, mas os mistérios eu sei tirar. Eu mesma tiro o terço.

L- Como Acha que acontece a cura?

MS- Minha filha, eu acho que é tudo é de deus, né. De Deus primeiramente e a segunda minha boa intenção e quem vai receber. Se a mãe tá com o filho e ele não tem entendimento, que saiba, que tô rezando, né. Mas pela mãe, né. É um conjunto. Primeiro Deus, a minha oração e a fé de quem está recebendo.

L- Objetos usados

MS- Os ramos. (tem o específico) não. A primeira vez que eu comecei foi com o muçambé. Aqueles “muçambezinho”, as folhinhas. Mas como aqui não tem, pego dos pés de pau. Ai eu gosto de rezar. Meus netinhos quando precisa e não tem o raminho, eu rezo com minha mão mesmo.

L- Quais as doenças, no qual mais se procuram rezas? Na hora que as crianças estão

MS- vomitando, com diarreia, vento caído, quebrante. E às vezes abusadinho, chorando. Ai tudo mistura com vento caído e olhando e olhado, né. Ai da diarreia, abusamentozinho. (Ferimentos?) Eu já rezei na enfermidade, mas eu não tenho minha reza própria pra eu curar assim uma enfermidade grande não. Mas eu rezei devido a fé da pessoa e a minha. Chegando aqui em casa com a perna vermelha, eu fui rezei.

L- Para cada doença tem uma oração?

MS- Cada cá, né (doença) tem. Foi com o tempo. o dom que Deus me deu e eu rezo. O que Deus me deu de dom eu aplico naqueles que for preciso.

L- Como e quando aprendeu a rezar?

MS- Eu acho... Eu tinha dezoito anos, eu sou de 1958.

L- Como é o benzimento?

MS- Objetos não. Só em criança.

L- O número de pessoas procurando oração é o mesmo ou muda de acordo com a fase do ano?

MS- Tem mês que não rezo em quase ninguém. Já tem mês que rezo demais.

L- Sobre a quantidade de rezadores que os clientes procuram?

MS- É bom. Por que às vezes o que não tiro. Se eu rezo e não tiro e tiro ao menos pela metade. Ai se for pra outro já tira. (uma vai fortalecendo a outra?) É, exatamente.

L- A casa como espaço de cura. Reza fora?

MS- Quando o bebezinho é pequenininho e as vezes a pessoa está com uma enfermidade me chama. Vem me buscar aqui. Já rezei muitas vezes no hospital. Dentro do hospital. Eu levo o raminho escondido lá eu pego. Mais é em apartamento, que o povo está. Em apartamento. O povo informa que eu não sei quem é. Ai chega aqui “A senhora que é D. Socorro?” “Eu digo, sou.” A, pois vim pedir pra senhora rezar em meu filho que está internado. Não pode vim. Num sei o quê. Ai eu vou (dentro do hospital). Em qualquer canto que precisar eu vou. Armaria tudo. Eu gosto de rezar. Comparação você chega, não rezo ai não. Entro pra dentro de casa. Se eu tiver no canto eu peço licença pra entrar na casa de uma pessoa. No meio da rua não presta não.

L- Quais os melhores horários e dias para rezar.

MS- Eu tenho o dia. É segunda quarta e sexta. Pra mim, né. E acho os melhores dias pra minha vida. Pra rezar. Fazer uma cura. É na segunda, quarta e sexta. (**os horários**) tanto faz ser pela manhã como á tarde. De noite também eu rezava, mas Deus tampe as ouças de comadre Laura (rezadeira). Ela dizia a mim que rezar a noite não servia. “Mas às vezes chega gente aqui: “Oh, mulher pelo amor de Deus, não sei o quê”“. “Eu digo “mas mulher no teve o dia todinho”.” “Não é que eu não tive tempo”. Ai Deus diz “fica calada, Maria faz tua obrigação.” Eu fico escutando a voz dele. (reza de noite, mas não é bom não?) É, eu não sabia, né. Mas essa rezadeira era curadeira. Era parteira. Aí ela me disse essa dica, que não era bom rezar de noite não. Mas não disse por que não.

Apêndice B: Entrevista com Francisco Eudes de Oliveira, 63 anos. (05/03/2020)**Referência do entrevistador / pesquisador: L****Referência da entrevistada: FE*****L- Como começou a prática de oração. Com quem aprendeu?***

FE- Minha filha é o seguinte, eu aprendi a pessoa quanto tenta querer rezar, só quem pode dar o dote é Deus, né. Quer dizer, oh. Meu pai era um profissional. Não sei se conheceu Zé Miúdo. Se informando aqui em Lavras da Mangabeira poderia ter se formado com Zé Miúdo. A importância de quem sabe uma oração, pra rezar, pra pessoa com uma criança que tem... Existe tem tudo. Tudo no mundo existe. Existe as coisas, né. Então tem esse problema da pessoa está com uma criança com olhado. Você pode está até com olho grande, que o povo tem inveja de você. Ter aquela inveja, que você é trabalhadeira, batalhadora. É estudosa. Estudiosa, né entendeu? Mas ai em muitos existe essas coisas assim. A pessoa está com um esmorecimento do corpo. Já está sabendo que mais ou menos por ai assim seja uma pessoa que está com olho grande em cima de você. Por seu estudo, por seu trabalho. Por seu esfoçamento, que você se esforça demais. Mas ai quem é que sabe problema de rezar é o dote que Deus lhe deu. É o mesmo dote que Deus lhe deu pra você estudar. Só que na minha época não existia escolha como existe hoje.

L- O ano que começou?

FE- Minha filha eu sou do dia 03/02/1958. Quer dizer estou com 63 anos. Completei 63 anos, né. Ai eu comecei a rezar eu tinha o quê, uns 22 anos de idade. Por que não foi ninguém que me ensinou. Só que eu ia pra casa do rezador rezar em mim e ele dizia “Rapaz por que você não vai rezar nas pessoas”. Ai eu falava: não, eu não sei rezar. Ai ele disse “Não, você não sabe rezar, mas tudo que você disser é combinado com Deus.” “Por que foi Deus que lhe deu esse dote não foi seu pai.” “Seu pai é um profissional, só que ele não lhe ensinou; ele não que lhe ensinar.” Realmente meu pai era um profissional e eu pedi “papai”... Ai quando eu voltei desse homem rezador...E muitos rezador dizia pra mim. Ai a importância da reza é o seguinte, é assim se você tiver fé, que Deus o livre você tem um bicho mordido de cobra, eu chegando lá, que eu peço a Deus, né. Coração de Jesus é quem cura não é eu, mas com aquela fé que você tem e

Deus me deu aquele dote eu chego lá o bicho vai e se levanta. A importância de rezar é isso aqui.

L- Reza em animais também?

FE- Rezo em animal. Rezo em tudo. Então, se o bicho está com uma bicheira lá em Araújos, MG, (Rezade longe também?) Várzea Alegre, Quitaiús, Mangabeira. Não precisa eu lá.

L- Tem uma oração específica para cada coisa/ doença?

FE- Não, realmente pra pereba é um. Pra quem está com olhado é outro. Pra dor de dente é outra. (Aprendeu sozinho?) aprendi só. Mas só que não rezo em cachorro. Rezo em cobra, mas não rezo cachorro. Menos assim estando com uma bicheira. Estando com uma pereba, entendeu? Chama pereba não é bicheira, daqui eu... Só basta ele passa aqui. Se eu ver que ele está com uma pereba eu faço um benefício a ele, eu não, Deus. Eu faço os benefícios pra ele e pronto! É mesmo que ser costurado com as mãos. Se você tiver fé. Tem que ter fé, entendeu?

L- Mas no caso do animal a fé é só a do senhor mesmo, né. Por que um animal ele não tem aquela crença.

FE- Mas aí por que entra na minha reza, nas minhas orações eu peço a Deus, né. E Deus vai ouvir aquela palavra que eu disse. Aquele bicho que não sabe de nada é inocente, mas Deus ajudou que ele ficou bom. **(Não intercede nada sem o auxílio de Deus?)** não. Tudo tem que ter. Primeiro em bote Deus. Segundo vou na minha oraçãozinha, que Ele me deu. Ele me informou essa oraçãozinha por que eu não sabia nada. Eu a primeira vez que eu aprendi a rezar eu dizia papai... chegou um rapaz com dor de dente até assim no sítio, nós estava no meio da roça, né. Aí lá não passava não, Larismar Lopes, não passava de jeito nenhum. Eu falei Larismar deixa eu rezar no teu dente. “Oh filho de uma égua, com licença da palavra, mas você. Seu pai que sabe rezar, jamais você que não sabe.” Aí tinha um rapaz lá disse assim: “rapaz manda ele rezar. ele tava com brincadeira, mas manda ele rezar que teu dente vai passar.” Aí, portanto, eu disse oh papai, papai tá caducando. Eu brincando com meu pai, meu pai tava velho com setenta e...setenta anos, coisa assim. Eu disse, papai tá caducando papai. A reza de papai não serve mais não. vai valer é a minha. Deixa eu rezar naná. Eu fui peguei esse dedo botei no dente dele assim. Comecei a rezar, entendeu? Esse dente dele papai rezou 3 vezes,

que era um profissional. E eu não era profissional. Ai daí pra cá, toda vida que a família dele sentia uma dor, uma dor de dente, ou dor de cabeça e tal eu ia. Vinha buscar eu aqui, né. Portanto, ai que a reza é importante. Eu duvida um médico, Mirialdo, qual quer médico daqui de Lavras ele curar um cobreiro. Eu duvida ele curar, só Deus, e a pessoa que reza, por que só mata com reza. Um cobreiro só mata com reza.

L- E precisa a pessoa que está recebendo a oração ter fé também ou não?

FE- Exatamente. Ter fé também. Precisa ter fé. Por que se não tiver fé não mande eu rezar. Ai tem o cobreiro, tem o...a arisipele. Tem o problema que a criança tá provocando, com licença da palavra, ta provocando, sabe. Ai Mirialdo mesmo diz assim 'oh, eu não tenho o que fazer com esse menino mais não. ele mesmo diz, vá lá pra casa de um rezador, que tem lá no Além Rio. Eles indicam o rezador. Ai toda vida que tem um meninozinho vomitando e ele dá remédio e não fica bom ele manda leva lá pro rapaz lá e tal. Então as vezes o pessoal vem me buscar aqui, eu vou pro hospital. Pronto, inclusive quando for cinco horas o rapaz vem buscar eu pra eu olhar se é uma erisipele se esse rapaz tá com ela. Até aquele menino de Chico do peixe.

L- Ganha conhecimento das doenças?

FE- Não, eu acho assim. Aqui é o seguinte, tem muitos rezador, mas o povo aqui tem dias que eu atendo dez pessoas aqui, cinco pessoas. Tem dia de domingo, segunda feira, que 'é o dia mais procurado, que a pessoa procura. Dia de segunda feira, dia de sexta feira. **(mais é por que é um dia melhor? Tem um dia específico para a oração?)** é por que assim tem problema que só dá certo... vamos supor, eu vou indicar direitinho pra você entender, se você tá com uma pessoa que está com olho grande em você, você tá meio esmorecida e aquela pessoa tá assim enxergando seu trabalho, mas pode ser assim com os olhos grandes. Por que existe o olhos grandes, você sabe que existe. Pronto, pronto,eu tenho uma hora que uma pessoa vem 'seu Eudes eu tô meio esmorecido, eu quero que o senhor venha aqui pro senhor rezar em mim', quando eu começo a rezar eu já começo abrindo a boca. Então quer dizer, aquilo dali já cai agua dos meus olhos. Choro, eu choro. E tem uma coisa, eu fico... você fica bom agora eu fico abrindo a boca, mas a gente tem que se preparar também. Rezar não é assim também não. é você tem que se preparar. A gente se preparar pra poder não ficar toda doença em cima de você. preparo meu corpo pra poder rezar. ai tem muita gente ''

há eu rezei em fulano de tal, não rezo mais não que...só rezo em criança.’ Eu rezo em tudo no mundo. Criança, bicho bruto. Eu rezo daqui.

L- Reza para encontrar em objetos perdidos?

FE- Não, não. As pessoas me procuram, mas eu não sei. Eu só sei o que eu sei. Só que se você pode tá lá em Brasília, se tiver um filho seu doente lá em Brasília você só faz dizer assim, ‘‘ Eudes vou mandar o nome do menino aqui, que tá doente e tal. Eu rezo nos meus netos daqui pra Brasília. Por que ai fala assim meu menino ta sem comer papai, sem dormir e tal daqui eu rezo. E eu fui pra Brasília ouvi dizer essa menina minha que tinha lá um menino muito doente que veio do hospital e não tinha jeito esse menino. E eu e ela falamos assim, pai vai dá uma rezadinha, o homem ali tem tanta fé em reza, papai dar uma rezadinha no menino ali. Ai eu disse assim, vou dar. Ai eu cheguei a mulher estava em tempo de chorar, por que já trouxe o menino do hospital muito doente. O menino vomitando, vomitando, vomitando . Mamava vomitava, dava de comer vomitava. Ai eu falei assim , ah não já sei o que ele tem. Sente ele ai. Ela foi sentou- se com o menino. Eu disse bote ele pra mamar. Ai ela disse, não seu Eudes ele vomita. Ai disse não bote ele pra mamar. Cubra seu peito ai, com licença da palavra, bote ele pra mamar. Depois de mamar pronto. O menino dormiu a noite todinha, comeu e ficou bem, né. Quer dizer, é uma coisa que a pessoa tendo fé é muito importante uma reza, sabe. Eu sei que a maioria do povo só tem fé se for no médico no sei o quê, ai não tenta, mas tem muita coisa que o médico não dá jeito.

L- Quais os melhores dias para fazer as orações?

FE- Minha filha é o seguinte aqui em casa depois de cinco horas, por que eu trabalho na limpeza, como gari. (reza de noite) Tem noite aqui que o povo me acorda minha filha. Meu pai era um profissional. Cinco horas ele não rezava, né. Mas eu, a reza é importante é por isso. Se você tá sentindo uma dor, uma comparação, de noite, ai não vou atender? Não vou rezar por que está de noite. Ai vou esperar chegar o outro dia, quando o sol sair? Ai você vai morrer, gente, com tanta dor, né. Ai se você tiver fé aqui tanto faz. Chega nove horas, dez horas da noite chegou bater na minha porta. Esses dias chegou assim oh, ‘‘ seu Eudes, seu Eudes (o que foi minha filha?) pela alma de seu zé miúdo eu quero que você reza aqui por esse menino, que eu já venho do hospital e o médico desenganou meu filho disse que não tem o que fazer com ele não. e ele não aguenta tanta provocação, vomitando, chorando.

Não perai, sabe o que ele tinha? Além dele estar com olhado ,e ele estava com dor de cólica. Ai importante, que dor de cólica tem um remédio, que nem o médico sabe, e eu sei. Deus me deu esse dote de saber. (mesmo sem saber ler. Nos pesquisou em livro, nem nada, né.) não, só Ele quem me deu meu dote. Eu acho assim, por que na época meu pai não podia, oito filhos, não podia dar assistência pra ensinar a todo mundo, então ele ensinou nós trabalhar e ter um pouco de educação como pobre. Por que educação mesmo quem tem é esse pessoal que estuda, que está vendo as coisas maus feitas e os direitos. Mas não a gente a gente na educação, os pais da gente se criava a gente com a educação. Hoje não, oh, você estuda pelo seu estudo, pela sua cabeça. Você é uma pessoa educada. Não é de nascença não. mesmo que você tenha a metade de nascença vai dar mais educação. Prepara melhor, mas a gente vive essa vida assim. Meu pai nunca pode dar um estudo pra nós. O que meu pai deu foi roça, foi machado, foice.

L- Senhor mencionou muitas vezes que seu pai era um profissional e realmente ele era muito conhecido. por que o senhor diz que ele era um profissional?

FE- É por que a reza dele eu não vou comparar com a minha. Duas coisas que eu tinha inveja dele. Meu pai foi assim. Oh, você tem essa propriedade aqui. Essa aqui tem quatro cantos. Ele curava essa daqui, aquela ali, aquela ali, deixava essa daqui (apontando e desenhando na mesa) não passava dez minutos todas cobras que tinha na sua propriedade sai tudo pra fora. Isso dai que pedi a ele, e pedir pra ele ensinar cobreiro. Quer dizer, depois que meu pai morreu tanto que o povo me pedia cobreiro. “ meu filho sei rezar em cobreiro não.” como eu rezei no primeiro... Só essa coisa, ela curava o chucai, curava aliança isso daí eu não vou me garantir não.

L- O que é cura de aliança?

FE- Cura de aliança, ou anel. Pega uma aliança dessa aqui você cura, se um bicho tiver mordido de cobra você pega essa aliança bota no pescoço do bicho e ele já se levanta. Ele pode estar deitado. Meu pai se tem dez chocalho aqui, onze aqui seu zé quero cura esse chocalho aqui. Não esse aqui já é curado (ele dizia). Ele sabia qual chocalho era curado. Ele sabia Deus o livre uma cobra lhe pegasse, ele sabia que cobra era. Eu não sei, mas ele sabia a cor da cobra que lhe pegou. Sabia se era jararaca. Ele era um profissional, meu pai.

L- Com quem ele aprendeu?

FE- Só. Isso daí já foi um dote que Deus deu pra ele. Não foi ninguém quem ensinou. Quando você nasce com o dote, você já nasce com seu corpo fechado, entendeu. Ai quando você nasce, as vezes chega criança aqui pra eu rezar, a i e falo assim esse bichinho não tem nada não. olhar pra mão dele assim, eu já conheço sabe, que o corpo é fechado. Só que muita gente de idade, chega aqui pra eu fechar o corpo. De criança eu ainda fecho.

L- Como é a relação do senhor com a igreja? Confessa, vai pra missa ou não?

FE- Minha filha fazer como diz, minha mulher as vezes até se reclama: ‘‘Eudes tu não vai pra missa’’. Não eu já rezo demais mulher, né. Mas a minha profissão, o meu dote que meu pai me deu foi pra eu ir pra igreja. Eu nasci na igreja católica, fui batizado lá, fui me casado lá. Então eu vou, mas eu vou assim pra uma missa de uma pessoa que morre. Eu não sou de estar todo domingo na igreja, entendeu, mas quando eu tiro pra ir pra minha igreja, eu vou.

L- Recebeu críticas da igreja?

FE- Não.

L- Cobra pelas orações?

FE- Não. Mas tem gente que é assim, quando a pessoa chega aqui em casa que eu rezo. Seu Eudes mete a mão no bolso ai me dar vinte conto. Até cinquenta conto, falo não é nada não. Não, mas o senhor não recebe não, eu jogo ai. Ai tá no envelope, né.

L- Reza com ramos?

FE- Minha filha é assim, quando é um cobreiro eu não rezo com ramo, é com pincel, né. Passo um pincel umas três vezes. Usa ramo também. Não tendo outra maneira pode ser uma lapiseira dessas. (aponta pra caneta em minha mão).

Se te for uma bicheira lá em Araújo daqui eu tenho que pegar um raminho e dando uns nozinhos, vai apertando aqui, soltando aqui.

Apêndice C: Entrevista com Helena Vitoriana da Silva (58 anos), (22/02/2020)**Referência do entrevistador / pesquisador: L****Referência da entrevistada: H**

L- Boa tarde! Dona Helena Vitoriana, a primeira pergunta é, a senhora começou a rezar quando?

H- Olha já faz muitos anos.

L- A senhora ainda era bem nova?

H- Era bem nova, eu devia ter uns 25 por aí.

L- Sempre morou na zona rural, no sítio?

H- Sempre.

L- Aí a senhora rezava muito no sítio ou era mais na rua?

H- Não, assim, no sítio, na rua, onde estou o povo me procura, o povo me procura, já rezei em várias pessoas ali na praça de frente a igreja, rezo na igreja quando o povo me chama para rezar, aí encontra comigo e vamos aqui na igreja comigo, aí vai fica e eu vou e rezo.

L- Aí não tem assim, por que tem pessoas que reza só em criança ou só em gente adulta.

H- Eu rezo em criança, rezo em adulto, rezo em tudo, por exemplo, é se a moça tive havendo alguma coisa com o namorado e ele não quis casar aí ela vem e pede uma ajuda a mim eu vou e rezo, eu rezo e graças a Deus até hoje, aconteceu de reza e casar, agora é o seguinte quando eu rezo e a pessoa casa e a depois vem para eu rezar porque se separase aí o problema é da mulher, é outra história. Tem acontecido várias vezes, de vim falar comigo dizendo que não deu certo e quer se separar ai eu mando para seu Didico, mando para Chico de Isabel, “não mais já andei em tudinho e me mandaram eu vim pra cá” pois então pode vim.

L- É porque eles trabalham fazendo uns trabalhos assim também né, diferente assim. A senhora só reza com ramo?

H- Eu só faço rezar e tem uns pedido, depende do problema, aí eu faço uns pedido e o pior que dá certo.

L- *A senhora cobra por esse trabalho?*

H- Não, eu não cobro nada não, agora que a pessoa me agratifique com o que puder me agratificar, mas eu não posso cobrar nada da pessoa.

L- *A senhora aprendeu a rezar sozinha ou aprendeu com as avós, a mãe da senhora?*

H- Não, aprendi só porque sofri vários problema, eu muitas vezes eu tava sentada e chegava uma pessoa e conversava comigo e eu não via ninguém aí conversava e nisso aí eu tive problema, andei para rezador em Juazeiro do Norte, andei para vários tipo de pessoa, mais que não era rezador eles era trabalhava de centro e meu trabalho não era centro porque Deus já tinha me reservado pra rezar não era pra encosta espirito em mim, porque a maioria é invoca espirito de quem já morreu dos antepassados eu não tenho isso apesar que eu já trabalhei dentro de centro, mas nunca dei valor a isso, vi muita coisa que eu não deveria ver e portanto que eu deixei de uma vez, fui entrei na Assembleia de Deus conversei com o pastor o que tava se passando e eu sai numa boa teve uma reunião de uma irmandade Davi Miranda, que é uma irmandade que anda o Brasil todo, irmandade Davi Miranda que a pessoa pregando o evangelho é a pessoa ajudando uns aos outro.

L- *Atualmente a senhora é o que, católica ou evangélica?*

H- Não, sou católica, eu num sou crente, porque Deus só tem um eu só peço a ele e quando eu peço, eu ai canso então só tem ele.

L- *A senhora não frequenta não a Igreja Católica, se confessa?*

H- Vou me confessar não, porque vou já dizer a você, os padre a maioria dos padre não é padre só é padre quando entra na igreja quando sai tira a batina, usa a bermuda e calça comprida, sai pra festa, eu acho que até pra balada eles dança, um dia eu fiz um teste eu não sei porque ai eu passei vindo lá de seu Dori ai atravessei até ali aquela rua que o finado a casa de Aluisio Filho, aí me deu vontade deu volta e pedir esmola ao padre, o padre tava escorado na igreja, na igreja não naquele apartamento dele com as mão assim, ele tava escorado, aí eu fui e olhei pra ele. – Bom dia! E ele -bom dia, aí estirei as mão - me dê uma esmolinha pelo amor de Deus? Ele olho pra mim isso já faz tempo, ele

disse -Vá pedir a doutor Edimilson, vá pedir o prefeito. Eu disse não eu to pedindo é a você porque uma esmolinha que eu to lhe pedindo até uma moeda de um centavo é esmola, “mas eu não vou lhe da esmola não” aí eu fiquei olhando pra ele, isso foi na passagem do ano 2000, quando foi pra completa ia completa como amanha o ano 2000 e eu fui como hoje.

L- E passou por essa experiência negativa né?

H- Passei por essa experiência negativa porque os padres eles só quer, eles não esmola a ninguém, eles querem é receber eu acho isso é errado agente dá esmola a padre, porque eles ganha mais de um salário mínimo pra viver, certo que tem que pagar as pessoa pra trabalhar, mais eles ganham bem, aí eu fui e fiquei mais ainda é mais esperta na minha vida pra saber que padre é pior de que nois, porque que agente vai se ajoelha e dizer o padre, oia eu briguei mais meu marido, oia eu disse nome assim, assim com meu marido, eu peguei meu marido com uma namorada cubri ele de nome cubri ele no tabefe botei ele pra fora de casa, então não podemos dizer nada o nosso segredo entre agente e o marido nois resolve nois mesmo pedi a Deus, se você fezalguma coisa que você viu que errou se da sua porta da cozinha da pra você vê o céu você quando tive sozinha arriba sua mão pro céu e peça, pai me viver porque eu não sei, me ensina a seguir o seu caminho porque eu não sei seguir sozinha, salve a minha vida pai e do companheiro que vós me deu salva pai a minha vida eu preciso de você cada segundo da minha vida, e ai por diante agente pedi perdão a Deus se agente errou agente presta atenção aonde agente errou, porque agente deve fazer é assim não é encostar no padre e dizer a ele o que fez não eu acho muito errado isso a é coisa dos antepassado.

L- A senhora já recebeu muita crítica, o pessoal que frequenta a Igreja Católica, crítica demais a senhora ou não?

H- Não, não, graças a Deus não. Não só tem que vem muita gente aqui aonde vem muita coisa que eu não faço já botei gente pra ir embora daqui hoje mesmo passou uma que não falou nem comigo, num deu nem um bom dia, graças a Deus, porque muitas quer deixar o marido por outro homem, “ai eu to apaixonada, olha meu marido é isso é aquilo outro”, vá procura outra pessoa porque eu não, se quer tomar o marido alheio como veio uma aqui pra mim rezar pra várias delas, mais essa foi a que mais me doeu porque a pobizinha da mulher com o bucho bem grandão esperando filho e um menininho de um ano bem doentinho, incruzivamente eu tinha ido outro dia para reza

nessa criança, aí ela queria que eu ajeitasse pra o homem procura ela, eu peguei e mandei ela se colocar no lugar dela, meu amor se fosse você que tivesse esperando menino, com a barriga daquele tamanho e ela vinhesse querer tomar seu marido o que é que você fazia? Ela só fez me responder descaradamente, ele dá pra nois duas, eu disse, pois você vá procura outra pessoa e por favor vá embora.

L- Eu estou vendo aqui dona Helena que o pessoal procura muito a senhora, a senhora não faz leitura de carta também não né?

H- Não eu não faço não mais aqui acolá eu digo umas besteirinha.

L- A oração da senhora é muito poderosa, porque o pessoal geralmente eu já entrevistei outras pessoa e eles diz mais doença, mais eu estou vendo que é por questão de relacionamento amoroso também a oração da senhora?

H- Também, eu rezo de tudo. Esses lá que você diz do finado Raimundo Meneses, eles vem de lá até pra eu rezar de dor de dente.

L- A senhora tem uma oraçãozinha especifica para cada mal?

H- Não, olha a oração mais poderosa que existe no mundo é o pai nosso que o senhor nós ensinou, com o pai nosso eu rezo em todo mundo, agora quando a pessoa chega aqui como já teve gente quando eu comecei a rezar, caiu no chão e saiu engatinhando eu vou e rezo o creio em Deus pai, o ato de contrição e a salve rainha.

L- A oração da senhora é forte a pessoa percebe pelo número de procura que tem, a senhora reza assim em muita gente direto?

H- É de várias coisas né, vem mulher! Vem gente pelo amor de Deus, vem gente, já teve gente aqui com uma pulseira no pé, até bandido já veio aqui, porque quando vem é porque tá sendo vigiado.

L- É com certeza está sendo vigiado.

H- E ele até disse: “Qualquer dia eu tó vindo aqui na senhora de novo” quando ele saiu fiquei foi rezando mais para ele se converter e sair da vida que tava.

L- Ai dona Helena a senhora acha que a cura, né porque se não tivesse uma cura o pessoal não voltava de novo, né verdade? A senhora acha que é uma continuidade,

tipo é pela fé que a senhora tem, junta também com a fé que a outra pessoa tem, é conjunta?

H- Se a pessoa teve fé e se veio exclusivamente para ficar bem daquele problema, então fica, mais olha tem tipo de gente que vem pra eu rezar que eu rezo porque o meu direito é rezar não vou negar porque já tem vindo mulher sapatão, as mulher que é junta com outra pra mim rezar pra aquela mulher volta, eu acho ai muito pesado pra mim.

L- A senhora é a favor da família tradicional que Deus deixou?

H- É exatamente eu rezando para aquela pessoa se unir muiê com muiê.

L- É pesado para a senhora porque vai contra os princípios que a senhora recebeu né?

H- É pesado demais olha, o conselho que eu sempre dou a quem reza, que esse tipo de gente, agente não pode dizer não, mais agente dá uma forcinha, quem sabe eu reza pra pessoa eles vem pra reza pra se ajuntar elas com a outra, mais improvisamente eu rezo o contrario do que ela tem, eu rezo que Deus bote no caminho dela um homem que ela ame e case.

L- Então a pessoa pede uma oração, mas a senhora faz outra?

H- Eu faço outra.

L- As orações são baixinha não dá para a pessoa saber né?

H- Ora! Não eu rezo alto mais na presença dela eu to rezando aquela oração, mais eu peço a Deus é que ela se converta e arranje um homem, porque mulher nasceu pra homem, eu sei que não sou bronca, cada cá viva do jeito que quiser.

L- A senhora tem uns objetos específicos de oração? Tipo porque tem gente que reza com um raminho, tem que ter um ramo, a senhora reza com qualquer coisa?

H- Olha eu rezo com raminho, eu rezo só com a mão assim de um lado e de outro, agora errado é bota a mão por cima da cabeça.

L- Mais porquê?

H- Oia agente colocar a mão em cima da cabeça da pessoa está acumulando problema pra pessoa.

L- Mais para a pessoa que está rezando ou para a pessoa que está recebendo?

H- Não, pra pessoa que tá ali pra receber a reza, tá acumulando problema porque tudo da gente entra pela cabeça, a cabeça da gente e que nem essa blusa sua, você não veste ela né pela cabeça? Então se é bom entra pela cabeça e se é ruim também, porque a mediunidade que Deus dá agente, agente já nasce com ela agente tem uma baixinha no meio da cabeça que parece uma muleira se você olha bem direitinho é como que tem uma abertura no meio da cabeça tanto faz ser homem que nem mulher, ninguém pode por a mão por cima, não agente coloca de um lado e de outro e pode rezar e pedir a Deus, porque aquela bença ela vem sagrada para a pessoa.

L- A senhora acha que tanto faz rezar com a mão assim ou com o ramo, para quem usa o ramo, porque que usa o ramo para fazer a oração?

H- Olha o ramo faz parte da natureza em tudo que agente pega o ramo e benze a pessoa aquelas coisa negativa que a pessoa tiver pega no ramo não pega na gente.

L- Mais tem clientes que a senhora, pessoas que a senhora reza e sente o peso?

H- Tem, olha pelo amor de Deus, tem gente que eu rezo aí quando a pessoa sai eu saio acompanhando a pessoa, a pessoa vai embora e eu me sento numa cadeira, e os bichinho fica derrubando as coisa, derruba de cima da mesa, oia eu vejo andando assim, eu oiço andando dentro de casa.

L- A senhora é médium, não é?

H- Eu acho que sim, oia eu ouço andando dentro de casa pisando, fecha porta abre porta, e eu olho tá tudo aberto, oia muitas vezes, esse semana mesmo veio umas muiê pra eu rezar ai me deu vontade o tamborete mesmo ali onde tá as costas desse rapaz ai me deu uma vontade de eu me levantar do tamborete e sentar na cadeira pro lado da parede, o tamborete saiu duas vezes do lugar e as muiê ficou com olho desse tamanho, as duas mulher que estavam aqui, eu disse, você tá vendo isso ai? Ela disse tó, olhai tá fazendo de novo, olhe pra vê se tu vê alguém, não tinha ninguém, porque sempre tem essas coisas.

L- É difícil, vida de rezador também né fácil não! A senhora faz benzimento de alguma coisa? Ou a senhora só faz reza mesmo, não faz benzimento não?

H- Olha é a mesma coisa a gente, por exemplo, se manda uma roupa para eu rezar, do jeito que eu rezo em uma pessoa eu rezo na hora, tem uma mulher que está me enchendo tanto a paciência, essa mulher é de Rondônia, ele esteve aqui, veio para a casa dos parente, ai veio aqui ai mulher, essa muiê ligou ontem ou foi anteontem, foi ontem, por causa da filha dela que tem um problemazinho, mais o problema serio da menina se ela arranjar um namorado ela fica boa, eu disse a ela.

L- Eu tinha uma prima que era assim também, ela ficou boazinha depois que casou.

H- Ai ela olha muita coisa da internet, olha muita foto. Pelo que ela disse aqueles disco de pornô. A muiê fica subindo na parede gente, uma jovenzinha ela fica doida, enquanto não arranja um namorado pra ela ai ela fica doida, eu disse pra ela eu disse “olha minha filha, não diga que ela é doida não porque ela não é doida, tu já pensou se essa menina é doida ela vai todo dia para o colégio, ela tá precisando é de um namorado”.

L- Dona Helena, a senhora vê a casa da senhora como um espaço de cura?

H- É! Tem vez que eu olho dai pra cá, as vezes eu penso assim que a minha casa não é essa, as vezes eu acho que minha casa não é essa, ali no oitão tem um pé de árvore, eu botei uma cadeira pra quando me da essas coisa eu ir me sentar lá fora numa cadeira, ali fora daí da pra você vê tem uma cadeira logo no pé de árvore que tem ai, que eu plantei um pé de árvore e tá bonito. Quando eu acho que a casa não é a minha, porque tem hora que parece, assim, eu vejo tudo estranho, tem hora que eu vejo tudo estranho, ai vou e me sento lá fora e começo a rezar, rezo pra todos que vem me pedir ajuda através do nome do pai.

L- Porque de certo modo é um peso né? Era isso que eu ia perguntar, porque a senhora vai de um certo modo absorvendo aquilo que a pessoa tem, aquele problema que a pessoa trás, e uma hora a senhora tem que explodir, porque a mente da gente agente sabe como é né, se força ela demais é um peso, ai tem um momento que meditar, espairecer.

H- Exatamente e o lugar melhor que tem é debaixo de uma árvore.

L- A senhora tem algum santo de devoção?

H- Não só meu pai eterno mesmo. Só tenho ele porque é o seguinte, eu já tenho visto tanta coisa no mundo. Oia eu até pensei assim, meu Deus será que é uma crente que vê. Porque crente desaprova agente, teve uma crente que disse que quem é católico tá no escuro, mais você só vê as estrelas do céu brilhando para você se você sair do claro e for para o escuro, você vê muita coisa bonita o céu tem beleza pra você, é lindo! É lindo! Você vê as estrelas umas vão para a frente pro nascente, outras desce pro norte, outras sai pro sul, elas andam e eu fico dizendo poxa até as estrelas muda de lugar porque a gente também não muda.

L- Mais ai a senhora não recebe critica da igreja católica, mais a senhora está dizendo que os crente e os testemunha de Jeová esse povo assim, eles não gosta, eles critica porque acha que a gente, não só a senhora que é rezadeira mais agente que é católico está na escuridão, pensa assim, é eu já recebi muita critica assim porque eu sou muito católica.

H- É e continue assim minha filha, continue pense em Deus, olhe o que você for fazer seja com a fé nele, porque agente só tem o nosso divino pai eterno e o filho dele Jesus por nós e a mãe de Deus, só essa família que tem no céu por nós. Nós só tem eles, porque eles são na alegria, no pranto e na dor, você chama ele quando você está feliz, chama na tristeza, chama ele na alegria e sempre ele está do seu lado, agente só deve chama ele.

L- Eu estou vendo aqui na casa da senhora, que agente tem que observar também o espaço, não tem santo aqui na casa da senhora, quando o pessoal vem rezar aqui, a senhora tem um cantinho dedicado às orações? Não tem santo de nada aqui?

H- Não, eu não tenho nada, eu não tenho imagem eu só tenho eu mesma, quem vim pra cá só tem eu, eu só tenho porque as imagens o vento derrubou, eu só tenho a imagem do senhor ali.

L- É um crucifixo, né? E nossa Senhora num relógio né?

H- É! Olha porque é assim, nossa Senhora está no céu, como o povo tirou a foto dela? Se você acredita nela, acredita que ela existe, acredite que ela existe, acredite no divino pai eterno que ele existe. Se você fizer ao menos uma vez na semana olha pro céu e arriba sua mão e pedir o que você está precisando, eu garanto a você que a bença que você pede você arrecebe. Agora que a foto de nossa Senhora, de Jesus Cristo e do pai

eterno merece todo o respeito, assim como agente respeita a foto do pai e da mãe, eu ainda não pedi pra não alcançar, pra mim e pra as pessoas que me procura.

H- Uma vez um rapaz veio aqui pedi pra eu rezar. Eu disse, não pode vim meu filho eu rezo. O bichinho tão inocente, muie! Pra você vê um rapaz.

L- *Quer dizer que oração para vento caído da em pessoa adulta também?*

H- Não, não agente só reza em criança, pela primeira vez na minha vida rezei nele. Ele ia passando, perguntou se eu rezava, disse que rezava ai ele disse, “é porque eu tô sentindo me assustando” tá certo meu filho eu rezo, fui e rezei porque oração de vento caído, agente pega a criança aqui pelos pezinhos da criança e aqui é a cabeça, agente põe assim na mão e segura bem firme aqui no pezinho e da uma derriadinha e reza na criança. Quando ele saiu eu ri que fiquei com meu estomago doendo porque daquele tamanho já pensou se eu fosse arriar ele, mas ele disse por inocência

L- *risos! É!*

H- Pra você vê aonde chega, tem gente que diz é, “um rapaz que anda namorando anda fazendo isso e aquilo outro, que inocente que nada” é inocente sim,

L- *É verdade!*

H- Não é por umas coisas mais é por outras.

L- *Uma vez eu pedi para uma senhora rezar numa sobrinha minha, ai aproveitei e pedi para ela rezar em mim, ela disse: “minha filha você está pior que essa menina, porque quando eu comecei a rezar em você, e senti uma coisa e fiquei só abrindo a boca, abrindo a boca direto”, acontece isso né?*

H- Sabe por que é isso ai? É quando a pessoa admira

L- *Da pessoa?*

H- É! Mulher mas tu é bonita mulher, mulher esse teu corpo é lindo mulher, eu só queria ser assim.

L- *Bota quebrante na gente.*

H- É ai você fica com dor no corpo, você fica com fastio.

Apêndice D: Entrevista com Edileuda Alves Ferreira (36 anos), (14/03/2020)**Referência do entrevistador / pesquisador: L****Referência da entrevistada: E***L- Por que você procura os rezadores?*

E- Porque assim é tradição, desde o tempo de criança, minha mãe sempre procurava rezador quando as crianças estavam com vento caído, mal olha, essas coisas, ai é tradição e até hoje eu sei essa tradição.

L- E vai passando para os seus filhos?

E- E vai passando para os meus filhos, né! No futuro eles vão.

L- Mais ai eles é, ficam com vontade de não ir? Com repulsa? Ou não? Não faz questão de não ir não?

E- Não faz questão não.

L- Com que frequência você procura? É mais quando eles estão muito doente, ou de vez enquanto tem que ir lá?

E- Não, eu procuro no último caso, num tem, quando estão precisando mesmo ai eu levo.

L- Leva no médico primeiro?

E- Isso levo no médico, ai sempre levo quando houver algum problema de verruga, tem um rezador bom que reza, olhado, essas coisas.

L- Já levou muito! Ai no caso você vai no hospital, quando não resolve no hospital, você procura as rezadeiras, que resolve?

E- Resolve! Até agora resolve.

L- Para que tipos de males você já procurou, você disse que é verruga, mal olhado também né?

E- Verruga, mau-olhado também já fui para ferimento.

L- Ferimento de que tipo?

E- As vezes tem uma ferida, no pé um esporão de galo, essas coisas os rezadores são muito bons.

L- Ai demora a cura ou não, você percebe assim, na hora? Na hora não, horas depois?

E- Não para mal olhado, sempre quando chega em casa a criança já está esperta, já está bem de imediato, num tem, mais assim tipo eu levei um menino que estava com umas verrugas um tempo, com três dias as verrugas caíram.

L- Três dias! E já tinha levado no médico?

E- Sim já tinha levado no médico, ele já tinha passado a medicação, não resolveu, ai eu levei no rezador, e graças a Deus! Com três dias caíram todas as verrugas.

L- E não apareceu mais?

E- Não, não apareceu mais.

L- Como foi essa experiência das verrugas? Já vinha lutando a muito tempo?

E- Já há muito tempo, já estava com quase um ano que ele estava com as verrugas na mão. E o povo sempre me orientando a levar pra esse rezador né! Ai eu disse, não vou levar primeiramente para o médico, se não resolver ai eu levo para o rezador, graças a Deus! Levei para o rezador e teve resultado mesmo.

L- Como você acha que aconteceu essa melhora? Acha que é a sua fé ou a fé da criança que está recebendo ou é um complemento, a sua fé a fé dele na oração e também primeiramente Deus? Como é que você acha que acontece?

E- Eu acho que é o complemento, primeiramente Deus, a fé do rezador e a minha fé também.

L- Ai como vê esses rezadores? Porque tem muita gente que discrimina, é contra os rezadores, acha que eles são macumbeiros, não são católicos, pessoas assim, mais os rezadores que entreviste até agora, todos eles têm uma vivência na fé católica, como é que você vê esses rezadores? Você acha que são macumbeiros, você acha que são pessoas escolhidas por Deus, que tem esse dom? Como é que você vê eles?

E- Na minha opinião, são pessoas escolhidas por Deus, porque muitas vezes você chega lá com uma criança, eu já fui muitas vezes com uma criança passando mal mesmo, vomitando muito e quando o rezador começa a rezar, o ramo murcha, eu pra mim e a fé de Deus mesmo, é o dom de Deus.

L- E ai você já viu eles rezando com outras coisas que não seja ramo? Tipo só com a mão? Ou reza com algum galhinho ou uma raminha de alguma coisa?

E- Não, eu já fui para rezadora que reza com ramo e esse da verruga ele não rezou com ramo, na hora ele só pediu o nome da criança e pronto, ele disse só assim, me dê o nome da criança e com poucos dias recebi o resultado, graças a Deus! Primeiramente.

L- E ai, quando você leva tipo com o vento caído, eles pedem que você faça um retorno ou não, geralmente a cura acontece logo?

E- Tem muitos assim, a cura acontece de imediato, mais assim, tem muitos que pedem para a pessoa levar três vezes, num tem, durante três dias.

L- Quais são os dias? Você lembra quais são os dias? Os meninos já são grandes, já é mais difícil de lembra né?

E- É mais eles gostam mais que leve assim, na sexta-feira, num tem, a primeira vez.

L- Já levou para rezar a noite? Porque eles têm um negócio de não rezar a noite, já levou alguma vez?

E- Não, porque eles, muitos rezadores não rezam a noite.

L- Mas não diz por quê?

E- Não diz por que, mas eu já fui em rezador e ele não reza e já voltei para trás.

L- E assim, como você avalia o espaço? Desses rezadores, vamos dizer a casa, o cômodo que eles rezam, eles têm um canto certo de rezar? É da para ver que são pessoas que tem uma fé católica ou a casa deles é neutra, não tem imagem de santo, não tem imagem de nada?

E- Não, eles são mais católicos, a casa tem muitas imagens.

L- Então é um ambiente que representa uma fé cristã e católica?

E- Isso!

Apêndice E: Entrevista com Maria da Conceição Gonçalves Murici Chaves (56 anos), (22/02/2020)

Referência do entrevistador / pesquisador: L

Referência da entrevistada: C

L- O nome da senhora é conceição né?

C- É

L- Dona Conceição, as orações da senhora tem um público específico? Tem as pessoas certas? Tipo a senhora reza mais em adulto, ou reza mais em criança, ou em tudo, não tem isso não?

C- Mulher eu rezo mais em criança, não gosto muito de rezar em adulto por causa que tem uma reza que prejudica a você se defender e eu não sei essa reza para se defender, um dia um senhor falou Conceição quando você quiser aprender a reza tu vem, ai me passou pelo sentido a correria, no tempo que tinha menino pequeno, não dava para sair, ai eu não fui e o senhor morreu.

L- No caso a senhora aprendeu? Porque a maioria que entreviste até agora, disse, que aprendeu sozinha, não foi uma pessoa que ensinou a senhora a rezar?

C- Não! Eu aprendi só, eu via meu pai rezando tudo...

L- O pai da senhora também era rezador?

C- Ai eu tinha um menino, esse José, ai eu ia para as casa dos rezador ai eles dizia assim, “essa mulher de novo na porta para rezar” ai eu digo, eu vou aprender a rezar só comigo né, ai aprendi eu mesma, aprendi a rezar e pronto, mais eu não aprendi a oração para se defender.

L- Ai é por isso que a senhora não reza em pessoas adultas?

C- Não!

L- Só em crianças?

C- Só mais em crianças, e adulto assim, que eu vejo que dá para rezar.

L- Porque tem adulto que trás um peso né? A doença.

C- Ai se eu vejo que dá para mim rezar, eu rezo, se eu vê que não dá eu não rezo.

L- A senhora sabe que pode rezar ou não, de acordo com o que a pessoa diz que está sentindo, ou a senhora sente um peso, aquela presença ruim?

C- Não, eu sinto muito ruim sabe, me sinto muito pesado muito carregado, muito ruim, mais como eu não sei me defender ai, eu não gosto de rezar.

L- A senhora tem uma vivência com a igreja católica ou não?

C- Tem!

L- A senhora vai a missa? Porque agente percebe eu estava estudando uns canais no Youtube, eles dizendo que tem muita critica, eles criticam esse povo que é rezador, a senhora faz benzimento também?

C- Não!

L- Não né, só reza né, porque disse que não pode fazer benzimento, num sei o que, e esse povo não frequenta a Igreja Católica, mas todos os rezadores que eu entrevistei até agora, eles dizem que frequenta a Igreja Católica, então reza em nome de Deus né a oração? Então é só em criança né? Tem os dias certos os horários?

C- Rezo todos os dias, a hora que chegar, que precisar eu rezo.

L- Até a noite?

C- Não, a noite não, depois que o sol se põe eu não rezo mais.

L- A maioria dos rezadores diz isso, mas é porque não pode, não é?

C- Não, é porque eu não gosto.

L- Não se sente bem também?

C- Não, não me sinto bem, porque eu acho assim, como é que quero disser? Eu acho assim, uma coisa assim escura você rezar, tem que ser no claro, né?

L- É verdade! A senhora recebe críticas por ser rezadeira? Não! De outras pessoas?

C- Mulher, as vezes sim, as vezes eu, tem um pessoal que chama para rezar em bicho bruto, eu não gosto, mas rezo, porque vejo que o bichinho tá precisando ai eu rezo, ai venho um senhor e disse: “a ela sabe de nada não” ai pronto eu fiquei chateada, magoada, mais eu digo, tem nada não vai dar certo né.

L- O bicho bruto não tem nada a ver, né?

C- tem nada a ver o bicho bruto né, mais ai também ele não me chamou mais não para rezar não, né.

L- E o bicho escapou?

C- Escapou!

L- É bom é assim né? Que a pessoa serviu a oração.

C- É porque é assim, se você tá doente você chega aqui, Conceição reza em mim, eu vou rezar em você, eu não sou nosso senhor para assim que eu terminar de rezar em você. Já sair boa. Não é assim?

L- É verdade! Né veneno também né?

C- Porque eu rezo, depois quem vai saber se vai ficar bom é Deus, não é? Quem sou eu para fazer uma missão do homem.

L- A senhora tem a fé da senhora, reza em nome de Deus, mas também tem que ter a fé da pessoa que está recebendo a oração.

C- Se eu for rezar em você, você está com aquela fé, meu Deus eu vou ficar boa, né assim? Mesmo assim a reza vai combater a doença, mas se você disser, não no seu coração, eu lá tenho fé nessa reza, não tenho fé nessa reza.

L- Tem uma oração, especifica, tipo o povo trás criança aqui para rezar, é mais vento caído, dor de dente a senhora reza também?

C- Rezo, mais ai, quando eu ficava com os dentes doendo, minha filha, os dentes tudo estragado, passava tudo para mim, ave Maria não rezo mais não.

L- Ai dor de dente a senhora não reza mais não? Para cada tipo de doença que chega aqui para a senhora rezar, tem uma oração específica ou é uma oração só para todas as doenças?

C- Mulher tem uma oração que agente reza para em comparação, a criança está com olhado, vento caído é uma reza, se ele está com uma dor na barriga, com outra coisa, é outra oração.

L- Ai essas orações a senhora aprenderam sozinha?

C- aprendi sozinha.

L- Não teve manual, não teve nada? Mais ai o pai da senhora?

C- Eu via meu pai rezando né.

L- Ele rezava alto? Porque os rezadores, a maioria reza baixinho né?

C- Meu pai rezava baixinho, mas ai eu ouvia ele dizendo né.ai eu aprendi, não foi todas as rezas dele que eu aprendi não, mais eu aprendi né.

L- Quais são os elementos que a senhora usa, assim a senhora usa a mão, a senhora usa raminho?

C- É ramo.

L- Só com ramo?

C- Sim, só com ramo.

L- Qualquer tipo de ramo ou não?

C- Não qualquer tipo não.

L- Tem algum ramo específico? Porque tem alguns que usa folhinha de pião né?

C- Reza com pião, reza com folha, rezo com hortelã, rezo com muçambé.

L- Todos eles têm um poder só? Ou o porque de usar o ramo? Uma pessoa me disse que é porque é um produto natural, a senhora acha que tem alguma coisa a ver?

C- Não, eu acho que o ramo nem você tá benzendo eu pra mim que seja mais assim de ramo, porque eu via meu pai só rezando de ramo, num via ele rezando com a mão.

L- Ai tem um local certo da senhora rezar, um cantinho certo, ou a senhora reza em qualquer canto?

C- Não rezo no meio do tabuleiro não, só rezo dentro de casa.

L- Eu estou vendo que a senhora tem um espaçozinho, um altarzinho, a senhora tem um santo de devoção?

C- Aliás, meus santo tudo são santo de devoção né, eu creio muito nos santos, eu faço promessa, eu olho muito para meu Padim Ciço, nossa senhora de Aparecida, ai você me valha nossa senhora do Perpetuo Socorro.

L- Então o santo de devoção é todo santo?

C- É todo santo, na hora que estou aperriada chamo por todos eles, risos.

L- O povo critica muito agente por isso, diz que agente é pecador de mais, que agente reza em nome de num sei quem, não tem que ter devoção em um santo, tem que recorrer é a Deus, eu também sou uma pessoa muito devota de nossa Senhora Aparecida, São Judas Tadeu.

C- Eu só não vou para a missa todos os domingos, não saio daqui de manhazinha cedinho porque não tem companhia, não sei andar de moto, mas se eu soubesse, minha filha, todo domingo bem cedinho eu estava na missa, é muito longe.

L- E agente também recebe muita critica por isso, por dizem que os rezadores são pessoas que não frequentam a igreja e todos os rezadores que eu já entrevistei até agora, tudinho são muito são muito de igreja.

C- Eu vou na rua tenho que passar na igreja, se agente ir na rua e não passa na igreja, na casa de nosso senhor.

L- A senhora diz que as criticas são mais de pessoas que não tem fé né? Mais de alguém assim de dentro da igreja nunca, recebeu critica não? Nem dos evangélicos?

C- Não.

**Apêndice E: Entrevista com Maria do Socorro Almeida da Silva (67anos),
(27/03/202)**

Referência do entrevistador / pesquisador: L

Referência da entrevistada: S

L- O que a senhora lembra do dia-a-dia, ou da forma de vida dos seus avós?

S- Bem, nossa rotina era viver, conviver em torno do sagrado e também do profano. Porque na história do sagrado e a questão das religiosidades, que eu já nasci numa família religiosa. Com está família religiosa, eles acreditavam na existência de um Deus criador de todas as coisas e que existia dentro dessa essência, Deus criador de todas as coisas também existia a questão da fé. (comportamento) acreditavam assim no pecado. Acreditava-se nos dogmas religiosos. Acreditava na santidade. Minha avó principalmente, minha avó materna, ela já tinha o apelido de santa, porque ela rezava demais ela tirava muito terço. A minha avó ornamentava altares.

Não havia energia na época da minha avó, era lamparina. Eu aprendi a rezar foi com ela. Minha avó ela era dessas que acreditava na credence popular do cristianismo. E ela tinha como autor principal da fé a figura do padre Cicero. Padre Cicero entre muitos, minha família. Tá entendendo? O que acontece, é que tinha muita devoção participar das romarias.

Tinha muitas cantorias, ligadas a Igreja, tinha os reisados. Porque os reisados eles faziam partes das festas natalinas. Que as festas natalinas tem a figura forte dos reis magos. Na cultura dos reis magos nas crenças deles, eles tinham uma questão popular. E meus tios e primos, tias eram adeptos a está figura dos reis magos, então eles participavam dos reisados. Partindo para as festas de padroeiro. Na festa do padroeiro tinha as lapinhas (nicho armado p/ festas de natais e reis no nordeste brasileiro). A lapinha era voltada para as questões natalinas. Tinha os pastorinhos, tinha um ritual que eu participava desse ritual, tinha musicas de lapinhas as musicas eram do maracazinho. A idade para participar era criança, assim de seis a doze, a menina que participava desse grupo. Era o grupo que os catequistas formavam para a figura principal era a história do padre. Ai na história do padre Cicero tinha os romeirinhos que a minha família fazia a pé indo para o Juazeiro do Norte e lá em Juazeiro quando eles chegavam no juazeiro eram recebidos por Padre Cicero. E Padre Cicero determinava o que era que

eles iam praticar lá na comunidade lá onde eles trabalhavam, né! Minha avó era determinada a cuidar da igreja zelar a igreja, tá entendendo? Fazer os movimentos sociais da Igreja...

L- Quais eram os movimentos sociais?

S- A festa do padroeiro.

L- Na festa do padroeiro o que é que vem?

S- Cantou o hino do padroeiro, andar como padroeiro, no altar da peregrinação, andar nas ruas era missionária do Padre Cicero. A nossa vivência, enquanto religiosidade o foco principal, quer dizer o objetivo principal da história era seguir os dogmas da Igreja, que era esse ritual, que cada comunidade recebia a sua medalha principal para participar daquele culto. A escolha era feita de acordo com a vivência.

L- Tinha forró?

S- Há, só o que tinha! Meu pai pegou minha mãe num forró (risos). A figura principal do forró era Luiz Gonzaga, existia as festas juninas. O sanfoneiro, os pandeiros, os forrozinhos pé de serra, o casamento. Quando tinha os casamentos, passava quatro dias de festas. Se você fosse se casar no sábado começava a festa na sexta-feira, aí era sexta, sábado e domingo, era os três dias na semana e era dois sanfoneiros, que era quando um cansava o outro já pegava. Era a manzuca e comida a vontade, os bois, eles passavam o ano todinho se preparando para dar de comer ao povo. Era bem animado.

L- E os forros de São João? Tinha renovação?

S- Renovação ainda hoje eu tiro a renovação do coração de Jesus na minha casa, sozinha, sem mais ninguém nem as bonecas daqui de casa não participa mais, porque mamãe morreu e papai... já vem de lá toda essa história. Ai o que acontece, eu não estou obrigada na atual agora, não estou mais obrigada a tirar as renovação. A renovação foi de casamento de papai e mamãe o festejo deles era consagrado. Eles consagravam a casa o lar e a família ao coração de Jesus se ofertava a renovação, mais como eu ainda continuo nessa historinha de coração de Jesus, aí continuei, no que eu continuei eu não fiz mais festas, porque a que mamãe fazia era o jantar, fazia cantoria, papai adorava fazer cantoria na renovação mais ai eu não faço mais porque essa festa era deles, eu só continuo a estar consagrando o coração de Jesus. Eu continuo rezando porque não faz

mal. E a consagração ao coração de Jesus, é nossa família toda feliz, tudo na base da religião.

As moças só iam pro forro quando completava dezoito anos. Pelo menos comigo minha avó só liberou com dezoito anos né, eu morava com papai e mamãe, mas a casa de vovó era vizinha.

Minhas lembranças boas são essas. Quando eu fui pastorinha da Igreja.

L- Fazia primeira eucaristia?

S- Eu fiz. Fiz demais, o dia da minha primeira comunhão eu não me esqueço, foi lá na Igreja de São José de Missão Velha, padroeiro de Missão Velha, minha primeira paróquia de catecismo o nome dela era Ambrosia, nome antigo, né!

No meu tempo as roupas eram assim, uma sainha prinçada branca, as preguinhas, sapatinho preto e meia calça branquinha. Tinha gente que fazia tricô. E a blusa era uma blusinha de marinheiro, ainda hoje eu lembro. Eu tinha tanta foto mais rasguei tudo. Eu estudava numa escola dos maristas, lá de Missão Velha. Era uma escola normal ai dos maristas, que era dos padres. Durante os dias era o povo pequenininho e a noite era os normalistas, tá entendendo? E as roupas eram de acordo com a escola, que a escola já era ligada a escola dos padres.

L- Tinha luz, ou era na lamparina mesmo?

S- Lá em casa era lamparina.

L- A senhora lembra mais ou menos quando foi colocada a rede de energia elétrica por aqui? Acho que não, né?

S- Não, porque quando foi colocada a energia... não eu não me lembro não, eu me lembro que tinha... não era assim, tinha luz elétrica, eu pequena eu me lembro da luz, só que aqui em Lavras, eu cheguei aqui em Lavras tá com 52 anos que eu moro em Lavras, eu cheguei aqui tinha 12 anos, então a minha vida é Lavras da Mangabeira, eu tó contando essa história pela tradição da família lá minha avó, da minha casa, da minha família, mais só que com doze anos, eu vim morar aqui em Lavras e quando eu cheguei aqui em Lavras já tinha luz elétrica.

L- Já tinha luz elétrica em todas as casas?

S- Não era contada nos dedos, até porque ainda hoje aqui em Lavras tem rua que não tem luz. Eu lembro que papai fez uma casa e foi preciso eu pedir a doutor Edmilson o prefeito para botar um poste e ele me deu dois postes, porque tinha que atravessar a pista para o outro lado.

ANEXOS

Instrumento de pesquisa: Roteiro de entrevistas semiestruturadas da pesquisa:

1. Nome, idade e naturalidade do entrevistado?
2. Grau de escolaridade: sabe ler e escrever?
3. Como aprendeu a arte de rezar nas pessoas?
4. Quais os melhores dias e horários para as rezas?
5. Há diferença nas orações feitas durante o dia e as orações feitas ao anoitecer?
6. Existe algum tipo de instrumentos utilizado durante as rezas?
7. Qual a faixa de idade das pessoas que mais procuram as orações?
8. Existem mais de um tipo de reza ou oração?
9. Quais os males mais comuns na procura da oração?
10. Há pagamento de alguma forma pela oração?
11. O que a igreja católica diz sobre vocês rezadeiras?
12. Qual o seu envolvimento com a religião católica, frequenta a igreja?
13. Como você acha que essa sua experiência de reza e cura têm permanecido na sociedade de hoje apesar do desenvolvimento e aprimoramento da medicina?
14. Por que você se tornou uma rezadeira (or)?
15. O que é ser uma rezadeira, em sua opinião?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo “**Ele enviou a sua palavra e os livrou da morte**”: **As práticas de cura das rezadeiras em Lavras da mangabeira-CE, 1960-2020**. Coordenado pela professora **Silvana Vieira de Sousa** e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: *Estudar as práticas de cura das rezadeiras de Lavras da mangabeira- CE como prática popular de religiosidade que se mantem ao longo dos tempos.*

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: realização de gravação de entrevistas nas quais serão feitas perguntas sobre suas experiências e práticas como rezadeiras. As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais ou** de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental; **Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020:** Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira

destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

Os riscos envolvidos com sua participação nesse estudo são: possíveis constrangimentos quando da exposição das suas experiências. Riscos estes que serão considerados acatando a sua decisão de suspender ou interromper a entrevista a qual poderá ser suspensa, ou continuada a qualquer momento, que achar conveniente. Como benefício da sua participação na pesquisa temos a oportunidade de escrever a história dessa experiência e assim contribuir com a historiografia da cultura e da cidade de Lavras da Mangabeira.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada em nome do coordenador da pesquisa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificado abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Silvana Vieira de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91, Bairro São José, Cajazeiras PB.

Endereço Profissional: Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Horário disponível: das 14hrs às 17 horas

Dias: Terça -feira e quarta feira.

Local: Ambiente dos professores , sala 13

Telefone: (83) 99177771

Email: sv_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufgcz@gmail.com

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA *Itaunas da Mangabeira, CE (20/02/2020)*

Maíra Góes de Menezes Oliveira, Ruzine da Silva Ferracia Melo

Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo “**Ele enviou a sua palavra e os livrou da morte**”: **As práticas de cura das rezadeiras em Lavras da mangabeira-CE, 1960-2020**. Coordenado pela professora **Silvana Vieira de Sousa** e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: *Estudar as práticas de cura das rezadeiras de Lavras da mangabeira- CE como prática popular de religiosidade que se mantem ao longo dos tempos.*

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: realização de gravação de entrevistas nas quais serão feitas perguntas sobre suas experiências e práticas como rezadeiras. As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais ou** de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental; **Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020:** Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira

destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

Os riscos envolvidos com sua participação nesse estudo são: possíveis constrangimentos quando da exposição das suas experiências. Riscos estes que serão considerados acatando a sua decisão de suspender ou interromper a entrevista a qual poderá ser suspensa, ou continuada a qualquer momento, que achar conveniente. Como benefício da sua participação na pesquisa temos a oportunidade de escrever a história dessa experiência e assim contribuir com a historiografia da cultura e da cidade de Lavras da Mangabeira.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada em nome do coordenador da pesquisa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificado abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Silvana Vieira de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91, Bairro São José, Cajazeiras PB.

Endereço Profissional: Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Horário disponível: das 14hrs às 17 horas

Dias: Terça -feira e quarta feira.

Local: Ambiente dos professores , sala 13

Telefone: (83) 99177771

Email: sv_sil@hotmail.com


Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufcgcz@gmail.com

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA	<i>Kaunas da Mangabeira, CE. (05/03/2020)</i>
 Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal	<i>Direção da Sílvia Ferreira Melo</i> Nome e assinatura do responsável pelo estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo “**Ele enviou a sua palavra e os livrou da morte**”: **As práticas de cura das rezadeiras em Lavras da mangabeira-CE, 1960-2020**. Coordenado pela professora **Silvana Vieira de Sousa** e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: *Estudar as práticas de cura das rezadeiras de Lavras da mangabeira- CE como prática popular de religiosidade que se mantem ao longo dos tempos.*

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: realização de gravação de entrevistas nas quais serão feitas perguntas sobre suas experiências e práticas como rezadeiras. As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais ou** de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental; **Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020:** Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira

destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

Os riscos envolvidos com sua participação nesse estudo são: possíveis constrangimentos quando da exposição das suas experiências. Riscos estes que serão considerados acatando a sua decisão de suspender ou interromper a entrevista a qual poderá ser suspensa, ou continuada a qualquer momento, que achar conveniente. Como benefício da sua participação na pesquisa temos a oportunidade de escrever a história dessa experiência e assim contribuir com a historiografia da cultura e da cidade de Lavras da Mangabeira.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada em nome do coordenador da pesquisa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificado abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Silvana Vieira de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91, Bairro São José, Cajazeiras PB.

Endereço Profissional: Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Horário disponível: das 14hrs às 17 horas

Dias: Terça -feira e quarta feira.

Local: Ambiente dos professores , sala 13

Telefone: (83) 99177771

Email: sv_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufcgcz@gmail.com

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA *leiros da mangabeira, ce (22/02/2020)*

Helena Vitorina da Silva *Luizene da Silva Ferreira*
Assinatura ou impressão datiloscópica do Nome e assinatura do responsável pelo
voluntário ou responsável legal estudo *Melo*

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo “**Ele enviou a sua palavra e os livrou da morte**”: **As práticas de cura das rezadeiras em Lavras da mangabeira-CE, 1960-2020**. Coordenado pela professora **Silvana Vieira de Sousa** e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: *Estudar as práticas de cura das rezadeiras de Lavras da mangabeira- CE como prática popular de religiosidade que se mantem ao longo dos tempos.*

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: realização de gravação de entrevistas nas quais serão feitas perguntas sobre suas experiências e práticas como rezadeiras. As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais ou** de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental; **Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020:** Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira

destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

Os riscos envolvidos com sua participação nesse estudo são: possíveis constrangimentos quando da exposição das suas experiências. Riscos estes que serão considerados acatando a sua decisão de suspender ou interromper a entrevista a qual poderá ser suspensa, ou continuada a qualquer momento, que achar conveniente. Como benefício da sua participação na pesquisa temos a oportunidade de escrever a história dessa experiência e assim contribuir com a historiografia da cultura e da cidade de Lavras da Mangabeira.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada em nome do coordenador da pesquisa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificado abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Silvana Vieira de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91, Bairro São José, Cajazeiras PB.

Endereço Profissional: Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Horário disponível: das 14hrs às 17 horas

Dias: Terça -feira e quarta feira.

Local: Ambiente dos professores , sala 13

Telefone: (83) 99177771

Email: sv_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufcgcz@gmail.com

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA Lourenço da Mangabeira, EE. (22/03/2020)

masse da correição geral / município de Lourenço da Silva
Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal Nome e assinatura do responsável pelo estudo
Fernanda Melo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo “**Ele enviou a sua palavra e os livrou da morte**”: **As práticas de cura das rezadeiras em Lavras da mangabeira-CE, 1960-2020**. Coordenado pela professora **Silvana Vieira de Sousa** e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: *Estudar as práticas de cura das rezadeiras de Lavras da mangabeira- CE como prática popular de religiosidade que se mantem ao longo dos tempos.*

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: realização de gravação de entrevistas nas quais serão feitas perguntas sobre suas experiências e práticas como rezadeiras. As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais ou** de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental; **Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020:** Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira

destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

Os riscos envolvidos com sua participação nesse estudo são: possíveis constrangimentos quando da exposição das suas experiências. Riscos estes que serão considerados acatando a sua decisão de suspender ou interromper a entrevista a qual poderá ser suspensa, ou continuada a qualquer momento, que achar conveniente. Como benefício da sua participação na pesquisa temos a oportunidade de escrever a história dessa experiência e assim contribuir com a historiografia da cultura e da cidade de Lavras da Mangabeira.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada em nome do coordenador da pesquisa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificado abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Silvana Vieira de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91, Bairro São José, Cajazeiras PB.

Endereço Profissional: Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Horário disponível: das 14hrs às 17 horas

Dias: Terça -feira e quarta feira.

Local: Ambiente dos professores , sala 13

Telefone: (83) 99177771

Email: sv_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufcgcz@gmail.com

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA : *Barra da Mangabeira, CE. (14/03/2020)*

Edileuda Alves Ferreira

Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal

Roziene da Silva Ferreira Melo

Nome e assinatura do responsável pelo
estudo

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo “**Ele enviou a sua palavra e os livrou da morte**”: **As práticas de cura das rezadeiras em Lavras da mangabeira-CE, 1960-2020**. Coordenado pela professora **Silvana Vieira de Sousa** e vinculado ao curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras, PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: *Estudar as práticas de cura das rezadeiras de Lavras da mangabeira- CE como prática popular de religiosidade que se mantem ao longo dos tempos.*

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: realização de gravação de entrevistas nas quais serão feitas perguntas sobre suas experiências e práticas como rezadeiras. As entrevistas serão conduzidas a partir de um roteiro de questões semiestruturadas em que as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados através de sessões de gravação **presenciais ou** de acordo com as normas estabelecidas para a realização de entrevistas em tempos da COVID19: A Conep vem por meio do presente documento informar aos Comitês de Ética em Pesquisa a Retomada da tramitação regular no sistema CEP/Conep para os projetos de Ciências Humanas e Sociais relacionados à Saúde Mental; **Diante do exposto, as orientações abaixo deverão ser seguidas a partir de 08/06/2020:** Em relação ao Consentimento/Assentimento Livre e Esclarecido:

- De acordo com a Resolução CNS nº 510/2016, esse é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa e dos participantes, devendo conter informações em linguagem clara e de fácil entendimento para o suficiente esclarecimento sobre a pesquisa (Resolução CNS nº 510/2016, Artigo 15).
- Quando da previsão, no desenho metodológico, de coleta de dados em ambiente virtual (Google Forms, Redcap, Survey Monkey, Zoom, Skype, entre outros), a modalidade de Registro de Consentimento deve apresentar, de maneira

destacada, a importância de que o participante de pesquisa guarde em seus arquivos uma cópia do documento e/ou garantindo o envio da via assinada pelos pesquisadores ao participante de pesquisa.

Assim, as respostas serão gravadas com autorização dos entrevistados em documento escrito ou através do ambiente virtuais adotados se assim for necessário, mediante o respeito as condições de distanciamento em situação da Covid19 ou por meio dos ambientes virtuais propostos pela CONEP.

Os riscos envolvidos com sua participação nesse estudo são: possíveis constrangimentos quando da exposição das suas experiências. Riscos estes que serão considerados acatando a sua decisão de suspender ou interromper a entrevista a qual poderá ser suspensa, ou continuada a qualquer momento, que achar conveniente. Como benefício da sua participação na pesquisa temos a oportunidade de escrever a história dessa experiência e assim contribuir com a historiografia da cultura e da cidade de Lavras da Mangabeira.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário. Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada em nome do coordenador da pesquisa, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificado abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Silvana Vieira de Sousa

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande

Endereço Pessoal: Rua Irmã Fernanda, 91, Bairro São José, Cajazeiras PB.

Endereço Profissional: Rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Horário disponível: das 14hrs às 17 horas

Dias: Terça -feira e quarta feira.

Local: Ambiente dos professores , sala 13

Telefone: (83) 99177771

Email: sv_sil@hotmail.com

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufgcz@gmail.com

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA *Lauro de Manguabeira, CE (27/10/2021)*

<i>x Maria das Graças Freire da Silva</i>	<i>Ruziane da Silva Sena Melo</i>
Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal	Nome e assinatura do responsável pelo estudo